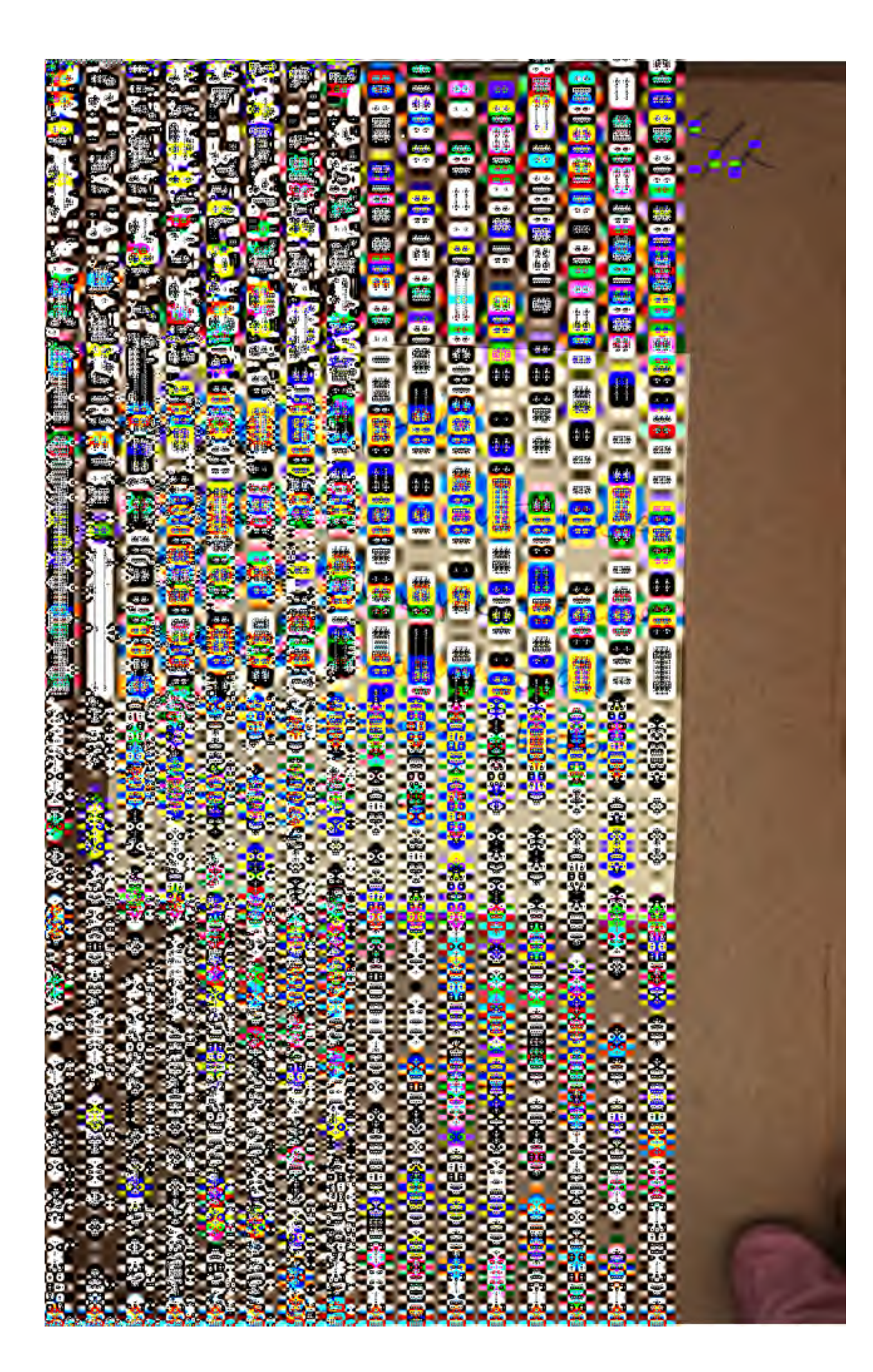

MACHADO DE ASSIS
VARIAS
HISTORIAS
H.GARNIER
RIO DE JANEIRO











GRAYEFF, Felix

Exposição e Interpreta-
ção da Filosofia Teórica
de Kant. tradução de
Antônio Fidalgo, Lisboa:
Edições 70, 1987

4$...

J C Branner
Ceará, May 10. 1911

MACHADO DE ASSIS

Da Academia Brasileira

Varias historias

Mon ami, faisons toujours des contes... Le temps se passe, et le conte de la vie s'achève, sans qu'on s'en aperçoive.

DIDEROT.



H. GARNIER, LIVREIRO EDITOR

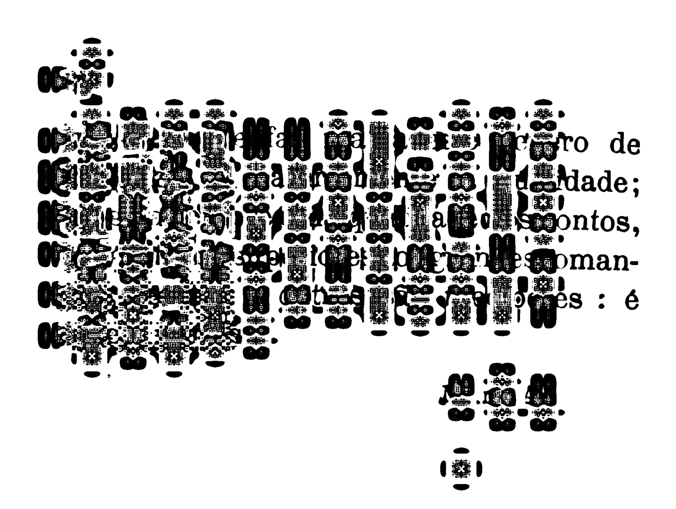
71, rua do Ouvidor, 71 | 6, rue des Saints-Pères, 6

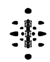
RIO DE JANEIRO | PARIS

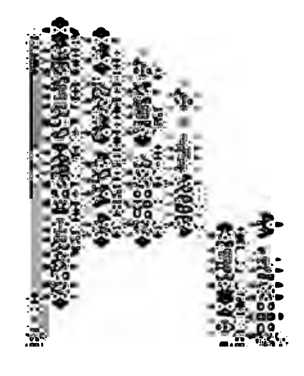
1904

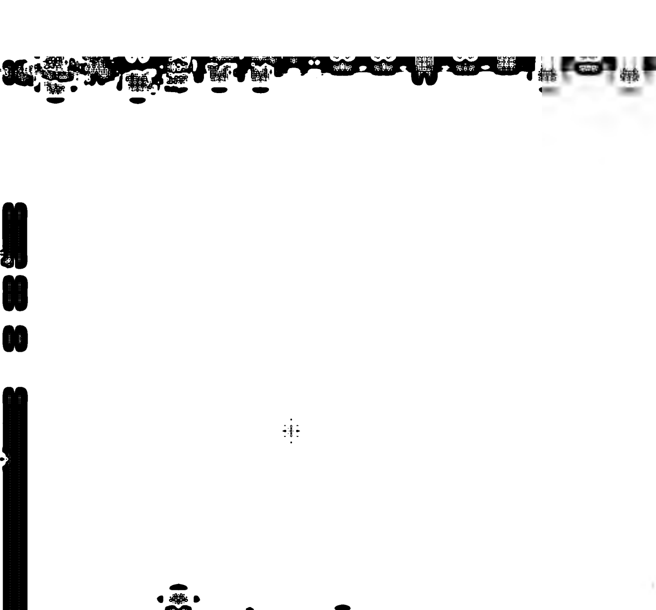
Mi

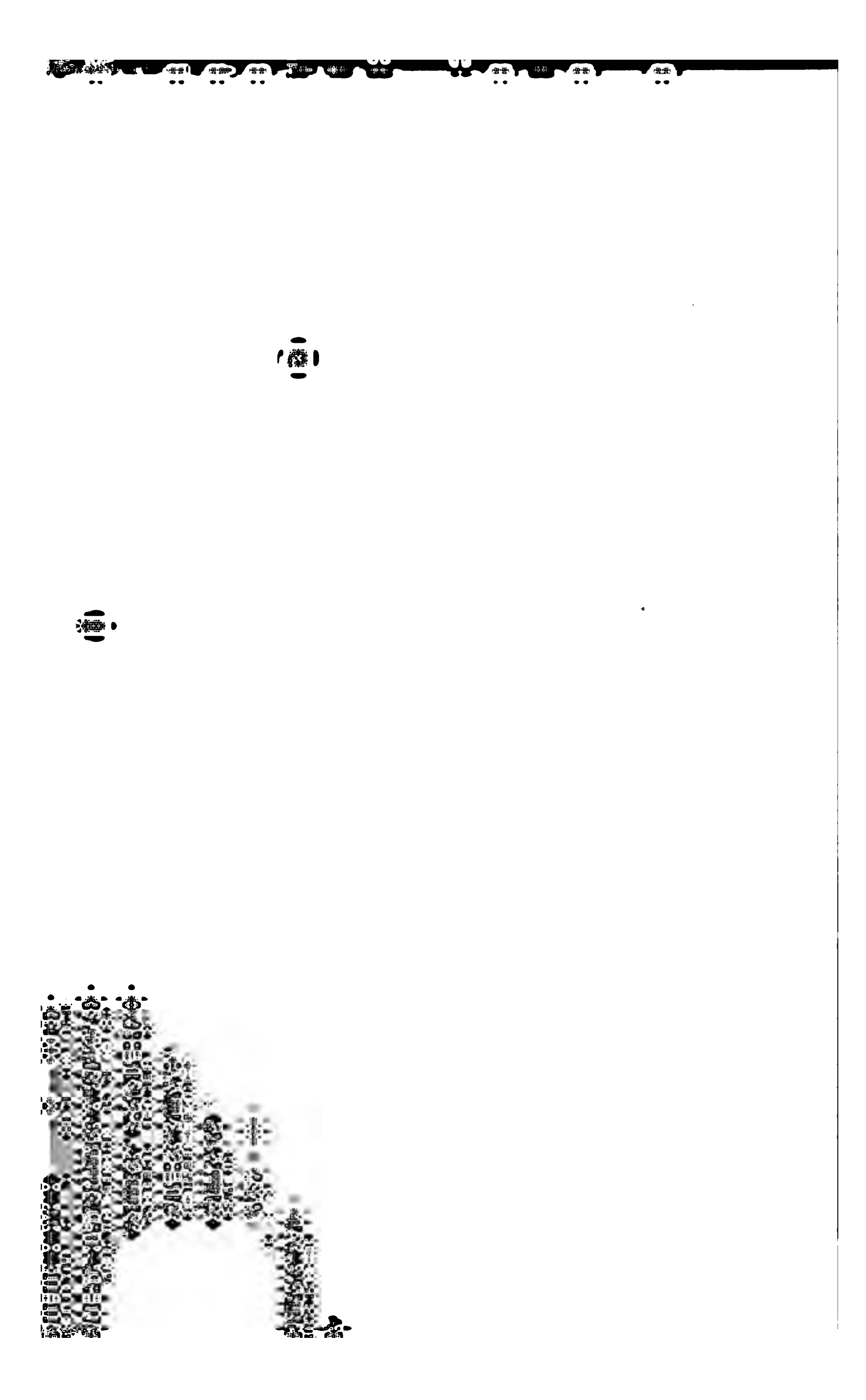
As varias historias que formam este volume foram escolhidas entre outras, e podiam ser accrescentadas, se não conviesse limitar o livro ás suas trezentas paginas. E' a quinta collecção que dou ao publico. As palavras de Diderot que vão por epigraphe no rosto desta collecção servem de desculpa aos que acharem excessivos tantos contos. E' um modo de passar o tempo. Não pretendem sobreviver como os do philosopho. Não são feitos d'aquella materia, nem daquelle estylo que dão aos de Merimée o caracter de obras primas, e collocam os de Poe entre os primeiros escriptos da America. O tamanho

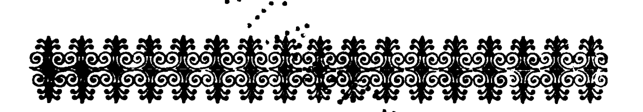










A CARTOMANTE

Hamlet observa a Horacio que ha mais cousas no ceu e na terra do que sonha a nossa philosophia. Era a mesma explicação que dava a bella Rita ao moço Camillo, n'uma sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria della, por ter ido na vespera consultar uma cartomante; a differença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ella adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: « A senhora gosta de uma pessoa... » Confessei que sim, e então ella continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! interrompeu Camillo, rindo.

— Não diga isso, Camillo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camillo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ella sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era elle mesmo. Depois, reprehendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Villela podia sabel-o, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na rua da Guarda-Velha; não passava ninguem nessa occasião Descança; eu não sou maluca.

Camillo riu outra vez:

—Tu crês devéras nessas cousas? perguntou-lhe.

Foi então que ella, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita cousa mysteriosa e verdadeira neste mundo. Se elle não acreditava, pacencia; mas o certo é que a cartomante adivinhára tudo.Que mais? A prova é que ella agora estava tranquilla e satisfeita.

Cuido que elle ia falar, mas reprimiu-se· Não

queria arrancar-lhe as illusões. Tambem elle, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãi lhe incutiu e que aos vinte annos desappareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, elle, como tivesse recebido da mãi ambos os ensinos, envolveu-os na mesma duvida, e logo depois em uma só negação total. Camillo não acreditava em nada. Por que ? Não poderia dizel-o, não possuia um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda affirmar, e elle não formulava a incredulidade; diante do mysterio, contentou-se em levantar os hombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, elle ainda mais que ella. Rita estava certa de ser amada; Camillo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por elle, correr ás cartomantes, e, por mais que a reprehendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela rua das Mangueiras, na direcção de Botafogo, onde residia; Camillo desceu pela da Guarda-Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

[illegible] aven-
[illegible] Vamos
[illegible] infan-
[illegible] o. Ca-
[illegible] von-
[illegible] o pai
[illegible] até que
[illegible] o. No
[illegible] provincia,
[illegible] tonta;
[illegible] Fraca de
[illegible] os la-
[illegible]

[illegible] dendo-
[illegible] marido é
[illegible]

[illegible] ternura.
[illegible] confes-
[illegible] ainda não
[illegible] te, era
[illegible] bocca
[illegible] velha
[illegible] vinte
[illegible] porte
[illegible] ho que
[illegible] uo na

vida moral e pratica. Faltava-lhe tanto a acção do tempo, como os oculos de crystal, que a natureza põe no berço de alguns para adeantar os annos. Nem experiencia, nem intuição.

Uniram-se os tres. Convivencia trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãi de Camillo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos delle. Villela cuidou do enterro, dos suffragios e do inventario ; Rita tratou especialmente de coração, e ninguem o faria melhor.

Como dahi chegaram ao amor, não o soube elle nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado della ; era a sua enfermeira moral, quasi uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. *Odor di femina :* eis o que elle aspirava nella, e em volta della, para incorporal-o em si proprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a theatros e passeios. Camillo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam ás noites ; — ella mal, — elle, para lhe ser agradavel, pouco menos mal. Até ahi as cousas. Agora a acção da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os delle, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as attitudes insolitas. Um dia, fazendo elle annos, recebeu de Villela

uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar comprimento a lapis, e foi então que elle pôde lêr no proprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhetinho. Palavras vulgares; mas ha vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apollo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

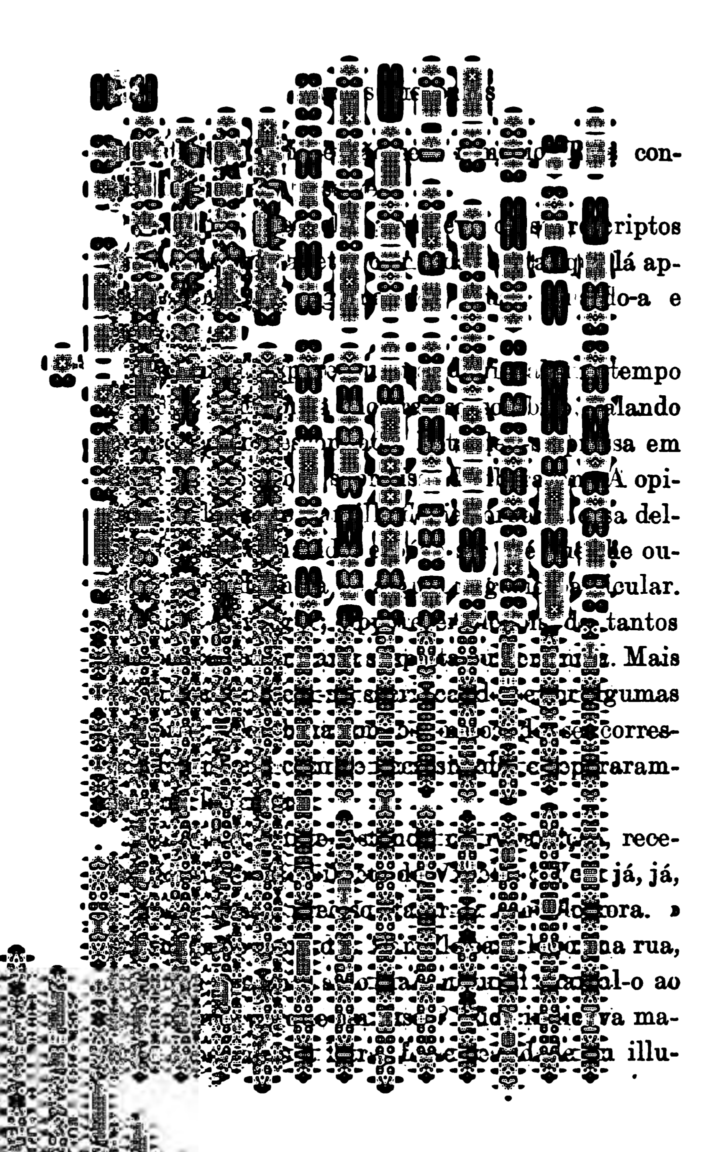
Camillo quiz sinceramente fugir, mas já não pode. Rita como uma serpente, foi-se acercando delle, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos n'um espasmo, e pingou-lhe o veneno na bocca. Elle ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a victoria delirante. Adeus, escrupulos! Não tardou que o sapato se accommodasse ao pé, e ahi foram ambos, estrada fóra, braços dados, pisando folgadamente por cima de hervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Villela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camillo uma carta anonyma, que lhe chamava immoral e perfido, e

dizia que a aventura era sabida de todos. Camillo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas á casa de Villela. Este notou-lhe as ausencias. Camillo respondeu que o motivo era uma paixão frivola de rapaz. Candura gerou astucia. As ausencias prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Póde ser que entrasse tambem nisso um pouco de amor-proprio, uma intenção de diminuir os obsequios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do acto.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu á cartomante para consultal-a sobre a verdadeira causa do procedimento de Camillo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz reprehendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camillo recebeu mais duas ou tres cartas anonymas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertencia da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é activo e prodigo.

Nem por isso Camillo ficou mais socegado; temia que o anonymo fosse ter com Villela, e a



con-

riptos
lá ap-
do-a e

tempo
lando
sa em
A opi-
a del-
e ou-
cular.
tantos
Mais
gumas
corres-
aram-

rece-
já, já,
ora. »
na rua,
l-o ao
va ma-
illu-

sentou-se do lado opposto, com as costas para a janella, de maneira que a pouca luz de fóra batia em cheio no rosto de Camillo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Emquanto as baralhava, rapidamente, olhava para elle, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta annos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou tres cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camillo, maravilhado, fez um gesto affirmativo.

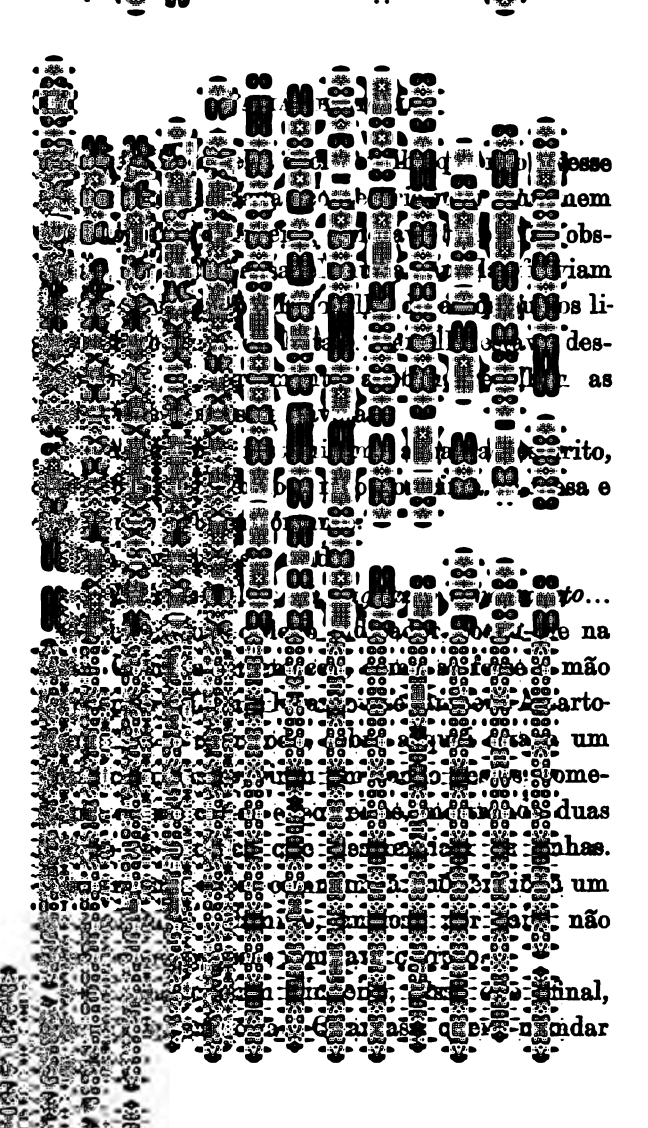
— E quer saber, continuou ella, se lhe acontecerá alguma cousa ou não...

— A mim e a ella, explicou vivamente elle.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rapido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuradas; baralhou-as bem, transpoz os maços, uma, duas, tres vezes; depois começou a estendel-as. Camillo tinha os olhos nella, curioso e ancioso.

— As cartas dizem-me...

Camillo inclinou-se para beber uma a uma as



— Pergunte ao seu coração, respondeu ella.

Camillo tirou uma nota de dez mil réis, et deu-lh'a. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito della... E faz bem; ella gosta muito do senhor. Vá, vá tranquillo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéo...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com elle, falando, com um leve sotaque. Camillo despediu-se della embaixo, e desceu a escada que levava á rua, emquanto a cartomante alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camillo achou o tilbury esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava limpido e as caras joviaes. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Villela e reconheceu que eram intimos e familiares. Onde é que elle lhe descobrira a ameaça? Advertiu tambem que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negocio grave e gravissimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia elle ao cocheiro.

E comsigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou tambem o plano de aproveitar o incidente para tornar á antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ella adivinhára o objecto da consulta, o estado delle, a existencia de um terceiro; porque não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e continuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mysterio empolgava-o com as unhas de ferro. A's vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras seccas e affirmativas, a exhortação: — Vá, vá, *ragazzo innamorato;* e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, taes eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

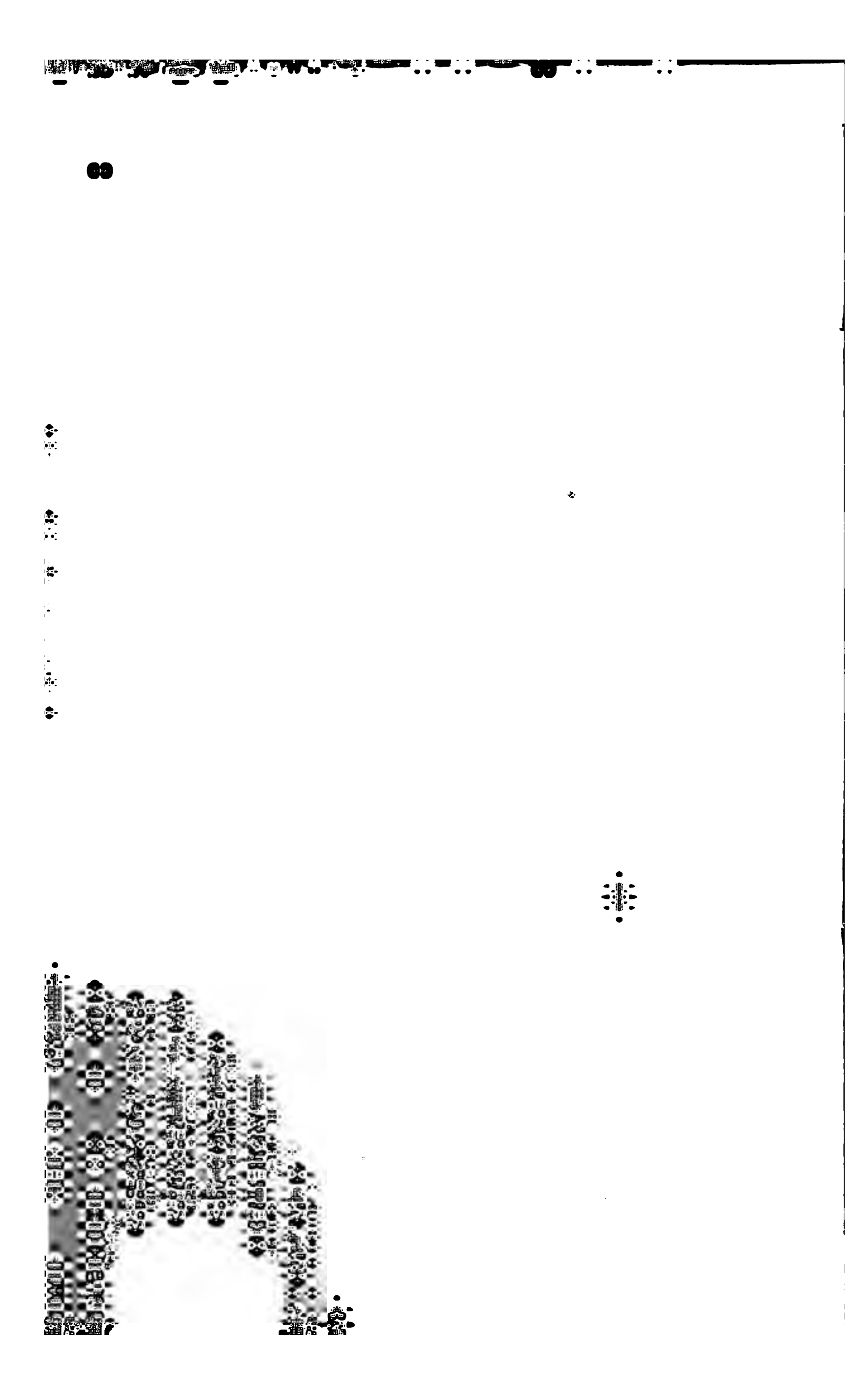
A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outr'ora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Gloria, Camillo olhou para o mar, estendeu os olhos para fóra, até onde a agua e o céu dão um abraço infi-

nito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminavel.

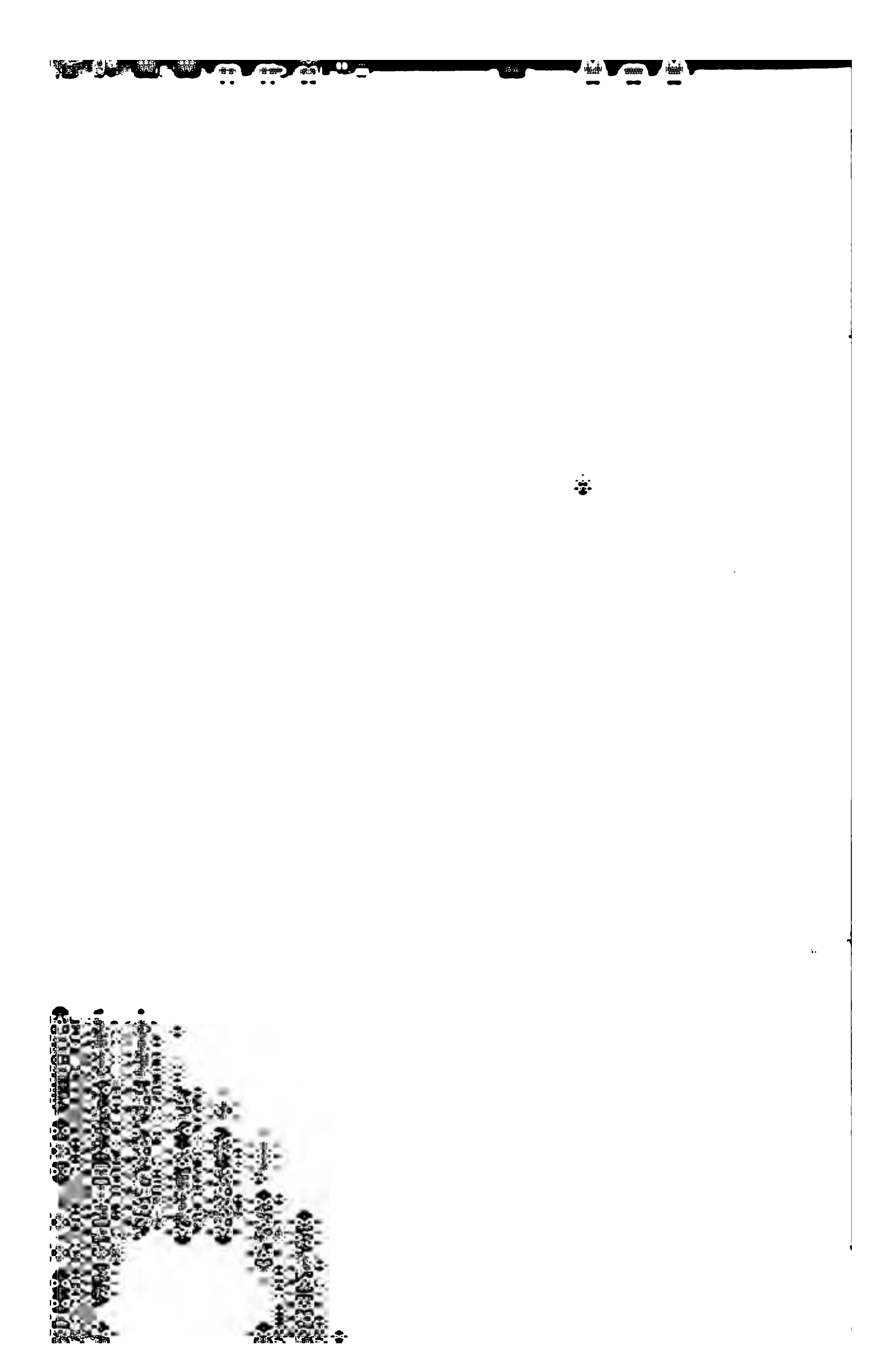
Dahi a pouco chegou á casa de Villela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degráos de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e appareceu-lhe Villela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que ha?

Villela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe signal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camillo não pôde suffocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Villela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.



Entre Santos





ENTRE SANTOS

Quando eu era capellão de S. Francisco de Paula (contava um padre velho) aconteceu-me uma aventura extraordinaria.

Morava ao pé da egreja, e recolhi-me tarde, uma noite. Nunca me recolhi tarde que não fosse vêr primeiro se as portas do templo estavam bem fechadas. Achei-as bem fechadas, mas lobriguei luz por baixo dellas. Corri assustado á procura da ronda; não a achei, tornei atraz e fiquei no adro, sem saber que fizesse. A luz, sem ser muito intensa, era-o demais para ladrões; além disso notei que era fixa e egual, não andava de um lado para outro, como seria a das velas ou lanternas de pessoas que estivessem roubando. O mysterio arrastou-me; fui a casa buscar as chaves da sacristia (o sacristão tinha ido passar a noite em

[illegible] rta e

[illegible] migo
[illegible] ando
[illegible] pri-
[illegible] com
[illegible] sma
[illegible] o da
[illegible] ceira
[illegible] m o
[illegible] m de
[illegible]
[illegible] verti
[illegible] correr
[illegible] s de-
[illegible] lguns
[illegible] ual e
[illegible] a luz
[illegible] is me
[illegible] fusas,
[illegible] ira de
[illegible] ue di-
[illegible] a que
[illegible] veres
[illegible] a con-
[illegible] pavo-

rido, e só passado algum tempo, é que pude reagir e chegar outra vez á porta, dizendo a mim mesmo que semelhante ideia era um disparate. A realidade ia dar-me cousa mais assombrosa que um dialogo de mortos. Encomendei-me a Deus, benzi-me outra vez e fui andando, sorrateiramente, encostadinho á parede, até entrar. Vi então uma cousa extraordinaria.

Dois dos tres santos do outro lado, S. José e S. Miguel (á direita de quem entra na egreja pela porta da frente), tinham descido dos nichos e estavam sentados nos seus altares. As dimensões não eram as das proprias imagens, mas de homens. Fallavam para o lado de cá, onde estão os altares de S. João Baptista e S. Francisco de Salles. Não posso descrever o que senti. Durante algum tempo, que não chego a calcular, fiquei sem ir para diante nem para traz, arrepiado e tremulo. Com certeza, andei beirando o abysmo da loucura, e não cai nelle por misericordia divina. Que perdi a consciencia de mim mesmo e de toda outra realidade que não fosse aquella, tão nova e tão unica, posso affirmal-o; só assim se explica a temeridade com que, dalli a algum tempo, entrei mais pela egreja, afim de olhar tambem para o lado opposto. Vi ahi a mesma cousa:

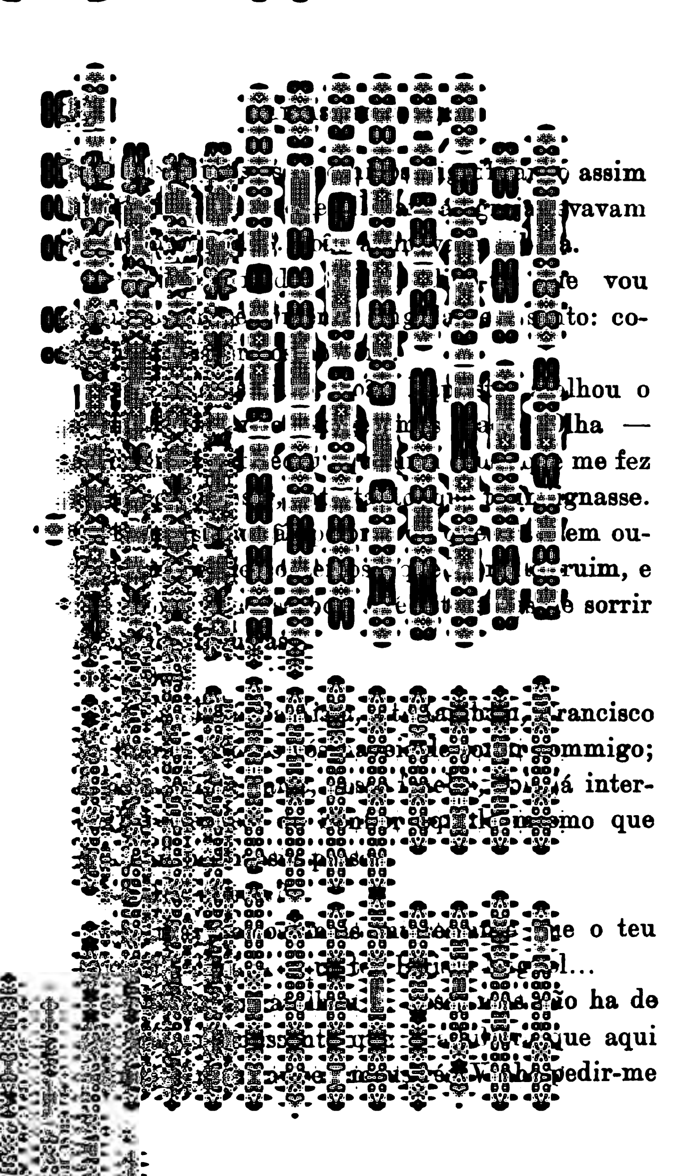
S. Francisco de Salles e S. João, descidos dos nichos, sentados nos altares e falando com os outros santos.

Tinha sido tal a minha estupefacção que elles continuaram a falar, creio eu, sem que eu sequer ouvisse o rumor das vozes. Pouco a pouco, adquiri a percepção dellas e pude comprehender que não tinham interrompido a conversação; distingui-as, ouvi claramente as palavras, mas não pude colher desde logo o sentido. Um dos santos falando para o lado do altar-mór, fez-me voltar a cabeça, e vi então que S. Francisco de Paula, o orago da egreja, fizera a mesma cousa que os outros e falava para elles, como elles falavam entre si. As vozes não subiam do tom médio e, comtudo, ouviam-se bem, como se as ondas sonoras tivessem recebido um poder maior de transmissão. Mas, se tudo isso era espantoso, não menos o era a luz, que não vinha de parte nenhuma, porque os lustres e castiçaes estavam todos apagados; era como um luar, que alli penetrasse, sem que os olhos pudessem ver a lua; comparação tanto mais exacta quanto que, se fosse realmente luar, teria deixado alguns logares escuros, como alli acontecia, e foi n'um desses recantos que me refugiei.

Já então procedia automaticamente. A vida que vivi durante esse tempo todo, não se pareceu com a outra vida anterior e posterior. Basta considerar que, diante de tão extranho expectaculo, fiquei absolutamente sem medo; perdi a reflexão, apenas sabia ouvir e contemplar.

Comprehendi, no fim de alguns instantes, que elles inventariavam e commentavam as orações e implorações daquelle dia. Cada um notava alguma cousa. Todos elles, terriveis psychologos, tinham penetrado a alma e a vida dos fieis, e desfibravam os sentimentos de cada um, como os anatomistas escalpellam um cadaver. S. João Baptista e S. Francisco de Paula, duros ascetas, mostravam-se ás vezes enfadados e absolutos. Não era assim S. Francisco de Salles; esse ouvia ou contava as cousas com a mesma indulgencia que presidira ao seu famoso livro da *Introducção á vida devota.*

Era assim, segundo o temperamento de cada um, que elles iam narrando e commentando. Tinham já contado casos de fé sincera e castiça outros de indifferença, dissumulação e versatilidade; os dois ascetas estavam a mais e mais anojados, mas S. Francisco de Salles recordava-lhes o texto da Escriptura: muitos são os cha-



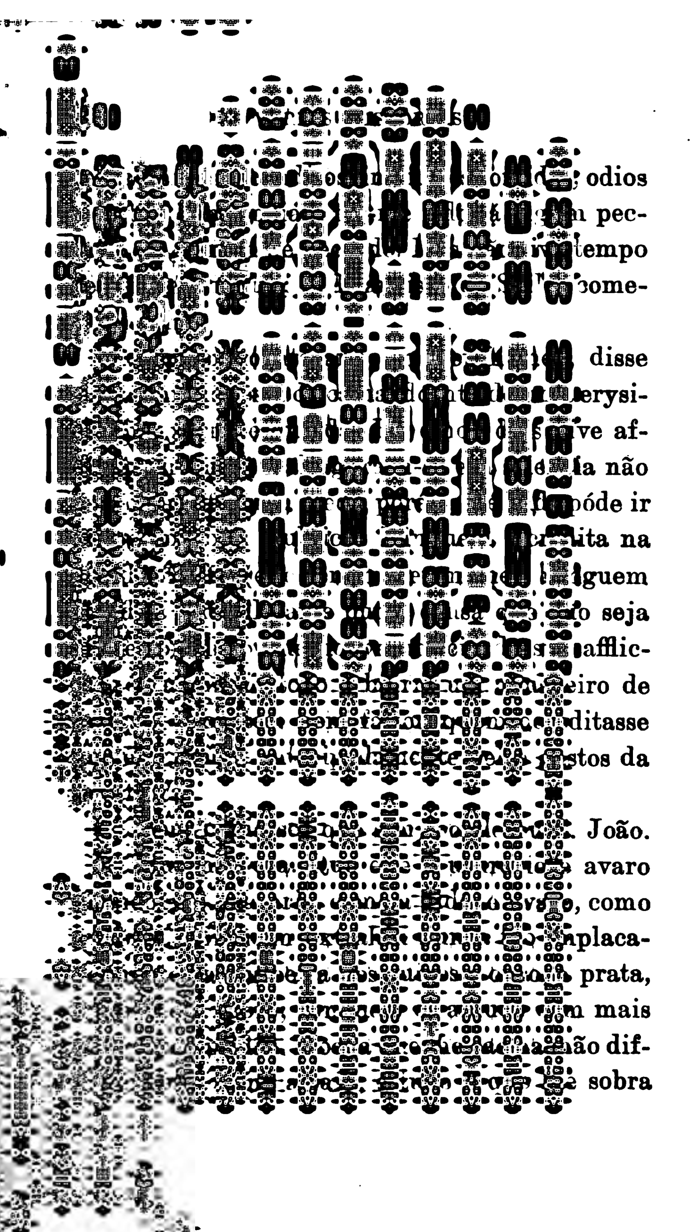
que lhe limpasse o coração da lepra da luxuria. Brigára hontem mesmo com o namorado, que a injuriou torpemente, e passou a noite em lagrimas. De manhã, determinou abandonal-o e veiu buscar aqui a força precisa para sair das garras do demonio. Começou resando bem, cordialmente; mas pouco a pouco vi que o pensamento a ia deixando para remontar aos primeiros deleites. As palavras, parallelamente, iam ficando sem vida. Já a oração era morna, depois fria, depois inconsciente; os labios affeitos á resa, iam resando; mas a alma, que eu espiava cá de cima, essa já não estava aqui, estava com o outro. Afinal persignou-se, levantou-se e saiu sem pedir nada.

— Melhor é o meu caso.

— Melhor que isto? perguntou S. José, curioso.

— Muito melhor, respondeu S. Francisco de Salles, e não é triste como o dessa pobre alma ferida do mal da terra, que a graça do Senhor ainda póde salvar. E porque não salvará tambem a esta outra? Lá vae o que é.

Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, attentos, esperando. Aqui fiquei com medo; lembrou-me que elles, que vêem tudo o que se passa no interior da gente, como se fossemos de vidro,



[illegible] odios [illegible] pec- [illegible] tempo [illegible] come-

[illegible] disse [illegible] erysi- [illegible] ve af- [illegible] não [illegible] póde ir [illegible] ita na [illegible] alguem [illegible] seja [illegible] afflic- [illegible] eiro de [illegible] ditasse [illegible] stos da

[illegible] João. [illegible] avaro [illegible], como [illegible] placa- [illegible] prata, [illegible] mais [illegible] ão dif- [illegible] sobra

das casas mora dentro de um armario de ferro, fechado a sete chaves. Abre-o ás vezes, por horas mortas, contempla o dinheiro alguns minutos, e fecha-o outra vez depressa; mas nessas noites não dorme, ou dorme mal. Não tem filhos. A vida que leva é sordida; come para não morrer, pouco e ruim. A familia compõe-se da mulher e de uma preta escrava, comprada com outra, ha muitos annos, e ás escondidas, por serem de contrabando. Dizem até que nem as pagou, porque o vendedor falleceu logo sem deixar nada escripto. A outra preta morreu ha pouco tempo; e aqui vereis se este homen tem ou não o genio da economia; Salles libertou o cadaver...

E o santo bispo calou-se para saborear o espanto dos outros.

— O cadaver?

— Sim, o cadaver. Fez enterrar a escrava como pessoa livre e miseravel, para não acudir ás despezas da sepultura. Pouco embora, era alguma cousa. E para elle não ha pouco; com pingos d'agua é que se alagam as ruas. Nenhum desejo de representação, nenhum gosto nobiliario; tudo isso custa dinheiro, e elle diz que o dinheiro não lhe cahe do céu. Pouca sociedade, nenhuma recreação de familia. Ouve e conta

anecdotas da vida alheia, que é regalo gratuito.

— Comprehende-se a incredulidade publica, ponderou S. Miguel.

— Não digo que não, porque o mundo não vai além da superficie das cousas. O mundo não vê que, além de caseira eminente, educada por elle, e sua confidente de mais de vinte annos, a mulher deste Salles é amada devéras pelo marido. Não te espantes, Miguel; naquelle muro asperrimo brotou uma flor descorada e sem cheiro, mas flor. A botanica sentimental tem dessas anomalias. Salles ama a esposa; está abatido e desvairado com a ideia de a perder. Hoje de manhã, muito cedo, não tendo dormido mais de duas horas entrou a cogitar no desastre proximo. Desesperando da terra, voltou-se para Deus; pensou em nós, e especialmente em mim, que sou o santo do seu nome. Só um milagre podia salval-a; determinou vir aqui. Mora perto, e veiu correndo. Quando entrou trazia o olhar brilhante e esperançado; podia ser a luz da fé, mas era outra cousa muito particular, que vou dizer. Aqui peço-vos que redobreis de attenção.

Vi os bustos inclinarem-se ainda mais; eu proprio não pude esquivar-me ao movimento e dei um passo para diante. A narração do santo

foi tão longa e miuda, a analyse tão complicada, que não as ponho aqui integralmente, mas em substancia.

— Quando pensou em vir pedir-me que intercedesse pela vida da esposa, Salles teve uma ideia especifica de usurario, a de prometter-me uma perna de cêra. Não foi o crente, que symbolisa desta maneira a lembrança do beneficio; foi o usurario que pensou em forçar a graça divina pela expectação do lucro. E não foi só a usura que falou, mas tembem a avareza; porque em verdade, dispondo-se á promessa, mostrava elle querer devéras a vida da mulher — intuição de avaro; — despender é documentar: só se quer de coração aquillo que se paga a dinheiro, disse-lh'o a consciencia pela mesma bocca escura. Sabeis que pensamentos taes não se formulam como outros, nascem das entranhas do caracter e ficam na penumbra da consciencia. Mas eu li tudo nelle logo que aqui entrou alvoroçado, com o olhar fulgido de esperança; li tudo e esperei que acabasse de benzer-se e rezar.

— Ao menos, tem alguma religião, ponderou S. José.

— Alguma tem, mas vaga e economica. Não entrou nunca em irmandades e ordens terceiras,

porque nellas se rouba o que pertence ao Senhor; é o que elle diz para conciliar a devoção com a algibeira. Mas não se póde ter tudo; é certo que elle teme a Deus e crê na doutrina.

— Bem, ajoelhou-se e rezou.

— Rezou. Emquanto rezava, via eu a pobre alma, que padecia devéras, comquanto a esperança começasse a trocar-se em certeza intuitiva. Deus tinha de salvar a doente, por força, graças á minha intervenção, e eu ia interceder; é o que elle pensava, emquanto os labios repetiam as palavras da oração. Acabando a oração ficou Salles algum tempo olhando, com as mãos postas; afinal falou a bocca do homem, falou para confessar a dor, para jurar que nemhuma outra mão, além da do Senhor, podia atalhar o golpe. A mulher ia morrer... ia morrer... ia morrer... E repetia a palavra, sem sair della. A mulher ia morrer. Não passava adiante. Prestes a formular o pedido e a promessa não achava palavras idoneas, nem approximativas, nem sequer dubias, não achava nada, tão longo era o descostume de dar alguma cousa. Afinal saiu o pedido; a mulher ia morrer, elle rogava-me que a salvasse, que pedisse por ella ao Senhor. A promessa, porém, é que não acabava de sair. No momento em que

a bocca ia articular a primeira palavra, a garra da avareza mordia-lhe as entranhas e não deixava sair nada. Que a salvasse... que intercedesse por ella...

No ar, diante dos olhos, recortava-se-lhe a perna de cêra, e logo a moeda que ella havia de custar. A perna desappareceu, mas ficou a moeda, redonda, luzidia, amarella, ouro puro, completamente ouro, melhor que o dos castiçaes do meu altar, apenas dourados. Para onde quer que virasse os olhos, via a moeda, girando, girando, girando. E os olhos a apalpavam, de longe, e transmittiam-lhe a sensação fria do metal e até a do relevo do cunho. Era ella mesma, velha amiga de longos annos, companheira do dia e da noite, era ella que alli estava no ar, girando, as tontas; era ella que descia do tecto, ou subia do chão, ou rolava no altar, indo da Epistola ao Evangelho, ou tilintava nos pingentes do lustre.

Agora a supplica dos olhos e a melancolia delles eram mais intensas e puramente voluntarias. Vi-os alongarem-se para mim, cheios de contricção, de humilhação, de desamparo; e a bocca ia dizendo algumas cousas soltas, — Deus, — os anjos do Senhor, — as bentas chagas, — palavras lacrimosas e tremulas, como para pintar

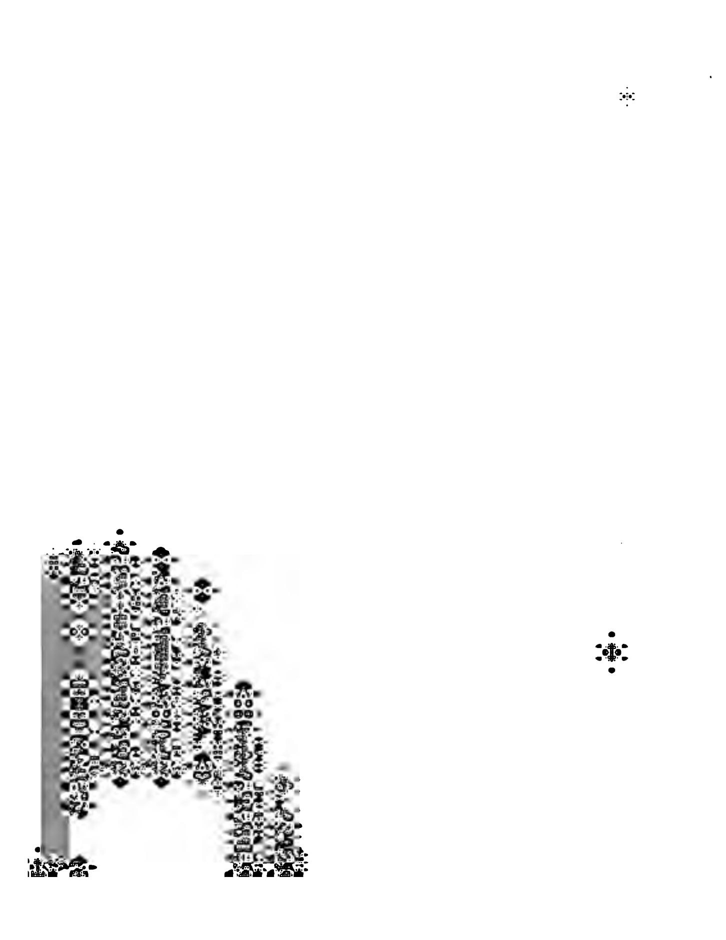
[illegible] de da [illegible] A's [illegible] forças, [illegible] te a [illegible] o que [illegible] vallo, [illegible] ergia [illegible] mem. [illegible] escia, [illegible] do os [illegible] uma [illegible] mais [illegible] ulher [illegible] pobre [illegible] ar ex- [illegible] r ella,

[illegible] e uma [illegible] zendo- [illegible] muito [illegible] Salles, [illegible] olhar [illegible] me que [illegible] à mu- [illegible] nos, — [illegible] rias. E

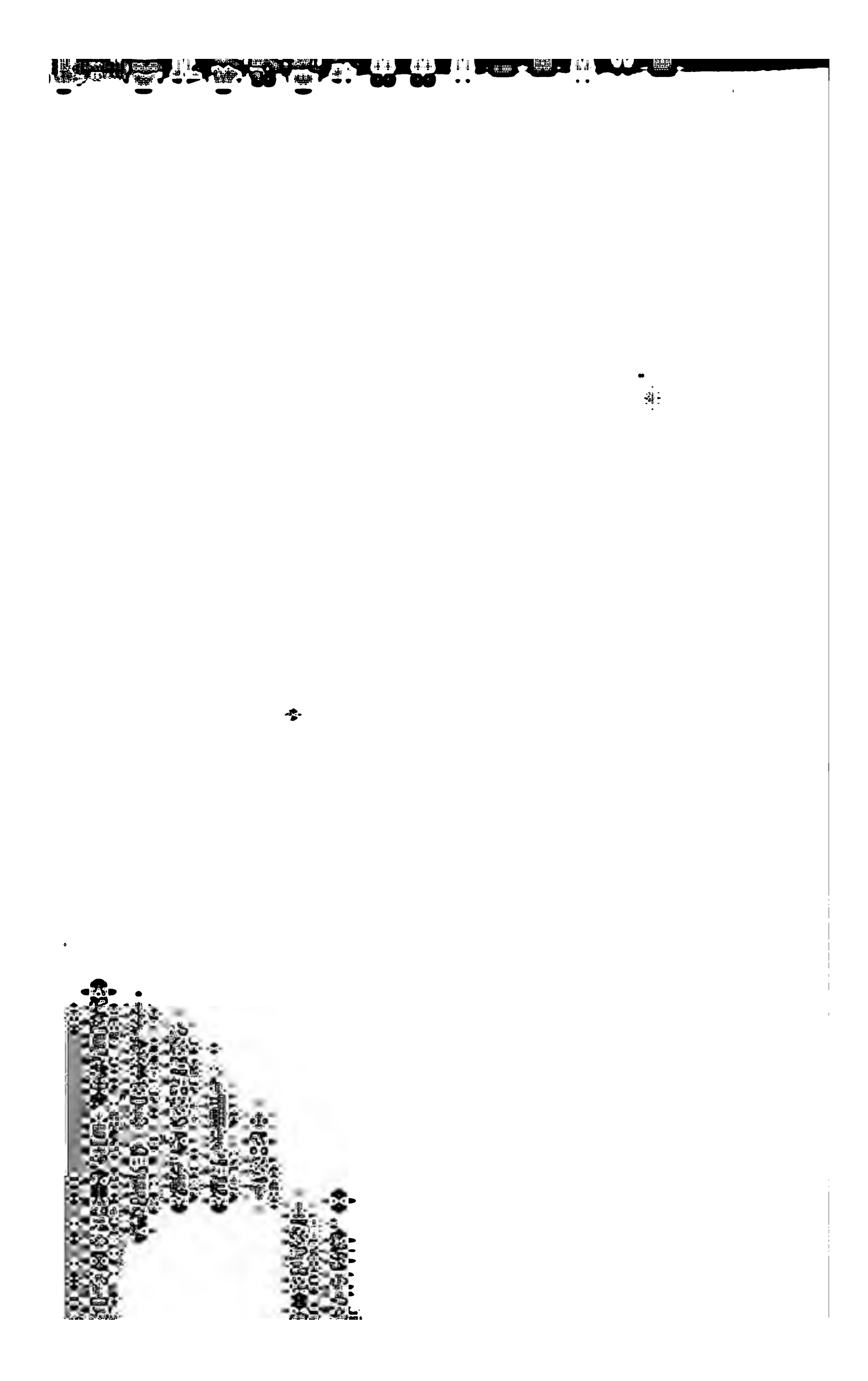
repetia emphatico: trezentos, trezentas, trezentos... Foi subindo, chegou a quinhentos, a mil padre-nossos e mil ave-marias. Não via esta somma escripta por lettras do alphabeto, mas em algarismos, como se ficasse assim mais viva, mais exacta, e a obrigação maior, e maior tambem a seducção. Mil padre-nossos, mil ave-marias. E voltaram as palavras lacrimosas e tremulas, as bentas chagas, os anjos do Senhor... 1,000—1,000—1,000. Os quatro algarismos foram crescendo tanto, que encheram a egreja de alto a baixo, e com elles, crescia o esforço do homem, e a confiança tambem; a palavra saía-lhe mais rapida, impetuosa, já falada, mil, mil, mil, mil... Vamos lá, podeis rir á vontade, concluiu S. Francisco de Salles.

E os outros santos riram effectivamente, não daquelle grande riso descomposto dos deuses de Homero, quando viram o côxo Vulcano servir á mesa, mas de um riso modesto, tranquillo, beato e catholico.

Depois, não pude ouvir mais nada. Caí redondamente no chão. Quando dei por mim era dia claro... Corri a abrir todas as portas e janellas da egreja e da sacristia, para deixar entrar o sol, inimigo dos maus sonhos.



Uns Braços





UNS BRAÇOS

Ignacio estremeceu, ouvindo os gritos do solicitador, recebeu o prato que este lhe apresentava e tratou de comer, debaixo de uma trovoada de nomes, malandro, cabeça de vento, estupido, maluco.

— Onde anda que nunca ouve o que lhe digo? Hei de contar tudo a seu pai, para que lhe sacuda a preguiça do corpo com uma boa vara de marmello, ou um páo; sim, ainda póde apanhar, não pense que não. Estupido! maluco!

— Olhe que lá fóra é isto mesmo que você vê aqui, continuou, voltando-se para D. Severina, senhora que vivia com elle maritalmente, ha annos. Confunde-me os papeis todos, erra as casas, vae a um escrivão em vez de ir a outro, troca os advogados: é o diabo! E' o tal somno pesado e

continuo. De manhã é o aque se vê; primeiro que accorde é preciso quebrar-lhe os ossos... Deixe; amanhã hei de accordal-o a páo de vassoura!

D. Severina tocou-lhe no pé, come pedindo que acabasse. Borges expeitorou ainda alguns improperios, e ficou em paz com Deus e os homens.

Não digo que ficou em paz com os meninos, porque o nosso Ignacio não era propriamente menino. Tinha quinze annos feitos e bem feitos. Cabeça inculta, mas bella, olhos de rapaz que sonha, que adivinha, que indaga, que quer saber e não acaba de saber nada. Tudo isso posto sobre um corpo não destituido de graça, ainda que mal vestido. O pai é barbeiro na Cidade-Nova, e pol-o de agente, escrevente, ou que quer que era, do solicitador Borges, com esperança de vel-o no fôro, porque lhe parecia que os procuradores de causas ganhavam muito. Passava-se isto na rua da Lapa, em 1870.

Durante alguns minutos não se ouviu mais que o tinir dos talheres e o ruido da mastigação. Borges abarrotava-se de alface e vacca; interrompia-se para virgular a oração com um golpe de vinho e continuava logo calado.

Ignacio ia comendo devagarinho, não ousando levantar os olhos do prato, nem para collocal-os

onde elles estavam no momento em que o terrivel Borges o descompoz. Verdade é que seria agora muito arriscado. Nunca elle poz os olhos nos braços de D. Severina que se não esquecesse de si e de tudo.

Tambem a culpa era antes de D. Severina em trazel-os assim nús, constantemente. Usava mangas curtas em todos os vestidos de casa, meio palmo abaixo do hombro; dalli em diante ficavam-lhe os braços á mostra. Na verdade, eram bellos e cheios, em harmonia com a dona, que era antes grossa que fina, e não perdiam a côr nem a maciez por viverem ao ar; mas é justo explicar que ella os não trazia assim par faceira, senão porque já gastára todos os vestidos de mangas compridas. De pé, era muito vistosa; andando, tinha meneios engraçados; elle, entretanto, quasi que só a via á mesa, onde, além dos braços, mal poderia mirar-lhe o busto. Não se póde dizer que era bonita; mas tambem não era feia. Nenhum adorno; o proprio penteado consta de mui pouco; alisou os cabellos, apanhou-os, atou-os e fixou-os no alto da cabeça com o pente de tartaruga que a mãi lhe deixou. Ao pescoço, um lenço escuro; nas orelhas, nada. Tudo isso com vinte e sete annos floridos e solidos.

Acabaram de jantar. Borges, vindo o café, tirou quatro charutos da algibeira, comparou-os, apertou-os entre os dedos, escolheu um e guardou os restantes. Acceso o charuto, fincou os cotovellos na mesa e falou a D. Severina de trinta mil cousas que não interessavam nada ao nosso Ignacio; mas emquanto falava, não o descompunha e elle podia devanear á larga.

Ignacio demorou o café o mais que pôde. Entre um e outro gole, alisava a toalha, arrancava dos dedos pedacinhos de pelle imaginarios, ou passava os olhos pelos quadros da sala de jantar, que eram dois, um S. Pedro e um S. João, registros trazidos de festas e encaixilhados em casa. Vá que disfarçasse com S. João, cuja cabeça moça alegra as imaginações, catholicas; mas com o austero S. Pedro era de mais. A unica defesa do moço Ignacio é que elle não via nem um nem outro; passava os olhos por alli como por nada. Via só os braços de D. Severina, — ou porque sorrateiramente olhasse para elles, ou porque andasse com elles impressos na memoria.

— Homem, você não acaba mais? bradou de repente o solicitador.

Não havia remedio; Ignacio bebeu a ultima gotta, já fria, e retirou-se, como de costume, para

o seu quarto, nos fundos da casa. Entrando, fez um gesto de zanga e desespero e foi depois encostar-se a uma das duas janellas que davam para o mar. Cinco minutos depois, a vista das aguas proximas e das montanhas ao longe restituia-lhe o sentimento confuso, vago, inquieto, que lhe doía e fazia bem, alguma cousa que deve sentir a planta, quando abotoa a primeira flor. Tinha vontade de ir embora e de ficar. Havia cinco semanas que alli morava, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiencias e cartorios, correndo, levando papeis ao sello, ao distribuidor, aos escrivães, aos officiaes de justiça. Voltava á tarde, jantava e recolhia-se ao quarto, até a hora da ceia; ceiava e ia dormir. Borges não lhe dava intimidade na familia, que se compunha apenas de D. Severina, nem Ignacio a via mais de tres vezes por dia durante as refeições. Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãi e das irmãs; cinco semanas de silencio, porque elle só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.

— Deixe estar, — pensou elle um dia — fujo daqui e não volto mais.

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão

bonitos e tão fescos. A educação que tivera não lhe permittia encaral-os logo abertamente, parece até que a principio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao vêr que elles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de tres semanas eram elles, moralmente falando, as suas tendas de repouso. Aguentava toda a trabalheira de fóra toda a melancolia da solidão e do silencio, toda a grosseria do patrão, pela unica paga de vêr, tres vezes por dia, o famoso par de braços.

Naquelle dia, emquanto a noite ia caindo e Ignacio estirava-se na rede (não tinha alli outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episodio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma cousa. Rejeitou a ideia logo, uma criança! Mas ha ideias que são da familia das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, ellas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze annos; e ella advertiu que entre o nariz e a bocca do rapaz havia um principio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ella bonita? Esta outra ideia não foi rejeitada, antes affagada e beijada. E recordou então os modos delle, os esquecimentos, as dis-

tracções, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram symptomas, e concluiu que sim.

— Que é que você tem? disse-lhe o solicitador, estirado no canapé, ao cabo de alguns minutos de pausa.

— Não tenho nada.

— Nada? Parece que cá em casa anda tudo dormindo! Deixem estar, que eu sei de um bom remedio para tirar o somno aos dorminhocos...

E foi por alli, no mesmo tom zangado, fuzilando ameaças, mas realmente incapaz de as cumprir, pois era antes grosseiro que mau. D. Severina interrompia-o que não, que era engano, não estava dormindo, estava pensando na comadre Fortunata. Não a visitavam desde o Natal; porque não iriam lá uma daquellas noites? Borges redarguia que andava cançado, trabalhava como um negro,não estava para visitas de parola; e descompoz a comadre, descompoz o compadre, descompoz o afilhado, que não ia ao collegio, com dez annos! Elle, Borges, com dez annos, já sabia ler, escrever e contar, não muito bem, é certo, mas sabia. Dez annos! Havia de ter um bonito fim: — vadio, e o covado e meio nas costas. A tarimba é que viria ensinal-o.

D. Severina apaziguava-o com desculpas a

pobreza da comadre, o caiporismo do compadre, e fazia-lhe carinhos, a medo, que elles podiam irrital-o mais. A noite caíra de todo; ella ouviu o *tlic* do lampeão do gaz da rua, que acabavam de accender, e viu o clarão delle nas janellas da casa fronteira. Borges, cançado do dia, pois era realmente um trabalhador de primeira ordem, foi fechando os olhos e pegando no somno, e deixou-a só na sala, ás escuras, comsigo e com a descoberta que acaba de fazer.

Tudo parecia dizer á dama que era verdade; mas essa verdade, desfeita a impressão do assombro, trouxe-lhe uma complicação moral, que ella só conheceu pelos effeitos, não achando meio de discernir o que era. Não podia entender-se nem equilibrar-se chegou a pensar em dizer tudo ao solicitador, e elle que mandasse embora o fedelho. Mas que era tudo? Aqui estacou: realmente, não havia mais que supposição, coincidencia e possivelmente illusão. Não, não, illusão não era. E logo recolhia os indicios vagos, as attitudes do mocinho, o acanhamento, as distracções, para rejeitar a ideia de estar enganada. Dahi a pouco(capciosa natureza!)reflectindo que seria, mau accusal-o sem fundamento, admittiu que se illudisse, para o unico fim de observal-o

melhor e averiguar bem a realidade das cousas.

Já nessa noite, D. Severina mirava por baixo dos olhos os gestos de Ignacio; não chegou a achar nada, porque o tempo do chá era curto e o rapazinho não tirou os olhos da chicara. No dia seguinte pôde observar melhor, e nos outros optimamente. Percebeu que sim, que era amada e temida, amor adolescente e virgem, retido pelos liames sociaes e por um sentimento de inferioridade que o impedia de reconhecer-se a si mesmo. D. Severina comprehendeu que não havia receiar nenhum desacato, e concluiu que o melhor era não dizer nada ao solicitador; poupava-lhe um desgosto, e outro á pobre criança. Já se persuadia bem que elle era criança, e assentou de o tratar tão seccamente como até alli, ou ainda mais. E assim fez; Ignacio começou a sentir que ella fugia com os olhos, ou falava aspero, quasi tanto como o proprio Borges. De outras vezes, é verdade que o tom da voz saía brando e até meigo, muito meigo; assim como o olhar, geralmente esquivo, tanto errava por outras partes, que, para descansar, vinha pousar na cabeça delle; mas tudo isso era curto.

— Vou-me embora, repetia elle na rua como nos primeiros dias.

Chegava a casa e não se ia embora. Os braços de D. Severina fechavam-lhe um parenthesis no meio do longo e fastidioso periodo da vida que levava, e essa oração intercalada trazia uma ideia original e profunda, inventada pelo céu unicamente para elle. Deixava-se estar e ia andando. Afinal, porém, teve de sair, e para nunca mais; eis aqui como e porquê.

D. Severina tratava-o desde alguns dias com benignidade. A rudeza da voz parecia acabada, e havia mais do que brandura, havia desvello e carinho. Um dia recommendava-lhe que não apanhasse ar, outro que não bebesse agua fria depois do café quente, conselhos, lembranças, cuidados de amiga e mãi, que lhe lançaram na alma ainda maior inquietação e confusão. Ignacio chegou ao extremo de confiança de rir um dia á mesa, cousa que jámais fizera; e o solicitador não o tratou mal dessa vez, porque era elle que contava um caso engraçado, e ninguem pune a outro pelo applauso que recebe. Foi então que D. Severina viu que a bocca do mocinho, graciosa estando calada, não o era menos quando ria.

A agitação de Ignacio ia crescendo, sem que elle pudesse acalmar-se nem entender-se. Não estava bem em parte nenhuma. Accordava de

noite, pensando em D. Severina. Na rua, trocava de esquinas, errava as portas, muito mais que dantes, e não via mulher, ao longe ou ao perto, que lh'a não trouxesse á memoria. Ao entrar no corredor da casa, voltando do trabalho, sentia sempre algum alvoroço, ás vezes grande, quando dava com elle no topo da escada, olhando através das grades de pau da cancella, como tendo acudido a ver quem era.

Um domingo, — nunca elle esqueceu esse domingo, — estava só no quarto, á janella, virado para o mar, que lhe falava a mesma linguagem obscura e nova de D. Severina. Divertia-se em olhar para as gaivotas, que faziam grandes giros no ar, ou pairavam em cima d'agua, ou avoaçavam sómente. O dia estava lindissimo. Não era só um domingo christão; era um immenso domingo universal.

Ignacio passava-os todos alli no quarto ou á janella, ou relendo um dos tres folhetos que trouxera comsigo, contos de outros tempos, comprados a tostão, debaixo do passadiço do largo do Paço. Eram duas horas da tarde. Estava cançado, dormira mal a noite, depois de haver andado muito na vespera; estirou-se na rêde, pegou em um dos folhetos, a *Princeza Magalona*, e come-

çou a ler. Nunca pôde entender porque é que todas as heroinas dessas velhas historias tinham a mesma cara e talhe de D. Severina, mas a verdade é que os tinham. Ao cabo de meia hora, deixou cair o folheto e poz os olhos na parede, donde, cinco minutos depois, viu sair a dama dos seus cuidados. O natural era que se espantasse; mas não se espantou. Embora com as palpebras cerradas, viu-a desprender-se de todo, parar, sorrir e andar para a rêde. Era ella mesma; eram os seus mesmos braços.

E'certo, porém, que D. Severina, tanto não podia sair da parede, dado que houvesse alli porta ou rasgão, que estava justamente na sala da frente ouvindo os passos do solicitador que descia as escadas. Ouviu-o descer; foi á janella vêl-o sair e só se recolheu quando elle se perdeu ao longe, no caminho da rua das Mangueiras. Então entrou e foi sentar-se no canapé. Parecia fóra do natural, inquieta, quasi maluca; levantando-se, foi pegar na jarra que estava em cima do aparador e deixou-a no mesmo logar; depois caminhou até á porta, deteve-se e voltou, ao que parece, sem plano. Sentou-se outra vez, cinco ou dez minutos. De repente, lembrou-se que Ignacio comêra pouco ao almoço e tinha o ar abatido, e

advertiu que podia estar doente; podia ser até que estivesse muito mal.

Saiu da sala, atravessou rasgadamente o corredor e foi até o quarto do mocinho, cuja porta achou escancarada. D. Severina parou, espiou, deu com elle na rêde, dormindo, com o braço para fóra e o folheto caido no chão. A cabeça inclinava-se um pouco do lado da porta, deixando vêr os olhos fechados, os cabellos revoltos e um grande ar de riso e de beatitude.

D. Severina sentiu bater-lhe o coração com vehemencia e recuou. Sonhára de noite com elle; póde ser que elle estivesse sonhando com ella. Desde madrugada que a figura do mocinho andava-lhe diante dos olhos como uma tentação diabolica. Recuou ainda, depois voltou, olhou dois, tres, cinco minutos, ou mais· Paece que o somno dava á adolescencia de Ignacio uma expressão mais accentuada, quasi feminina, quasi pueril. Uma criança! disse ella a si mesma, n'aquella lingua sem palavras que todos trazemos comnosco. E esta ideia abateu-lhe o alvoroço do sangue e dissipou-lhe em parte a turvação dos sentidos.

— Uma criança!

E mirou-o lentamente, fartou-se de vel-o, com a cabeça inclinada, o braço caído; mas, ao mesmo

tempo que o achava criança, achava-o bonito, muito mais bonito que accordado, e uma dessas ideias corrigia ou corrompia a outra. De repente estremeceu e recuou assustada: ouvira um ruido ao pé, na saleta do engommado; foi ver, era um gato que deitára uma tijela ao chão. Voltando devagarinho a espial-o, viu que dormia profundamente. Tinha o somno duro a criança! O rumor que a abalára tanto, não o fez sequer mudar de posição. E ella continuou a vêl-o dormir, — dormir e talvez sonhar.

Que não possamos vêr os sonhos uns dos outros! D. Severina ter-se-hia visto a si mesma na imaginação do rapaz; ter-se-hia visto diante da rêde, risonha e parada; depois inclinar-se, pegar-lhe nas mãos, leval-as ao peito, cruzando alli os braços, os famoso braços. Ignacio, namorado delles, ainda assim ouvia as palavras della, que eram lindas, callidas, principalmente novas, — ou, pelo menos, pertenciam a algum idioma que elle não conhecia, posto que o entendesse. Duas, tres e quatro vezes a figura esvaia-se, para tornar logo, vindo do mar ou de outra parte, entre gaivotas, ou atravessando o corredor, com toda a graça robusta de que era capaz. E tornando, inclinava-se, pegava-lhe outra vez das mãos e cruzava ao peito

os braços, até que, inclinando-se, ainda mais, muito mais, abrochou os labios e deixou-lhe um beijo na boca.

Aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fóra della. A differença é que a visão não recuou, e a pessoa real tão depressa cumprira o gesto, como fugiu até á porta, vexada e medrosa. Dalli passou á sala da frente, aturdida do que fizera, sem olhar fixamente para nada. Afiava o ouvido, ia até o fim do corredor, a vêr se escutava algum rumor que lhe dissesse que elle accordára, e só depois de muito tempo é que o medo foi passando. Na verdade, a criança tinha o somno duro; nada lhe abria os olhos, nem os fracassos contiguos, nem os beijos de verdade. Mas, se o medo foi passando, o vexame ficou e cresceu. D. Severina não acabava de crer que fizesse aquillo; parece que embrulhára os seus desejos na ideia de que era uma criança namorada que alli estava sem consciencia nem imputação; e, meia mãe, meia amiga, inclinára-se e beijára-o. Fosse como fosse, estava confusa, irritada, aborrecida, mal comsigo e mal com elle. O medo de que elle podia estar fingindo que dormia apontou-lhe na alma e deu-lhe um calefrio.

Mas a verdade é que dormiu aindo muito, e só accordou para jantar. Sentou-se á mesa lepido. Comquanto achasse D. Severina calada e severa e o solicitador tão rispido como nos outros dias, nem a rispidez de um, nem a severidade da outra podiam dissipar-lhe a visão graciosa que ainda trazia comsigo, ou amortecer-lhe a sensação do beijo. Não reparou que D. Severina tinha um chale que lhe cobria os braços; reparou depois, na segunda-feira, e na terça feira, tambem, e até sabbado, que foi o dia em que Borges mandou dizer ao pai que não podia ficar com elle; e não o fez zangado, porque o tratou relativamente bem e ainda lhe disse á saída:

— Quando precisar de mim para alguma cousa, procure-me.

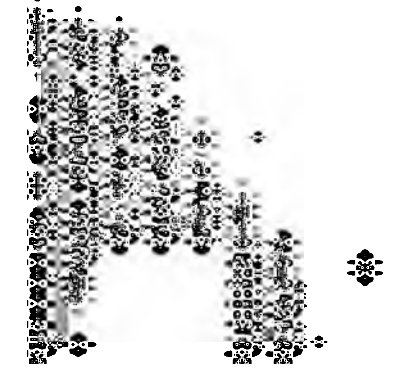
— Sim, senhor. A Sra. D. Severina...

— Está lá para o quarto, com muita dor de cabeça. Venha amanhã ou depois despedir-se della.

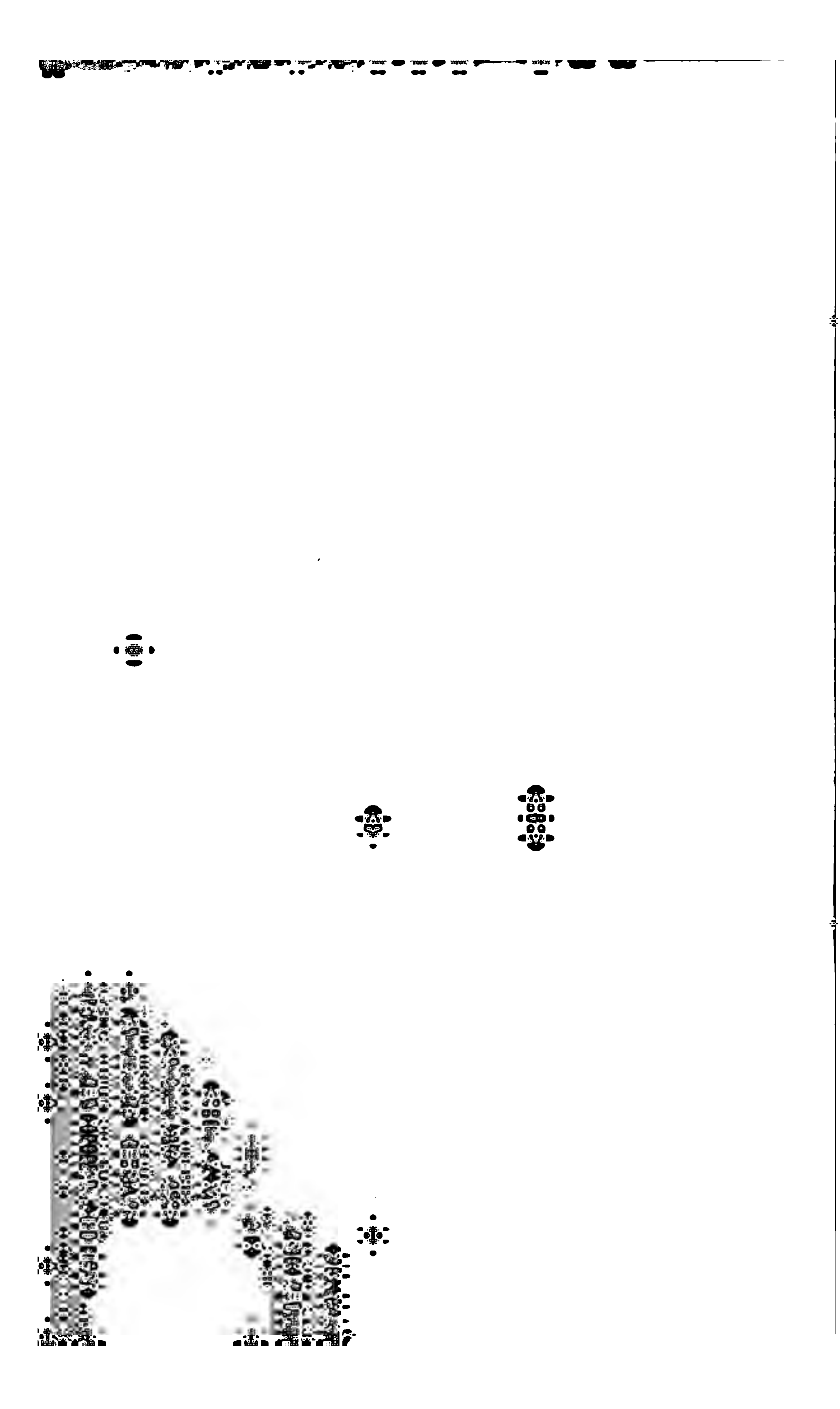
Ignacio saiu sem entender nada. Não entendia a despedida, nem a completa mudança de D. Severina, em relação a elle, nem o chale, nem nada. Estava tão bem! falava-lhe com tanta amizade! Como é que, de repente... Tanto pensou que acabou suppondo de sua parte algum olhar indis-

creto, alguma distracção que a offendera; não era outra cousa; e d'aqui a cara fechada e o chale que cobria os braços tão bonitos... Não importa; levava comsigo o sabor do sonho. E através dos annos, por meio de outros amores, mais effectivos e longos, nenhuma sensação achou nunca egual á d'aquelle domingo, na rua da Lapa, quando elle tinha quinze annos. Elle mesmo exclama ás vezes, sem saber que se engana:

— E foi um sonho! um simples sonho!



Um Homem celebre





UM HOMEM CELEBRE

— Ah! o senhor é que é o Pestana? perguntou Sinhásinha Motta, fazendo um largo gesto admirativo. E logo depois, corrigindo a familiaridade: — Desculpe meu modo, mas... é mesmo o senhor?

Vexado, aborrecido, Pestana respondeu que sim, que era elle. Vinha do piano, enxugando a testa com o lenço, e ia a chegar á janella, quando a moça o fez parar. Não era baile; apenas um saráu intimo, pouca gente, vinte pessoas ao todo, que tinham ido jantar com a viuva Camargo, rua do Areal, naquelle dia dos annos della, cinco de novembro de 1875... Boa e patusca viuva! Amava o riso e a folga, apezar dos sessenta annos em que entrava, e foi a ultima vez que folgou e riu, pois falleceu nos primeiros dias de 1876.

Boa e patusca viuva! Com que alma e diligencia arranjou alli umas dansas, logo depois do jantar, pedindo ao Pestana que tocasse uma quadrilha! Nem foi preciso acabar o pedido; Pestana curvou-se gentilmente, e correu ao piano. Finda a quadrilha, mal teriam descançado uns dez minutos, a viuva correu novamente ao Pestana para um obsequio mui particular.

— Diga, minha senhora.

— E' que nos toque agora aquella sua polka *Não bula commigo, nhõnhõ.*

Pestana fez uma careta, mas dissimulou depressa, inclinou-se calado, sem gentileza, e foi para o piano, sem enthusiasmo. Ouvidos os primeiros compassos, derramou-se pela sala uma alegria nova, os cavalheiros correram ás damas, e os pares entraram a saracotear a polka da moda. Da moda; tinha sido publicada vinte dias antes, e já não havia recanto da cidade, em que não fosse conhecida. Ia chegando á consagração do assobio e da cantarola nocturna.

Sinhásinha Motta estava longe de suppor que aquelle Pestana que ella vira á mesa de jantar e depois ao piano, mettido n'uma sobrecasaca côr de rapé, cabello negro, longo e cacheado, olhos cuidosos, queixo rapado, era o mesmo Pestana

compositor; foi uma amiga que lh'o disse quando o viu vir do piano, acabada a polka. Dahi a pergunta admirativa. Vimos que elle respondeu aborrecido e vexado. Nem assim as duas moças lhe pouparam finezas, taes e tantas, que a mais modesta vaidade se contentaria de as ouvir; elle recebeu-as cada vez mais enfadado, até que allegando dor de cabeça, pediu licençia para sair Nem ellas, nem a dona da casa, ninguem logrou retel-o. Offereceram-lhe remedios caseiros, algum repouso, não acceitou nada, teimou em sair e saiu.

Rua fóra, caminhou depressa, com medo de que ainda o chamassem; só affrouxou, depois que dobrou a esquina da rua Formosa. Mas ahi mesmo esperava-o a sua grande polka festiva. De uma casa modesta, á direita, a poucos metros de distancia, saiam as notas da composição do dia, sopradas em clarineta. Dansava-se. Pestana parou alguns instantes, pensou em arrepiar caminho, mas dispoz-se a andar, estugou o passo, atravessou a rua, e seguiu pelo lado opposto ao da casa do baile. As notas foram-se perdendo, ao longe, e o nosso homem entrou na rua do Aterrado, onde morava. Já perto de casa viu vir dois homens; um delles, passando rentesinho com o

[illegible] ka, ri-
[illegible] po na
[illegible] osos e
[illegible] erado,
[illegible]
[illegible] velha,
[illegible] ber se
[illegible]
[illegible] faça-
[illegible]
[illegible] para a
[illegible] o gaz
[illegible] com-
[illegible] da pa-
[illegible] o edu-
[illegible] e que,
[illegible] estana.
[illegible] la casa
[illegible] mpo de
[illegible] dre, era
[illegible] o gosto
[illegible] ttiu no
[illegible] vadias,
[illegible] istoria,
[illegible]
[illegible] es clas-

sicos, Cimarosa, Mozart, Beethoven, Gluck, Bach, Schumann, e ainda uns tres, alguns gravados, outros lithographados, todos mal encaixilhados e de differente tamanho, mas postos alli como santos de uma egreja. O piano era o altar; o evangelho da noite lá estava aberto: era uma sonata de Beethoven.

Veiu o café; Pestana engoliu a primeira chicara, e sentou-se ao piano. Olhou para o retrato de Beethoven, e começou a executar a sonata, sem saber de si, desvairado ou absorto, mas com grande perfeição. Repetiu a peça; depois parou alguns instantes, levantou-se e foi a uma das janellas. Tornou ao piano; era a vez de Mozart, pegou de um trecho, e executou-o do mesmo modo, com a alma alhures. Haydn levou-o á meia noite e á segunda chicara de café.

Entre meia noite e uma hora, Pestana pouco mais fez que estar á janella e olhar para as estrellas, entrar e olhar para os retratos. De quando em quando ia ao piano, e, de pé, dava uns golpes soltos no teclado, como se procurasse algum pensamento; mas o pensamento não apparecia e elle voltava a encostar-se á janella. As estrellas pareciam-lhe outras tantas notas musicaes fixadas no céu á espera de alguem que as fosse des-

collar; tempo viria em que o céu tinha de ficar vasio, mas então a terra seria uma constellação de partituras. Nenhuma imagem, desvario ou reflexão trazia uma lembrança qualquer de Sinhásinha Motta, que entretanto, a essa mesma hora, adormecia pensando nelle, famoso autor de tantas polkas amadas. Talvez a ideia conjugal tirou á moça alguns momentos de somno. Que tinha? Ella ia em vinte annos, elle em trinta, boa conta. A moça dormia ao som da polka, ouvida de cór, emquanto o autor desta não cuidava nem da polka nem da moça, mas das velhas obras classicas, interrogando o céu e a noite, rogando aos anjos, em ultimo caso ao diabo. Por que não faria elle uma só que fosse daquellas paginas immortaes?

A's vezes, como que ia surgir das profundezas do inconsciente uma aurora de ideia; elle corria ao piano, para avental-a inteira, traduzil-a, em sons, mas era em vão; a ideia esvaía-se. Outras vezes, sentado, ao piano, deixava os dedos correrem, á ventura, a ver se as phantasias brotavam delles, como dos de Mozart; mas nada, nada, a inspiração não vinha, a imaginação deixava-se estar dormindo. Se acaso uma ideia apparecia, definida e bella, era echo apenas de alguma peça

alheia, que a memoria repetia, e que elle suppunha inventar. Então, irritado, erguia-se, jurava abandonar a arte, ir plantar café ou puxar carroça; mas dahi a dez minutos, eil-o outra vez, com os olhos em Mozart, a imital-o ao piano

Duas, tres, quatro horas. Depois das quatro foi dormir; estava cançado, desanimado, morto; tinha que dar licções no dia seguinte. Pouco dormiu; accordou ás sete horas. Vestiu-se e almoçou.

— Meu senhor quer a bengala ou o chapéo de sol? perguntou o preto, segundo as ordens que tinha, porque as distracções do senhor eram frequentes.

— A bengala.

— Mas parece que hoje chove.

— Chove, repetiu Pestana machinalmente.

— Parece, que sim, senhor, o céu está meio escuro.

Pestana olhava para o preto, vago preoccupado. De repente:

— Espera ahi.

Correu á sala dos retratos, abriu o piano, sentou-se e espalmou as mãos no teclado. Começou a tocar alguma cousa propria, uma inspiração real e prompta, uma polka, uma polka, buliçosa como dizem os annuncios. Nenhuma repulsa da

parte do compositor; os dedos iam arrancando as notas, ligando-as, meneiando-as; dir-se-hia que a musa compunha e bailava a um tempo. Pestana esquecera as discipulas, esquecera o preto, que o esperava com a bengala e o guarda-chuva, esquecera até os retratos que pendiam gravemente da parede. Compunha só, teclando ou escrevendo, sem os vãos esforços da vespera, sem exasperação, sem nada pedir ao céu, sem interrogar os olhos de Mozart. Nenhum tedio. Vida, graça, novidade, escorriam-lhe da alma como de uma fonte perenne.

Em pouco tempo estava a polka feita. Corrigiu ainda alguns pontos, quando voltou para jantar: mas já a cantarolava, andando, na rua. Gostou della; na composição recente e inedita circulava o sangue da paternidade e da vocação. Dois dias depois, foi leval-a ao editor das outras polkas suas, que andariam já por uma trinta. O editor achou-a linda.

— Vai fazer grande effeito.

Veiu a questão do titulo. Pestana, quando compoz a primeira polka, em 1871, quiz dar-lhe um titulo poetico, escolheu este: *Pingos de sol.* O editor abanou a cabeça, e disse-lhe que os titulos deviam ser, já de si, destinados á populari-

dade, — ou por allusão a algum sucesso do dia, — ou pela graça das palavras; indicou-lhe dois *A lei de 28 de Setembro*, ou *Candongas não fazem festa.*

— Mas que quer dizer *Candongas não fazem festa ?* perguntou o autor.

— Não quer dizer nada, mas popularisa-se logo.

Pestana, ainda donzel inedito, recusou qualquer das denominações e guardou a polka; mas não tardou que compuzesse outra, e a comichão da publicidade levou-o a imprimir as duas, com os titulos que ao editor parecessem mais attrahentes ou apropriados. Assim se regulou pelo tempo adiante

Agora, quando Pestana entregou a nova polka, e passaram ao titulo, o editor acudiu que trazia um, desde muitos dias, para a primeira obra que elle lhe apresentasse, titulo de espavento, longo e meneiado. Era este: *Senhora dona, guarde o seu balaio.*

— E para a vez seguinte, accrescentou, já trago outro de cór.

Exposta á venda, esgotou-se logo a primeira edição. A fama do compositor bastava á procura;

mas a obra em si mesma era adequada ao genero, original, convidava a dansal-a e decorava-se depressa. Em oito dias, estava celebre. Pestana, durante os primeiros, andou devéras namorado da composição, gostava de a cantarolar baixinho, detinha-se na rua, para ouvil-a tocar em alguma casa, e zangava-se quando não a tocavam bem. Desde logo, as orchestras de theatro a executaram, e elle lá foi a um delles. Não desgostou tambem de a ouvir assobiada, uma noite, por um vulto que descia a rua do Aterrado.

Essa lua de mel durou apenas um quarto de lua. Como das autras vezes, e mais depressa ainda, os velhos mestres retratados o fizeram sangrar de remorsos. Vexado e enfastiado, Pestana arremetteu contra aquella que o viera consolar tantas vezes, musa de olhos marotos e gestos arredondados, facil e graciosa. E ahi voltaram as nauseas de si mesmo, o odio a quem lhe pedia a nova polka da moda, e juntamente o esforço de compor alguma cousa ao sabor classico, uma pagina que fosse, uma só, mas tal que pudesse ser encadernada entre Bach e Schumann. Vão estudo, inutil esforço. Mergulhava naquelle Jordão sem sahir baptisado. Noites e noites, gastou-as assim, confiado e teimoso, certo de que a

vontade era tudo, e que, uma vez que abrisse mão da musica facil...

— As polkas que vão para o inferno fazer dansar o diabo, disse elle um dia, de madrugada ao deitar-se.

Mas a polkas não quizeram ir tão fundo. Vinham á casa de Pestana, á propria sala dos retratos, irrompiam tão promptas, que elle não tinha mais que o tempo de as compor, imprimil-as depois, gostal-as alguns dias, aborrecel-as, e tornar ás velhas fontes, donde lhe não manava nada. Nessa alternativa viveu até casar, e depois de casar.

— Casar com quem? perguntou Sinhásinha Motta ao tio escrivão que lhe deu aquella noticia.

— Vai casar com uma viuva.

— Velha?

— Vinte e sete annos.

— Bonita?

— Não, nem feia, assim, assim. Ouvi dizer que elle se enamorou della, porque a ouviu cantar na ultima festa de S. Francisco de Paula. Mas ouvi tambem que ella possue outra prenda, que não é rara, mas vale menos: está tisica.

Os escrivães não deviam ter espirito, — mau espirito quero dizer. A sobrinha deste sentiu no

[illegible] den-
[illegible] stana
[illegible] sete
[illegible] omo a
[illegible] era,
[illegible] trans-
[illegible] nside-
[illegible] ha as
[illegible] sim,
[illegible] erias,
[illegible]

[illegible] as ho-
[illegible] ra do
[illegible] dá-me
[illegible] no tu-
[illegible]

[illegible] o, teve
[illegible] he-hia
[illegible] trouxe
[illegible] dizer
[illegible] ava ás
[illegible] que
[illegible] elle,
[illegible] dos re-
[illegible] sema-
[illegible] a. Um

domingo porém, não se poude ter o marido, e chamou a mulher para tocar um trecho do nocturno; não lhe disse o que era nem de quem era. De repente, parando, interrogou-a com os olhos.

— Acaba, disse Maria; não é Chopin?

Pestana empallideceu, fitou os olhos no ar, repetiu um ou dois trechos e ergeu-se. Maria assentou-se ao piano, e, depois de algum esforço de memoria, executou o peça de Chopin. A ideia, o motivo eram os mesmos; Pestana achara-os em algum daquelles beccos escuros da memoria, velha cidade de traições. Triste, desesperado, saiu de casa, e dirigiu-se para o lado da ponte, caminho de S. Christovão.

Para que lutar? dizia elle. Vou com as polkas... Viva a polka!

Homens que passavam por elle, e ouviam isto, ficavam olhando, como para um doudo. E elle ia andando, allucinado, mortificado, eterna peteca entre a ambição e a vocação... Passou o velho matadouro; ao chegar á porteira da estrada de ferro, teve ideia de ir pelo trilho acima e esperar o primeiro trem que viesse e o esmagasse. O guarda fel-o recuar. Voltou a si e tornou a casa.

Poucos dias depois, — uma clara e fresca manhã de maio de 1876, — eram seis horas, Pes-

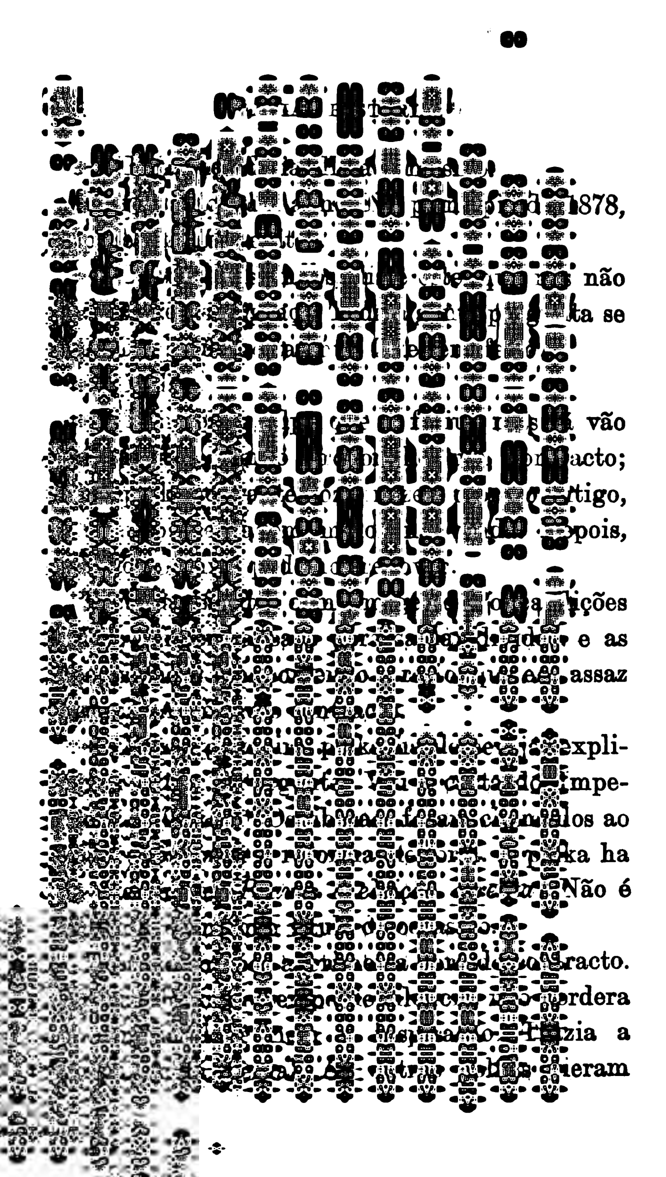
[illegible] ular e
[illegible] não
[illegible] agora
[illegible] los re-
[illegible] te que
[illegible] r com
[illegible] com-
[illegible] nada;
[illegible] uma
[illegible] deses-
[illegible]

[illegible] ve um
[illegible] um
[illegible] me-
[illegible] rer; as
[illegible] onia e
[illegible] passos,
[illegible] bricos,
[illegible] sições;
[illegible] olho de
[illegible] ras da
[illegible] as, hu-
[illegible] olonia
[illegible] mo ao
[illegible] vel.
[illegible] unica

preoccupação; deixar a musica, depois de compor um *Requiem*, que faria executar no primeiro anniversario da morte de Maria. Escolheria outro emprego, escrevente, carteiro, mascate, qualquer cousa que lhe fizesse esquecer a arte assassina e surda.

Começou a obra; empregou tudo, arrojo, paciencia, meditação, e até os caprichos do acaso, como fizera outrora, imitando Mozart. Releu e estudou o *Requiem* deste auctor.. Passaram-se semanas e mezes. A obra, célere a principio, affrouxou o andar. Pestana tinha altos e baixos. Ora achava-a incompleta, não lhe sentia a alma sacra, nem ideia, nem inspiração, nem methodo; ora elevava-se-lhe o coração e trabalhava com vigor. Oito mezes, nove, dez, onze, e o *Requiem* não estava concluido. Redobrou de esforços; esqueceu lições e amisades. Tinha refeito muitas vezes a obra; mas agora queria concluil-a, fosse como fosse. Quinze dias, oito, cinco... A aurora do anniversario veiu achal-o trabalhando.

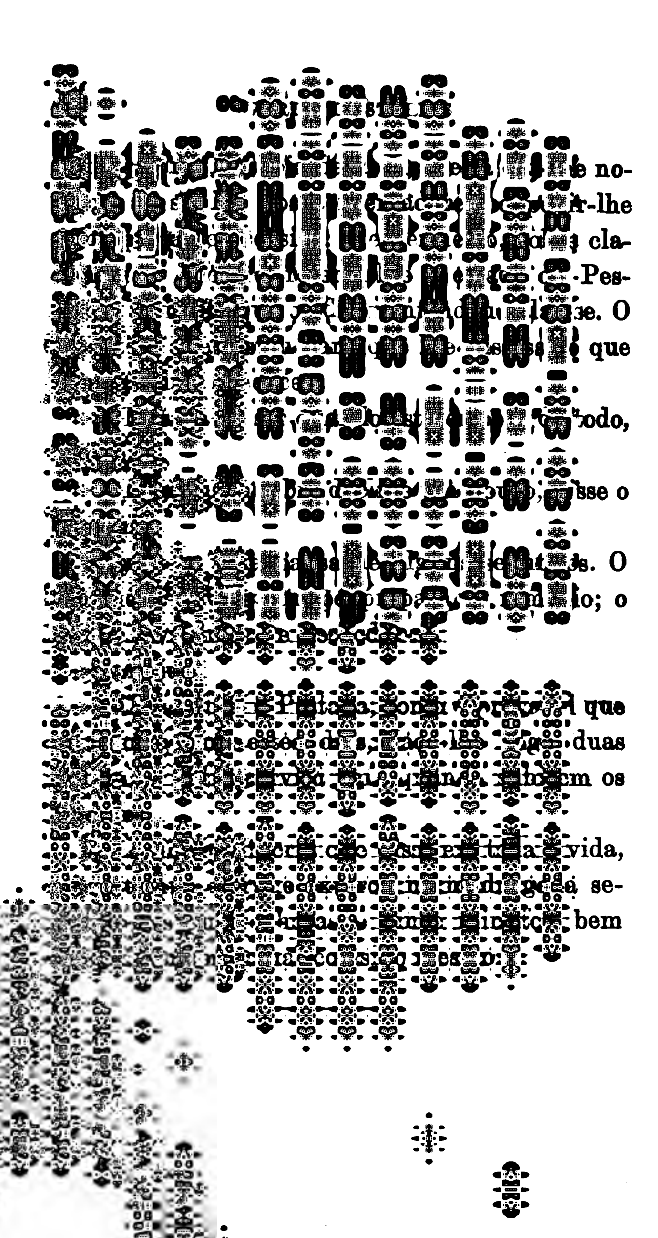
Contentou-se da missa resada e simples, para elle só. Não se póde dizer se todas as lagrimas que lhe vieram sorrateiramente aos olhos, foram do marido, ou se algumas eram do compositor. Certo é que nunca mais tornou ao *Requiem*.



vindo, regularmente. Conservára os retratos e os repertorios; mas fugia de gastar todas as noites ao piano, para não cair em novas tentativas. Já agora pedia uma entrada de graça, sempre que havia alguma boa opera ou concerto de artista, ia, mettia-se a um canto, gozando aquella porção de cousas que nunca lhe haviam de brotar do cerebro. Uma ou outra vez, ao tornar para casa, cheio de musica, despertava nelle o maestro inedito; então, sentava-se ao piano, e, sem ideia, tirava algumas notas, até que ia dormir, vinte ou trinta minutos depois.

Assim foram passando os annos, até 1885. A' fama do Pestana dera-lhe definitivamente o primeiro lugar entre os compositores de polkas; mas o primeiro lugar da aldeia não contentava a este Cesar, que continuava a preferir-lhe, não o segundo, mas o centesimo em Roma. Tinha ainda as alternativas de outro tempo, ácerca de suas composições; a differença é que eram menos violentas. Nem enthusiasmo nas primeiras horas, nem horror depois da primeira semana; algum prazer e certo fastio.

Naquelle anno, apanhou uma febre de nada, que em poucos dias cresceu, até virar perniciosa. Já estava em perigo, quando lhe appareceu o



A desejada das gentes



A DESEJADA DAS GENTES

— Ah! conselheiro, ahi começa a falar em verso.

— Todos os homens devem ter uma lyra no coração, — ou não sejam homens. Que a lyra resoe a toda a hora, nem por qualquer motivo, não o digo eu; mas de longe em longe, e por algumas reminiscencias particulares... Sabe por que é que lhe pareço poeta, apezar das Ordenações do Reino e dos cabellos grisalhos? é porque vamos por esta Gloria adiante, costeando aqui a Secretaria de Estrangeiros... Lá está o outeiro celebre... Adiante ha uma casa....

— Vamos andando.

— Vamos... Divina Quintilia! Todas essas caras que ahi passam são outras, mas falam-me d'aquelle tempo, como se fossem as mesmas de

outrora; é a lyra que resoa, e a imaginação faz o resto. Divina Quintilia!

— Chamava-se Quintilia? Conheci de vista, quando andava na Escola de Medicina, uma linda moça com esse nome. Diziam que era a mais bella da cidade.

— Ha de ser a mesma, porque tinha essa fama. Magra e alta?

— Isso. Que fim levou?

— Morreu em 1859. Vinte de Abril. Nunca me ha de esquecer esse dia. Vou contar-lhe um caso interessante para mim, e creio que tambem para o senhor. Olhe, a casa era aquella... Morava com um tio, chefe de esquadra reformado; tinha outra casa no Cosme Velho. Quando conheci Quintilia... Que edade pensa que teria, quando a conheci?

— Se foi em 1855...

— Em 1855.

— Devia ter vinte annos.

— Tinha trinta.

— Tinha trinta.

— Trinta?

— Trinta annos. Não os parecia, nem era nenhuma inimiga que lhe dava essa edade. Ella propria a cofessava e até com affectação. Ao

contrario, uma de suas amigas affirmava que Quintilia não passava dos vinte e sete; mas como ambas tinham nascido no mesmo dia, dizia isso para diminuir-se a si propria.

— Máo, nada de ironias; olhe que a ironia não faz boa cama com a saudade.

— Que é a saudade senão uma ironia do tempo e da fortuna? Veja lá; começo a ficar sentencioso. Trinta annos; mas em verdade, não os parecia. Lembra-se bem que era magra e alta; tinha os olhos, como eu então dizia, que pareciam cortados da capa da ultima noite, mas apezar de nocturnos, sem mysterios nem abysmos. A voz era brandissima, um tanto apaulistada, a bocca larga, e os dentes, quando ella simplesmente falava, devam-lhe á bocca um ar de riso. Ria tambem, e foram os risos della, de parceria com os olhos, que me doeram muito durante certo tempo.

— Mas se os olhos não tinham mysterios...

— Tanto não os tinham que cheguei ao ponto de suppor que eram as portas abertas do castello, e o riso o clarim que chamava os cavalleiros. Já a conheciamos, eu e o meu companheiro de escriptorio, o João Nobrega, ambos principiantes na advocacia, e intimos como ninguem mais; mas

nunca nos lembrou namoral-a. Ella andava então no galarim; era bella, rica, elegante, e da primeira roda. Mas um dia, no antigo theatro Provisorio, entre dois actos dos *Puritanos*, estando eu n'um corredor, ouvi um grupo de moços que falavam della, como de uma fortaleza inexpugnavel. Dous confessaram haver tentado alguma cousa, mas sem fructo; e todos pasmavam do celibato da moça que lhes parecia sem explicação. E chalaceavam: um dizia que era promessa até ver se engordava primeiro; outro que estava esperando a segunda mocidade do tio para casar com elle; outro que provavelmente encommendára algum anjo ao porteiro do céu; trivialidades que me aborreceram muito, e da parte dos que confessavam tel-a cortejado ou amado, achei que era uma grosseria sem nome. No que elles estavam todes de accôrdo é que ella era extraordinariamente bella; ahi foram enthusiastas e sinceros.

— Oh! ainda me lembro!... era muito bonita.

— No dia seguinte, ao chegar ao escriptorio, entre duas causas que não vinham, contei ao Nobrega a conversação da vespera. Nobrega riu-se do caso, reflectiu, e depois de dar alguns passos, parou diante de mim, olhando, calado. — Aposto

que a namoras? perguntei-lhe. — Não, disse elle; nem tu? Pois lembrou-me uma cousa: vamos tentar o assalto á fortaleza? Que perdemos com isso? Nada; ou ella nos põe na rua e já podemos esperal-o, ou acceita um de nós, e tanto melhor para o outro que verá o seu amigo feliz. — Estás falando serio? — Muito sério — Nobrega accrescentou que não era só a belleza della que a fazia attrahente. Note que elle tinha a presumpção de ser espirito pratico, mas era principalmente um sonhador que vivia lendo e construindo apparelhos sociaes e politicos. Segundo elle, os taes rapazes do theatro evitavam falar dos bens da moça, que eram um dos feitiços della, e uma das causas provaveis da desconsolação de uns e dos sarcasmos de todos. E dizia-me: — Escuta, nem divinisar o dinheiro, nem tambem banil-o; não vamos crêr que elle dá tudo, mas reconheçamos que dá alguma cousa e até muita cousa, — este relogio, por exemplo. Combatamos pela nossa Quintilia, minha ou tua, mas provavelmente minha, porque sou mais bonito que tu.

— Conselheiro, a confissão é grave; foi assim brincando...?

— Foi assim brincando, cheirando ainda aos bancos da academia, que nos mettemos em nego-

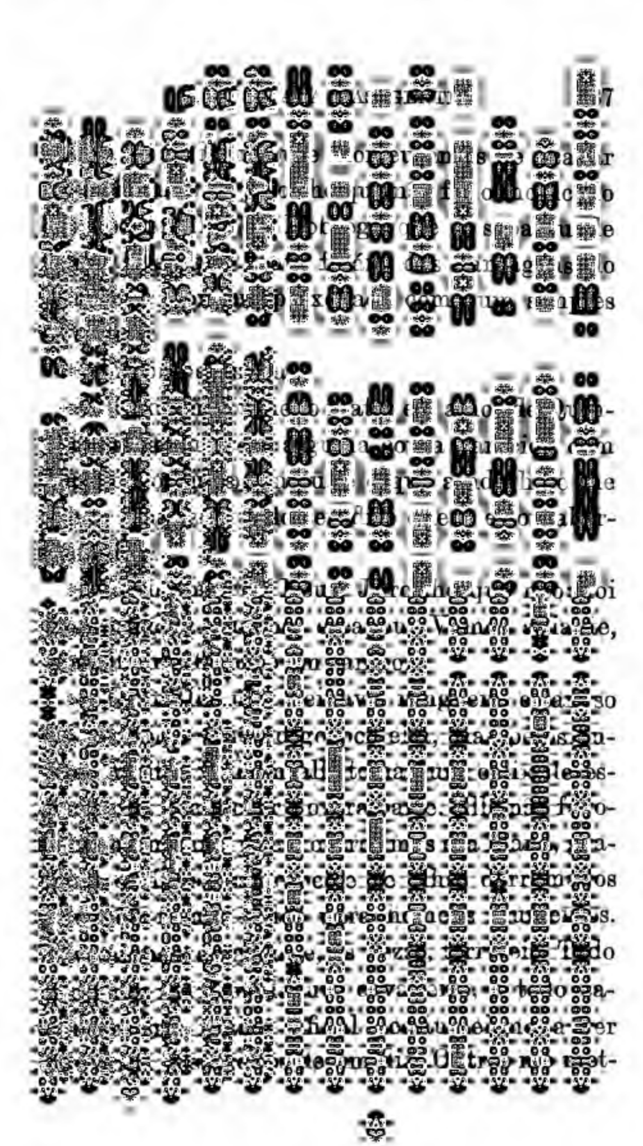
cio de tanta ponderação, que podia acabar em nada, mas deu muito de si. Era um começo estouvado, quasi um passatempo de crianças, sem a nota da sinceridade; mas o homem põe e a especie dispõe. Conheciamol-a, posto não tivessemos encontros frequentes; uma vez que nos dispuzemos a uma acção commum, entrou um elemento novo na nossa vida, e dentro de um mez estavamos brigados.

— Brigados?

— Ou quasi. Não tinhamos contado com ella, que nos enfeitiçou a ambos, violentamente. Em algumas semanas já pouco falavamos de Quintilia, e com indifferença; tratavamos de enganar um ao outro e dissimular o que sentiamos. Foi assim que as nossas relações se dissolveram, no fim de seis mezes, sem odio, nem luta, nem demonstração externa, porque ainda nos falavamos, onde a acaso nos reunia; mas já então tinhamos banca separada.

— Começo a ver uma pontinha do drama...

— Tragedia, diga tragedia; porque dahi a pouco tempo, ou por desengano verbal que ella lhe désse, ou por desespero de vencer, Nobrega deixou-me só em campo. Arranjou uma nomeação de juiz municipal lá para os sertões da



tiam mais medo, eram os que vinham dentro da luva das amigas. Creio que houve duas ou tres negociações dessas, mas sem resultado. Quintilia declarou que nada faria sem consultar o tio, e o tio aconselhou a recusa, — cousa que ella sabia de antemão. O bom velho não gostava nunca da visita de homens, com receio de que a sobrinha escolhesse algum e casasse. Estava tão acostumado a trazel-a ao pé de si, como uma muleta da velha alma aleijada, que temia perdel-a inteiramente.

— Não seria essa a causa da isenção systematica da moça?

— Vai ver que não.

— O que noto é que o senhor era mais teimoso que os outros...

— ... Illudido, a principio, porque no meio de tantas candidaturas mallogradas, Quintilia preferia-me a todos os outros homens, e conversava commigo mais largamente e mais intimamente, a tal ponto que chegou a correr que nos casavamos.

— Mas conversavam de que?

— De tudo o que ella não conversava com os outros; e era de fazer pasmar que uma pessoa tão amiga de bailes e passeios, de valsar e rir,

fosse commigo tão severa e grave, tão differente do que costumava ou parecia ser.

— A razão é clara: achava a sua conversação menos ensossa que a dos outros homens.

— Obrigado; era mais profunda a causa da differença, e a differença ia-se accentuando com os tempos. Quando a vida cá em baixo a aborrecia muito, ia para o Cosme Velho, e alli as nossas conversações eram mais frequentes e compridas. Não lhe posso dizer, nem o senhor comprehenderia nada, o que foram as horas que alli passei, incorporando na minha vida toda a vida que jorrava della. Muitas vezes quiz dizer-lhe o que sentia, mas as palavras tinham medo e ficavam no coração. Escrevi cartas sobre cartas; todas me pareciam frias, diffusas, ou inchadas de estylo. Demais, ella não dava ensejo a nada; tinha um ar de velha amiga. No principio de 1857 adoeceu meu pai em Itaborahy; corri a vel-o, achei-o moribundo. Este facto reteve-me fóra da Côrte uns quatro mezes. Voltei pelos fins de maio. Quintilia recebeu-me triste da minha tristeza, e vi claramente que o meu luto passara aos olhos della...

— Mas que era isso senão amor?

— Assim o cri, e dispuz a minha vida para

desposal-a. Nisto, adoeceu o tio gravemente. Quintilia não ficava só, se elle morresse, porque, além dos muitos parentes espalhados que tinha, morava com ella agora, na casa da rua do Cattete, uma prima, D. Anna, viuva; mas, é certo que a affeição principal ia-se embora e nessa transição da vida presente á vida ulterior podia eu alcançar o que desejava. A molestia do tio foi breve; ajudada da velhice, levou-o em duas semanas. Digo-lhe aqui que a morte delle lembrou-me a de meu pai, e a dôr que então senti foi quasi a mesma. Quintilia viu-me padecer, comprehendeu o duplo motivo, e, segundo me disse depois, estimou a coincidencia do golpe, uma vez que tinhamos de o receber sem falta e tão breve. A palavra pareceu-me um convite matrimonial; dois mezes depois cuidei de pedil-a em casamento. D. Anna ficara morando com ella e estavam no Cosme Velho. Fui alli, achei-as juntas no terraço, que ficava perto da montanha. Eram quatro horas da tarde de um domingo. D. Anna, que nos presumia namorados, deixou-nos o campo livre.

— Emfim!

— No terraço, logar solitario, e posso dizer agreste, proferi a primeira palavra. O meu plano era justamente precipitar tudo, com medo de

que, cinco minutos de conversa, me tirassem as forças. Ainda assim, não sabe o que me custou: custaria menos uma batalha, e juro-lhe que não nasci para guerras. Mas aquella mulher magrinha e delicada, impunha-se-me, como nenhuma outra, antes e depois...

— E então?

— Quintilia adivinhára, pelo transtorno do meu rosto, o que lhe ia pedir, e deixou-me falar para preparar a resposta. A resposta foi interrogativa e negativa. Casar para que? Era melhor que ficassemos amigos como dantes. Respondi-lhe que a amisade era, em mim, desde muito, a simples sentinella do amor; não podendo mais contel-o, deixou que elle saisse. Quintilia sorriu da metaphora, o que me doeu, e sem razão; ella, vendo o effeito, fez-se outra vez séria e tratou de persuadir-me de que era melhor não casar. — Estou velha, disse ella; vou em trinta e tres annos. Mas se eu a amo assim mesmo, repliquei, e disse-lhe uma porção de cousas, que não poderia repetir agora. Quintilia reflectiu um instante; depois insistiu nas relações de amisade; disse que posto que mais moço que ella, tinha a gravidade de um homem mais velho, e inspirava-lhe confiança como nenhum outro. Desesperançado, dei

algumas passadas, depois sentei-me outra vez e narrei-lhe tudo. Ao saber da minha briga com o amigo e companheiro da academia, e a separação em que ficámos sentiu-se, não sei se diga, magoada ou irritada. Censurou-nos a ambos; não valia a pena que chegassemos a tal ponto. — A senhora diz isso, porque não sente a mesma cousa. — Mas então é um delirio? — Creio que sim; o que lhe afianço é que ainda agora, se fosse necessario, separar-me-hia delle uma e cem vezes; e creio poder affirmar-lhe que elle faria a mesma cousa. Aqui olhou ella espantada para mim, como se olha para uma pessoa cujas faculdades parecem transtornadas; depois abanou a cabeça, e repetiu que fôra um erro; não valia a pena. — Fiquemos amigos, disse-me, estendendo a mão. — E' impossivel; pede-me cousa superior ás minhas forças, nunca poderei vêr na senhora uma simples amiga; não desejo impor-lhe nada; dir-lhe-hei até que nem mais insisto, porque não acceitaria outra resposta agora. Trocámos ainda algumas palavras, e retirei-me... Veja a minha mão.

— Treme-lhe ainda...

— E não lhe contei tudo. Não lhe digo aqui os aborrecimentos que tive, nem a dôr e o despeito



[illegible]

[illegible] uasi um
[illegible] ntido; e
[illegible] o meu
[illegible] porque,
[illegible] ntir-me
[illegible] escripta
[illegible] stava o

[illegible] E'o que
[illegible] gano ou
[illegible]

[illegible] caso é

[illegible] ramento
[illegible] ue o re-
[illegible] vez que
[illegible] im, cor-

[illegible] o inter-
[illegible] um bi-
[illegible] ideia:
[illegible] uve pu-
[illegible] stabele-
[illegible] alou em
[illegible] recer o
[illegible] perança

veiu pousar outra vez no meu coração; e, sem nada exprimir, cuidei que um dia, um dia tarde, ella viesse a casar commigo. E foi essa esperança que me rectificou aos meus proprios olhos, na situação em que me achava. Os boatos de nosso casamento correram mundo. Chegaram aos nossos ouvidos; eu negava formalmente e sério; ella dava de hombros e ria. Foi essa phase da nossa vida a mais serena para mim, salvo um incidente curto, um diplomata austriaco ou não sei quê, rapagão, elegante, ruivo, olhos grandes e attractivos,e fidalgo ainda por cima. Quintilia mostrou-se-lhe tão graciosa, que elle cuidou estar acceito, e tratou de ir adiante. Creio que algum gesto meu, insconsciente, ou então um pouco da percepção fina que o céu lhe déra, levou depressa o desengano á legação austriaca. Pouco depois ella adoeceu; e foi então que a nossa intimidade cresceu de vulto. Ella, emquanto se tratava, resolveu não sair, e isso mesmo lhe disseram os medicos. Lá passava eu muitas horas diariamente. Ou ellas tocavam, ou jogavamos os tres, ou então lia-se alguma cousa; a maior parte das vezes conversavamos sómente. Foi então que a estudei muito; escutando as suas leituras vi que os livros puramente amorosos achava-os incom-

prehensiveis, e, se as paxões ahi eram violentas, largava-os com tédio. Não falava assim por ignorante; tinha noticia vaga das paixões, e assistira a algumas alheias.

— De que molestia padecia?

— Da espinha. Os medicos diziam que a molestia não era talvez recente, e ia tocando o ponto melindroso. Chegámos assim a 1859. Desde março desse anno a molestia aggravou-se muito, teve uma pequena parada, mas para os fins do mez chegou ao estado desesperador. Nunca vi depois creatura mais energica diante da imminente catastrophe; estava então de uma magreza transparente, quasi fluida; ria, ou antes, sorria apenas, e vendo que eu escondia as minhas lagrimas, apertava-me as mãos agradecida. Um dia, estando só com o medico, perguntou-lhe a verdade; elle ia mentir; ella disse-lhe que era inutil, que estava perdida.

— Perdida, não, murmurou o medico. — Jura que não estou perdida? — Elle hesitou, ella agradeceu-lh'o. Uma vez certa que morria, ordenou o que promettera a si mesma.

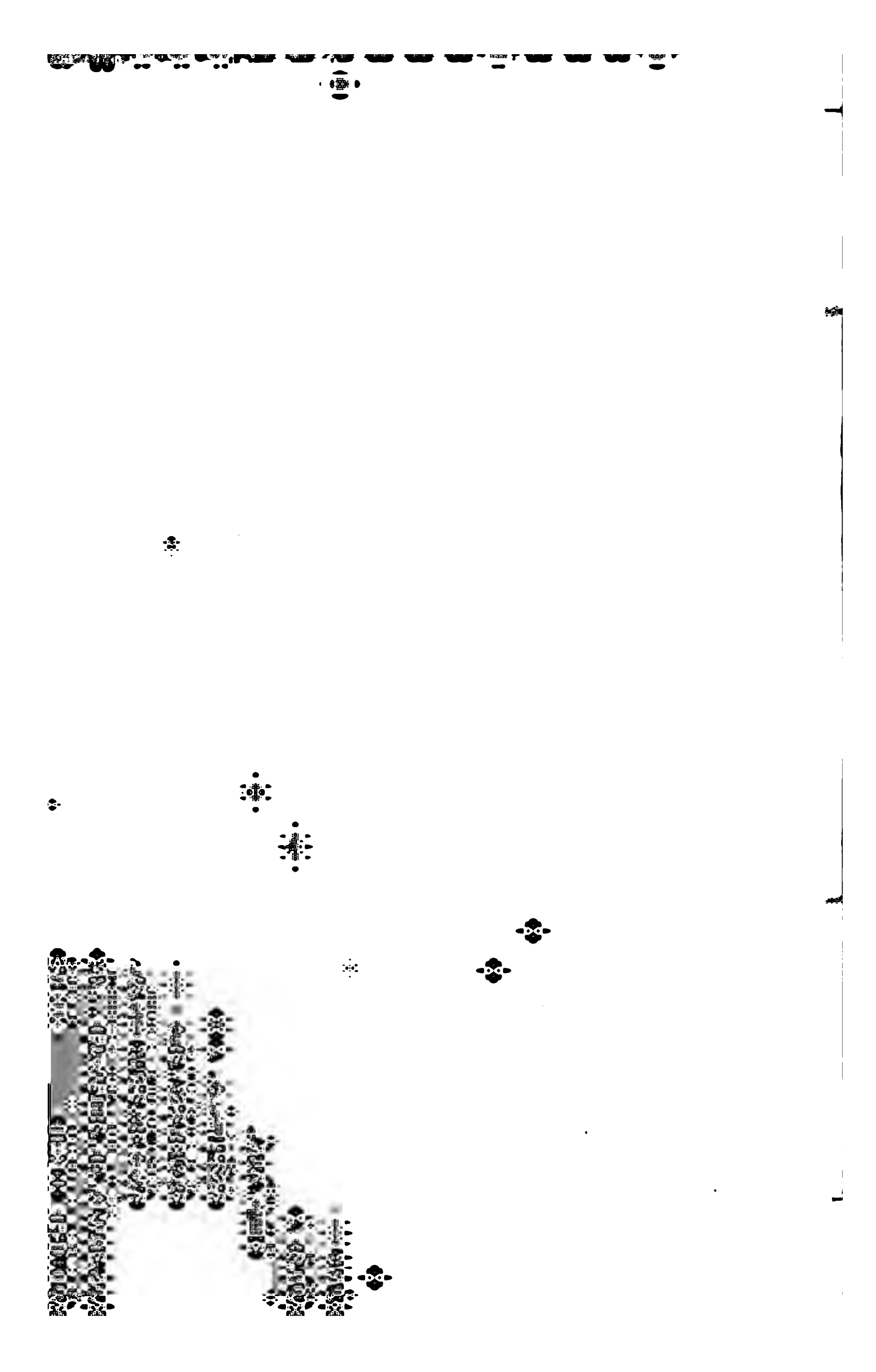
— Casou com o senhor, aposto?

— Não me relembre essa triste ceremonia; ou antes, deixe-me relembral-a, porque me traz al-

gum alento do passado. Não acceitou recusas nem pedidos meus; casou commigo á beira da morte. Foi no dia 18 de Abril de 1859. Passei os ultimos dois dias, até 20 de Abril ao pé da minha noiva moribunda, e abracei-a pela primeira vez, feita cadaver.

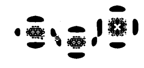
— Tudo isso é bem exquisito.

— Não sei o que dirá a sua physiologia. A minha, que é de profano, crê que aquella moça tinha ao casamento uma aversão puramente physica. Casou meia defunta, ás portas do nada. Chame-lhe monstro, se quer, mas accrescente divino.



A causa secreta









A CAUSA SECRETA

Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o tecto; Maria Luiza, perto da janella, concluia um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum d'elles dizia nada. Tinham falado do dia, que estivera excellente, — de Catumby, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saude, que adiante se explicará. Como os tres personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a historia sem rebuço.

Tinham falado tambem de outra cousa, além d'aquellas tres, cousa tão feia e grave, que não lhes deixou muito gosto para tratar do dia, do bairro e da casa de saude. Toda a conversação a este respeito foi constrangida. Agora mesmo, os

6.

...ulos,
...xpres-
... Em
..., que
...a ori-

...anno
...a Es-
...neira
...do o
... mas,
...sse o
...va na
...acções
... perto,
...es por
...ssoas.
...passos
...e, es-
...ato, e

...adas,
...Fortu-
...ances
... olhos
..., a tal

ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscencias pessoaes do visinho. No fim do drama, veiu uma farça; mas Fortunato não esperou por ella e saiu; Garcia saiu atraz d'elle. Fortunato foi pelo becco do Cotovello, rua de S. José, até o largo da Carioca. Ia devagar, cabisbaixo, parando ás vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e elle ia andando. No largo da Carioca entrou n'um tilbury, e seguiu para os lados da praça da Constituição. Garcia voltou para casa sem saber mais nada.

Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sotão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia, acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um medico.

— Já ahi vem um, acudiu alguem.

Garcia olhou: era o proprio homem da Santa Casa e do theatro. Imaginou que seria parente ou amigo do ferido; mas, rejeitou a supposição,

desde que lhe ouvira perguntar se este tinha familia ou pessoa proxima. Disse-lhe o preto que não, e elle assumiu a direcção do serviço, pediu as pessoas extranhas que se retirassem, pagou aos carregadores, e deu as primeiras ordens. Sabendo que o Garcia era visinho e estudante de medicina pediu-lhe que ficasse para ajudar o medico. Em seguida contou o que se passara.

— Foi uma malta de capoeiras. Eu vinha do quartel de Moura, onde fui visitar um primo, quando ouvi um barulho muito grande, e logo depois um ajuntamento. Parece que elles feriram tambem a um sujeito que passava, e que entrou por um d'aquelles beccos; mas eu só vi a este senhor, que atravessava a rua no momento em que um dos capoeiras, roçando por elle, metteu-lhe o punhal. Não caiu logo; disse onde morava, e, como era a dous passos, achei melhor trazel-o.

— Conhecia-o antes? perguntou Garcia.

— Não, nunca o vi. Quem é?

— E' um bom homem, empregado no arsenal de guerra. Chama-se Gouvêa.

— Não sei quem é.

Medico e subdelegado vieram d'ahi a pouco; fez-se o curativo, e tomaram-se as informações. O desconhecido declarou chamar-se Fortunato Go-

mes da Silveira, ser capitalista, solteiro, morador em Catumby. A ferida foi reconhecida grave. Durante o curativo ajudado pelo estudante, Fortunato serviu de criado, segurando a bacia, a vela, os pannos sem perturbar nada, olhando friamente para o ferido, que gemia muito. No fim, entendeu-se particularmente com o medico, acompanhou-o até o patamar da escada, e reiterou ao subdelegado a declaração de estar prompto a auxiliar as pesquizas da policia. Os dous sairam, elle e o estudante ficaram no quarto.

Garcia estava attonito. Olhou para elle, viu-o sentar-se tranquillamente, estirar as pernas, metter as mãos nas algibeiras das calças, e fitar os olhos no ferido. Os olhos eram claros, côr de chumbo, moviam-se devagar, e tinham a expressão dura, secca e fria. Cara magra e pallida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo, e de uma tempora a outra, curta, ruiva e rara. Teria quarenta annos. De quando em quando, voltava-se para o estudante, e perguntava alguma cousa ácerca do ferido; mas tornava logo a olhar para elle, emquanto o rapaz lhe dava a resposta. A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade; não podia negar que estava assistindo a um acto

de rara dedicação, e se era desinteressado como parecia, não havia mais que acceitar o coração humano como um poço de mysterios.

Fortunato saiu pouco antes de uma hora; voltou nos dias seguintes, mas a cura fez-se depressa, e, antes de concluida, desappareceu sem dizer ao obsequiado onde morava. Foi o estudante que lhe deu as indicações do nome, rua e numero.

— Vou agradecer-lhe a esmola que me fez, logo que possa sair, disse o convalescente.

Correu a Catumby dahi a seis dias. Fortunato recebeu-o constrangido, ouviu impaciente as palavras de agradecimento, deu-lhe uma resposta enfastiada e acabou batendo com as borlas do chambre no joelho. Gouvêa, defronte d'elle, sentado e calado, alisava o chapéo com os dedos, levantando os olhos de quando em quando, sem achar mais nada que dizer. No fim de dez minutos, pediu licença para sair, e saiu.

— Cuidado com os capoeiras! disse-lhe o dono da casa, rindo-se.

O pobre diabo saiu de lá mortificado, humilhado, mastigando a custo o desdem, forcejando por esquecel-o, explical-o ou perdoal-o, para que no coração só ficasse a memoria do beneficio; mas o esforço era vão. O resentimento, hospede novo

e exclusivo, entrou e pôz fóra o beneficio, de tal modo que o desgraçado náo teve mais que trepar á cabeça e refugiar-se alli como uma simples ideia. Foi assim que o proprio bemfeitor insinuou a este homen o sentimento da ingratidão.

Tudo isso assombrou o Garcia. Este moço possuia, em germen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da analyse, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas moraes, até apalpar o segredo de um organismo. Picado de curiosidade, lembrou-se de ir ter com o homem de Catumby, mas advertiu que nem recebera d'elle o offerecimento formal da casa. Quando menos, era-lhe preciso um pretexto, e não achou nenhum.

Tempos depois, estando já formado, e morando na rua de Mata-Cavallos, perto da do Conde, encontrou Fortunato em uma gondola, encontrou-o ainda outras vezes, e a frequencia trouxe a familiaridade. Um dia Fortunato convidou-o a ir visital-o ali perto, em Catumby.

— Sabe que estou casado ?

— Não sabia.

— Casei-me ha quatro mezes, podia dizer quatro dias. Vá jantar comnosco domingo.

— Domingo?

— Não esteja forjando desculpas; não admitto desculpas. Vá domingo.

Garcia foi lá domingo. Fortunato deu-lhe um bom jantar, bons charutos e boa palestra, em companhia da senhora, que era interessante. A figura d'elle não mudara; os olhos eram as mesmas chapas de estanho, duras e frias; as outras feições não eram mais attrahentes que dantes. Os obsequios, porém, se não resgatavam a natureza, davam alguma compensação, e não era pouco. Maria Luiza é que possuia ambos os feitiços, pessoa e modos. Era esbelta, airosa, olhos meigos e submissos; tinha vinte e cinco annos e parecia não passar de dezenove. Garcia, á segunda vez que lá foi, percebeu que entre elles havia alguma dissonancia de caracteres, pouca ou nenhuma affinidade moral, e da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor. Um dia, estando os tres juntos, perguntou Garcia a Maria Luiza se tivera noticia das circumstancias em que elle conhecera o marido.

— Não, respondeu a moça.

— Vai ouvir uma acção bonita.

— Não vale a pena, interrompeu Fortunato.

— A senhora vai ver se vale a pena, insistiu o medico.

Contou o caso da rua de D. Manoel. A moça ouviu-o espantada. Insensivelmente estendeu a mão e apertou o pulso ao marido, risonha e agradecida, como se acabasse de descobrir-lhe o coração. Fortunato sacudia os hombros, mas não ouvia com indifferença. No fim contou elle proprio a visita que o ferido lhe fez, com todos os pormenores da figura, dos gestos, das palavras atadas, dos silencios, em summa, um esturdio. E ria muito ao contal-a. Não era o riso da dobrez. A dobrez é evasiva e obliqua; o riso d'elle era jovial e franco.

— Singular homem! pensou Garcia.

Maria Luiza ficou desconsolada com a zombaria do marido; mas o medico restituiu-lhe a satisfação anterior, voltando a referir a dedicação d'este e as suas raras qualidades de enfermeiro; tão bom enfermeiro, concluiu elle, que, se algum dia fundar uma casa de saude, irei convidal-o.

— Valeu? perguntou Fortunato.

— Valeu o que?

— Vamos fundar uma casa de saude?

— Não valeu nada; estou brincando.

— Podia-se fazer alguma cousa; e para o

senhor, que começa a clinica, acho que seria bem bom. Tenho justamente uma casa que vai vagar, e serve.

Garcia recusou nesse e no dia seguinte; mas a ideia tinha-se mettido na cabeça ao outro, e não foi possivel recuar mais. Na verdade, era uma boa estréa para elle, e podia vir a ser um bom negocio para ambos. Acceitou finalmente, dahi a dias, e foi uma desillusão para Maria Luiza. Creatura nervosa e fragil, padecia só com a ideia de que o marido tivesse de viver em contacto com enfermidades humanas, mas não ousou oppor-se-lhe, e curvou a cabeça. O plano fez-se e cumpriu-se depressa. Verdade é que Fortunato não curou de mais nada, nem então, nem depois. Aberta a casa, foi elle o proprio administrador e chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, compras e caldos, drogas e contas.

Garcia pôde então observar que a dedicação ao ferido da rua de D. Manoel não era um caso fortuito, mas assentava na propria natureza d'este homem. Via-o servir como nenhum dos famulos. Não recuava diante de nada, não conhecia molestia afflictiva ou repellente, e estava sempre prompto para tudo, a qualquer hora do dia ou da noite. Toda a gente pasmava e applaudia. Fortu-

nato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os causticos. Tenho muita fé nos causticos, dizia elle.

A communhão dos interesses apertou os laços da intimidade. Garcia tornou-se familiar na casa; alli jantava quasi todos os dias, alli observava a pessoa e a vida de Maria Luiza, cuja solidão moral era evidente. E a solidão como que lhe duplicava o encanto. Garcia começou a sentir que alguma cousa o agitava, quando ella apparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janella, ou tocava ao piano umas musicas tristes. Manso e manso, entrou-lhe o amor no coração. Quand deu por elle, quiz expellil-o para que entre elle e Fortunato não houvesse outro laço que o da amisade; mas não pôde. Pôde apenas trancal-o; Maria Luiza comprehendeu ambas as cousas, a affeição e o silencio, mas não se deu por achada.

No começo de Outubro deu-se um incidente que desvendou ainda mais aos olhos do medico a situação da moça. Fortunato mettera-se a estudar anatomia e physiologia, e occupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar gatos e cães. Como os guinchos dos animaes atordoavam os doentes, mudou o laboratorio para casa, e a mu-

lher, compleição nervosa, teve de os soffrer. Um dia, porém, não podendo mais, foi ter com o medico e pediu-lhe que, como cousa sua, alcançasse do marido a cessação de taes experiencias.

— Mas a senhora mesma...

Maria Luiza acudiu, sorrindo:

— Elle naturalmente achará que sou criança. O que eu queria é que o senhor, como medico, lhe dissesse que isso me faz mal; e creia que faz...

Garcia alcançou promptamente que o outro acabasse com taes estudos. Se os foi fazer em outra parte, ninguem o soube, mas póde ser que sim. Maria Luiza agradeceu ao medico, tanto por ella como pelos animaes, que não podia vêr padecer. Tossia de quando em quando; Garcia perguntou-lhe se tinha alguma cousa, ella respondeu que nada.

— Deixe ver o pulso.

— Não tenho nada.

Não deu o pulso, e retirou-se. Garcia ficou apprehensivo. Cuidava, ao contrario, que ella podia ter alguma cousa que era preciso observal-a e avisar o marido em tempo.

Dous dias depois, — exactamente o dia em que os vemos agora, — Garcia foi lá jantar. Na sala disseram-lhe que Fortunato estava no gabinete,

e elle caminhou para alli; ia chegando á porta, no momento em que Maria Luiza saía afflicta.

— Que é? perguntou-lhe.

— O rato! o rato! exclamou a moça suffocada e afastando-se.

Garcia lembrou-se que, na vespera ouvira ao Fortunato queixar-se de um rato, que lhe levára um papel importante; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado á mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual puzera um prato com espirito de vinho. O liquido flammejava. Entre o pollegar e o indice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até á chamma, rapido, para não matal-o, e dispoz-se a fazer o mesmo á terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorisado.

— Mate-o logo! disse-lhe.

— Já vai.

E com um sorriso unico, reflexo de alma satisfeita, alguma cousa que traduzia a delicia intima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo

movimento até a chamma. O miseravel estorcia-se, guinchando, ensanguentado, chamuscado, e não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o supplicio continuasse, mas não chegou a fazel-o, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquella serenidade radiosa da physionomia. Faltava cortar a ultima pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e elle ficou olhando para o rato meio cadaver. Ao descel-o pela quarta vez, até a chamma, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.

Garcia defronte, conseguia dominar a repugnancia do expectaculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem odio; tão sómente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bella sonata ou a vista de uma estatua divina, alguma cousa parecida com a pura sensação esthetica. Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isto posto, não estaria fingindo, e devia ser aquillo mesmo. A chamma ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um residuo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para

cortar-lhe o focinho e pela ultima vez chegar a carne ao fogo. Afinal deixou cair o cadaver no prato, e arredou de si toda essa mistura de chamusco e sangue.

Ao levantar-se deu com o medico e teve um sobresalto. Então, mostrou-se enraivecido contra o animal, que lhe comera o papel; mas a colera evidentemente era fingida.

— Castiga sem raiva, pensou o medico, pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dôr alheia lhe póde dar: é o segredo d'este homem.

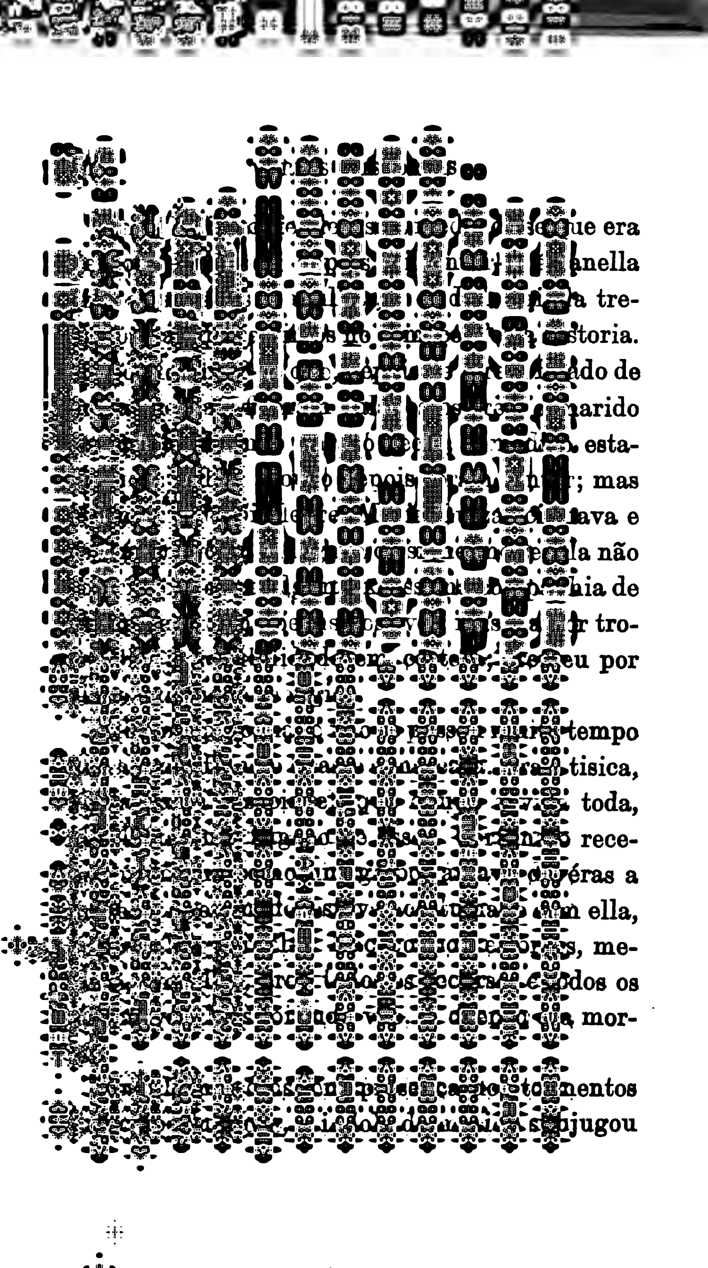
Fortunato encareceu a importancia do papel, a perda que lhe trazia, perda de tempo, é certo, mas o tempo agora era-lhe preciosissimo. Garcia ouvia só, sem dizer nada, nem lhe dar credito. Relembrava os actos d'elle, graves e leves, achava a mesma explicação para todos. Era a mesma troca das teclas da sensibilidade, um dilettantismo *sui generis*, uma reducção de Caligula.

Quando Maria Luiza voltou ao gabinete, d'ahi a pouco, o marido foi ter com ella, rindo, pegou-lhe nas mãos e falou-lhe mansamente:

— Fracalhona!

E voltando-se para o medico:

— Ha de crer que quasi desmaiou?



qualquer outra affeição. Não a deixou mais; fitou o olho baço e frio naquella decomposição lenta e dolorosa da vida, bebeu uma a uma as afflicções da bella creatura, agora magra e transparente, devorada de febre e minada de morte. Egoismo asperrimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lh'os pagou com uma só lagrima, publica ou intima. Só quando ella expirou, é que elle ficou aturdido. Voltando a si, viu que estava outra vez só.

De noite, indo repousar uma parenta de Maria Luiza, que a ajudára a morrer, ficaram na sala Fortunato e Garcia, velando o cadaver, ambos pensativos; mas o proprio marido estava fatigado, o medico disse-lhe que repousasse um pouco.

— Vá descançar, passe pelo somno uma hora ou duas: eu irei depois.

Fortunato saiu, foi deitar-se no sofá da saleta contigua, e adormeceu logo. Vinte minutos depois acordou, quiz dormir outra vez, cochilou alguns minutos, até que se levantou e voltou á sala. Caminhava na pontas dos pés para não acordar a parenta, que dormia perto. Chegando á porta, estacou assombrado.

Garcia tinha-se chegado ao cadaver, levantára

o lenço e contemplára por alguns instantes as feições defunctas. Depois, como se a morte espiritualisasse tudo, inclinou-se e beijou-o na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou á porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amisade, podia ser o epilogo de um livro adultero. Não tinha ciumes, note-se; a natureza compol-o de maneira que lhe não deu ciumes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que não é menos captiva ao resentimento. Olhou assombrado, mordendo os beiços.

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadaver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lagrimas, que vieram em borbotões, lagrimas de amor calado, e irremediavel desespero. Fortunato, á porta, onde ficára, saboreou tranquillo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

Trio em lá menor





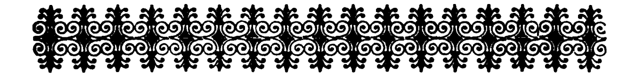
TRIO EM LÁ MENOR

I

ADAGIO CANTABILE

Maria Regina acompanhou a avó até o quarto, despediu-se e recolheu-se ao seu. A mucama que a servia, apesar da familiaridade que existia entre ellas, não pôde arrancar-lhe uma palavra, e saiu, meia hora depois, dizendo que Nhanhã estava muito séria. Logo que ficou só, Maria Regina sentou-se ao pé da cama, com as pernas estendidas, os pés cruzados, pensando.

A verdade pede que diga que esta moça pensava amorosamente em dous homens ao mesmo tempo, um de vinte e sete annos, Maciel, — outro de cincoenta, Miranda. Convenho que é abom-



TRIO EM LÁ MENOR

I

ADAGIO CANTABILE

Maria Regina acompanhou a avó até o quarto, despediu-se e recolheu-se ao seu. A mucama que a servia, apesar da familiaridade que existia entre ellas, não pôde arrancar-lhe uma palavra, e saiu, meia hora depois, dizendo que Nhanhã estava muito séria. Logo que ficou só, Maria Regina sentou-se ao pé da cama, com as pernas estendidas, os pés cruzados, pensando.

A verdade pede que diga que esta moça pensava amorosamente em dous homens ao mesmo tempo, um de vinte e sete annos, Maciel, — outro de cincoenta, Miranda, Convenho que é abomi-

navel, mas não posso alterar a feição das cousas, não posso negar que se os dous homens estão namorados d'ella, ella não o está menos de ambos. Uma exquisita, em summa; ou, para falar como as suas amigas de collegio, uma desmiolada. Ninguem lhe nega coração excellente e claro espirito; mas a imaginação é que é o mal, uma imaginação adusta e cobiçosa, insaciavel principalmente, avessa á realidade, sobrepondo ás cousas da vida outras de si mesma; dahi curiosidades irremediaveis.

A visita dos dous homens (que a namoravam de pouco) durou cerca de uma hora. Maria Regina conversou alegremente com elles, e tocou ao piano uma peça classica, uma sonata, que fez a avó cochilar um pouco. No fim discutiram musica. Miranda disse cousas pertinentes ácerca da musica moderna e antiga; a avó tinha a religião de Bellini e da *Norma*, e falou das toadas do seu tempo agradaveis, saudosas e principalmente claras. A neta ia com as opiniões do Miranda; Maciel concordou polidamente com todos.

Ao pé da cama, Maria Regina reconstruia agora tudo isso, a visita, a conversação, a musica, o debate os modos de ser de um e de outro, as palavras do Miranda e os bellos olhos do Maciel.

Eram onze horas, a unica luz do quarto era a lamparina, tudo convidava ao sonho e ao devaneio. Maria Regina, á força de recompor a noite, viu alli dous homens ao pé d'ella, ouviu-os, e conversou com elles durante uma porção de minutos trinta ou quarenta, ao som da mesma sonata tocada por ella : la, la, la...

II

ALLEGRO MA NON TROPPO

No dia seguinte a avó e a neta foram visitar uma amiga na Tijuca. Na volta a carruagem derribou um menino que atravessava a rua, correndo. Uma pessoa que viu isto, atirou-se aos cavallos e com perigo de si propria, conseguiu detel-os e salvar a criança, que apenas ficou ferida e desmaiada. Gente, tumulto, a mãe do pequeno acudiu em lagrimas. Maria Regina desceu do carro e acompanhou o ferido até á casa da mãe, que era alli ao pé.

Quem conhece a technica do destino adivinha logo que a pessoa que salvou o pequeno foi um dos dous homens da outra noite; foi o Maciel.

Feito o primeiro curativo, o Maciel acompanhou a moça até á carruagem e acceitou o logar que a avó lhe offereceu até á cidade. Estavam no Engenho Velho. Na carruagem é que Maria Regina viu que o rapaz trazia a mão ensanguentada. A avó inqueria a miudo se o pequeno estava muito mal, se escaparia; Maciel disse-lhe que os ferimentos eram leves. Depois contou o accidente: estava parado, na calçada, esperando que passasse um tilbury, quando viu o pequeno atravessar a rua por diante dos cavallos; comprehendeu o perigo, e tratou de conjural-o, ou diminuil-o.

— Mas está ferido, disse a velha.

— Cousa de nada.

— Está, está, acudiu a moça; podia ter-se curado tambem.

— Não é nada, teimou elle; foi um arranhão, enxugo isto com o lenço.

Não teve tempo de tirar o lenço; Maria Regina offereceu-lhe o seu. Maciel, commovido, pegou n'elle, mas hesitou em maculal-o. Vá, vá, dizia-lhe ella; e vendo-o acanhado, tirou-lh'o e enxugou-lhe, ella mesma, o sangue da mão.

A mão era bonita, tão bonita como o dono; mas parece que elle estava menos preoccupado com a ferida da mão que com o amarrotado dos punhos.

Conversando, olhava para elles disfarçadamente e escondia-os. Maria Regina não via nada, via-o a elle, via-lhe principalmente a acção que acabava de praticar, e que lhe punha uma auréola. Comprehendeu que a natureza generosa saltara por cima dos habitos pausados e elegantes do moço, para arrancar á morte uma criança que elle nem conhecia. Falaram do assumpto até á porta da casa d'ellas; Maciel recusou, agradecendo, a carruagem que ellas lhe offereciam, e despediu-se até á noite.

— Até á noite! repetiu Maria Regina.

Esperou-o anciosa. Elle chegou, por volta de oito horas, trazendo uma fita preta enrolada na mão, e pediu desculpa de vir assim; mas disseram-lhe que era bom pôr alguma cousa e obedeceu.

— Mas está melhor!

— Estou bom, não foi nada.

— Venha, venha, disse-lhe a avó, do outro lado da sala. Sente-se aqui ao pé de mim: o senhor é um heroe.

Maciel ouvia sorrindo. Tinha passado o impeto generoso, começava a receber os dividendos do sacrificio. O maior d'elles era a admiração de Maria Regina, tão ingenua e tamanha, que es-

quecia a avó e a sala. Maciel sentara-se ao lado da velha. Maria Regina defronte de ambos. Emquanto a avó, restabelecida do susto, contava as commoções que padecera, a principio sem saber de nada, depois imaginando que a criança teria morrido, os dous olhavam um para o outro, discretamente, e afinal esquecidamente. Maria Regina perguntava a si mesma onde acharia melhor noivo. A avó, que não era myope, achou a contemplação excessiva, e falou de outra cousa; pediu ao Maciel algumas noticias de sociedade.

III

ALLEGRO APPASSIONATO

Maciel era homem, como elle mesmo dizia em francez, *très répandu;* sacou da algibeira uma porção de novidades miudas e interessantes. A maior de todas foi a de estar desfeito o casamento de certa viuva.

— Não me diga isso! exclamou a avó. E ella?

— Parece que foi ella mesma que o desfez: o certo é que esteve ante-hontem no baile, dançou

e conversou com muita animação. Oh! abaixo da noticia, o que fez mais sensação em mim foi o collar que ella levava, magnifico...

— Com uma cruz de brilhantes? perguntou a velha. Conheço; é muito bonito.

— Não, não é esse.

Maciel conhecia o da cruz, que ella levara á casa de um Mascarenhas; não era esse. Este outro ainda ha poucos dias estava na loja do Rezende, uma cousa linda. E descreveu-o todo, numero, disposição e facetado das pedras; concluiu dizendo que foi a joia da noite.

— Para tanto luxo era melhor casar, ponderou maliciosamente a avó.

— Concordo que a fortuna d'ella não dá para isso. Ora, espere! Vou amanhã, ao Rezende, por curiosidade, saber o preço por que o vendeu. Não foi barato, não podia ser barato.

— Mas por que é que se desfez o casamento?

— Não pude saber; mas tenho de jantar sabbado com o Venancinho Corrêa, e elle conta-me tudo. Sabe que ainda é parente d'ella? Bom rapaz; está inteiramente brigado com o barão...

A avó não sabia da briga; Maciel contou-lh'a de principio a fim, com todas as suas causas e aggravantes. A ultima gotta no calix foi um dito

á mesa de jogo, uma allusão ao defeito do Venancinho, que era canhoto. Contaram-lhe isto, e elle rompeu inteiramente as relações com o barão. O bonito é que os parceiros do barão accusaram-se uns aos outros de terem ido contar as palavras d'este. Maciel declarou que era regra sua não repetir o que ouvia á mesa do jogo, por que é logar em que ha certa franqueza.

Depois fez a estatistica da rua do Ouvidor, na vespera, entre uma e quatro horas da tarde. Conhecia os nomes das fazendas e todas as cores modernas. Citou as principaes *toilettes* do dia. A primeira foi a de Mme Penna Maia, bahiana distincta, *très pschutt*. A segunda foi a de Mlle Pedrosa, filha de um desembargador de S. Paulo, *adorable*. E apontou mais tres, comparou depois as cinco, deduziu e concluiu. A's vezes esquecia-se e falava francez; póde mesmo ser que não fosse esquecimento, mas proposito; conhecia bem a lingua, exprimia-se com facilidade e formulara um dia este axioma ethnologico — que ha parizienses em toda a parte. De caminho, explicou um problema de voltarete.

— A senhora tem cinco trunfos de espadilha e manilha, tem rei e dama de copas...

Maria Regina ia descambando da admiração no

fastio; agarrava-se aqui e alli, contemplava a figura moça do Maciel, recordava a bella acção daquelle dia, mas ia sempre escorregando; o fastio não tardava a absorvel-a. Não havia remedio. Então recorreu a um singular expediente. Tratou de combinar os dous homens, o presente com o ausente, olhando para um, e escutando o outro de memoria; recurso violento e doloroso, mas tão efficaz, que ella pôde contemplar por algum tempo uma creatura perfeita e unica.

N'isto appareceu o outro, o proprio Miranda. Os dous homens comprimentaram-se friamente; Maciel demorou-se ainda uns dez minutos e saiu.

Miranda ficou. Era alto e secco, physionomia dura e gelada. Tinha o rosto cançado, os cincoenta annos confessavam-se taes, nos cabellos grisalhos, nas rugas e na pelle. Só os olhos continham alguma cousa menos caduca. Eram pequenos, e escondiam-se por baixo da vasta arcada do sobr'olho; mas lá, ao fundo, quando não estavam pensativos, centelhavam de mocidade. A avó perguntou-lhe, logo que Maciel saiu, se já tinha noticia do accidente do Engenho-Velho, e conto-lh'o com a grandes encarecimentos, mas o outro ouvia tudo sem admiração nem inveja.

— Não acha sublime? perguntou ella, no fim.

— Acho que elle salvou talvez a vida a um desalmado que algum dia, sem o conhecer, póde metter-lhe uma faca na barriga.

— Oh! protestou a avó.

— Ou mesmo conhecendo, emendou elle

— Não seja máo, acudiu Maria Regina; o senhor era bem capaz de fazer o mesmo, se alli estivesse.

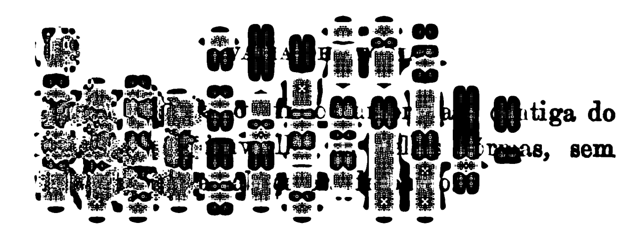
Miranda sorriu de um modo sardonico. O riso accentuou-lhe a dureza da physionomia. Egoista e máo, este Miranda primava por um lado unico: espiritualmente, era completo. Maria Regina achava nelle o traductor maravilhoso e fiél de uma porção de ideias que luctavam dentro d'ella, vagamente, sem fórma ou expressão. Era engenhoso e fino e até profundo, tudo sem pedantice, e sem metter-se por mattos cerrados, antes quasi sempre na planicie das conversações ordinarias; tão certo é que as cousas valem pelas ideias que nos suggerem. Tinham ambos os mesmos gostos artisticos; Miranda estudára direito para obedecer ao pae; a sua vocação era a musica.

A avó prevendo a sonata, apparelhou a alma

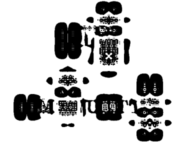
para alguns cochilos. Demais, não podia admittir tal homem no coração; achava-o aborrecido e antipathico. Calou-se no fim de alguns minutos. A sonata veiu, no meio de uma conversação que Maria Regina achou deleitosa, e não veiu senão porque elle lhe pediu que tocasse; elle ficaria de bom grado a ouvil-a.

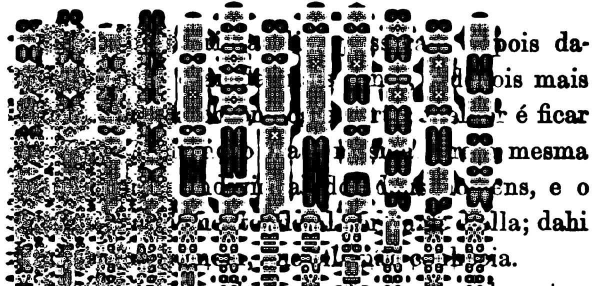
— Vovó, disse ella, agora ha de ter paciencia...

Miranda approximou-se do piano. Ao pé das arandelas, a cabeça d'elle mostrava toda a fadiga dos annos, ao passo que a expressão da physionomia era muito mais de pedra e fel. Maria Regina notou a graduação, e tocava sem olhar para elle; difficil cousa, porque, se elle falava, as palavras entravam-lhe tanto pela alma, que a moça insensivelmente levantava os olhos, e dava logo com um velho ruim. Então é que se lembrava do Maciel, dos seus annos em flôr, da physionomia franca, meiga e boa, e afinal da acção daquelle dia. Comparação tão cruel para o Miranda, como fôra para o Maciel o cotejo dos seus espiritos. E a moça recorreu ao mesmo expediente. Completou um pelo outro; escutava a este com o pensamento naquelle; e a musica ia ajudando a ficção, indecisa a principio, mas logo viva e acabada.



ntiga do
mas, sem

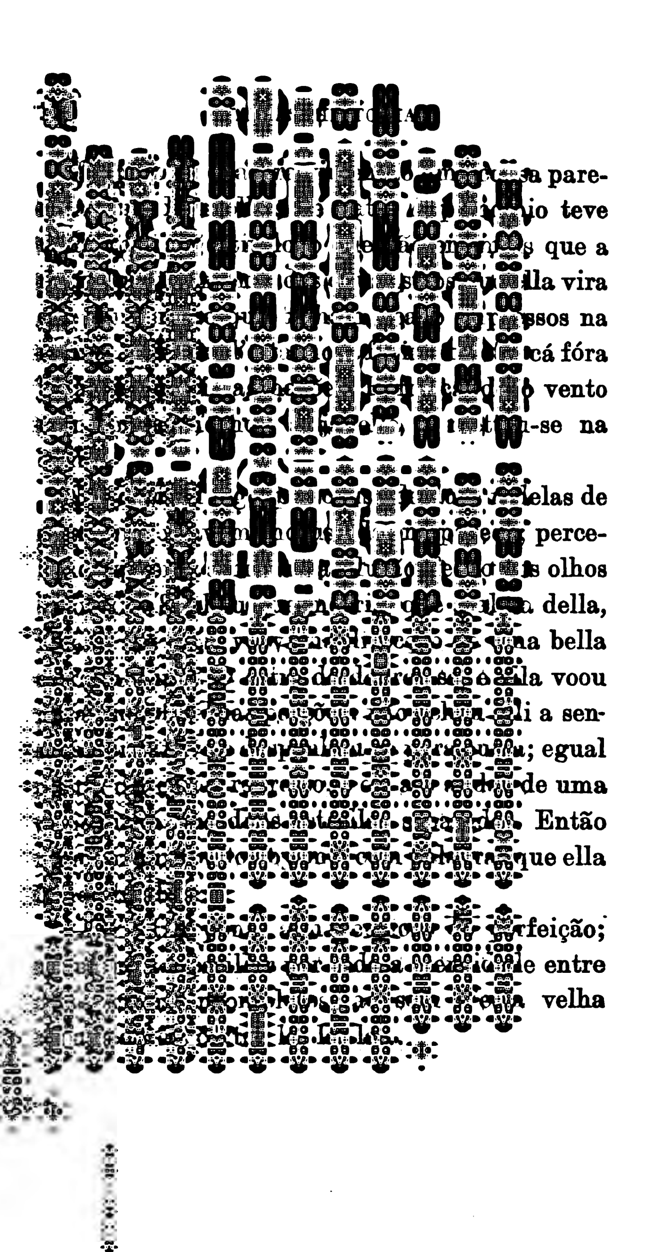




bois da-
is mais
é ficar
mesma
ns, e o
lla; dahi
a.
o outro,
n muito,
o da ul-
a moça.
ça ainda
perança,
s foram
nprehen-
foi uma

das mais bellas daquelle anno, clara, fresca, luminosa. Não havia lua; mas a nossa amiga aborrecia a lua, — não se sabe bem por que, — ou porque brilha de emprestimo, ou porque toda a gente a admira, e póde ser que por ambas as razões. Era uma das suas exquisitices. Agora outra.

Tinha lido de manhã, em uma noticia de jornal, que ha estrellas duplas, que nos parecem um só astro. Em vez de ir dormir, encostou-se á janella do quarto, olhando para o céo, a ver se descobria alguma d'ellas; baldado esforço. Não a descobrindo no céo, procurou-a em si mesma, fechou os olhos para imaginar o phenomeno; astronomia facil e barata, mas não sem risco. O peior que ella tem é pôr os astros ao alcance da mão; por modo que, se a pessoa abre os olhos e elles continuam a fulgurar lá em cima, grande é o desconsolo e certa a blasphemia. Foi o que succedeu aqui. Maria Regina viu dentro de si a estrella dupla e unica. Separadas, valiam bastante; juntas, davam um astro esplendido. E ella queria o astro esplendido. Quando abriu os olhos e viu que o firmamento ficava tão alto, concluiu que a creação era um livro falho e incorrecto, e desesperou.



a pare-
io teve
s que a
lla vira
ssos na
cá fóra
o vento
n-se na

elas de
perce-
s olhos
a della,
na bella
ella voou
li a sen-
; egual
de uma
Então
que ella

feição;
de entre
velha

Adão e Eva



ADÃO E EVA

Uma senhora de engenho, na Bahia, pelos annos de mil setecentos e tantos, tendo algumas pessoas intimas á mesa, annunciou a um dos convivas, grande lambareiro, um certo doce particular. Elle quiz logo saber o que era; a dona da casa chamou-lhe curioso. Não foi preciso mais; dahi a pouco estavam todos discutindo a curiosidade, se era masculina ou feminina, e se a responsabilidade da perda de paraiso devia caber a Eva ou a Adão. As senhoras diziam que a Adão, os homens que a Eva, menos o juiz de fóra, que não dizia nada, e frei Bento, carmelita, que interrogado pela dona da casa, D. Leonor:

— Eu, senhora minha, toco viola, respondeu sorrindo e não mentia, porque era insigne na viola e na harpa, não menos que na theologia.

8.

Consultado, o juiz de fóra respondeu que não havia materia para opinião; porque as cousas no paraiso terrestre passaram-se de modo differente do que está contado no primeiro livro do Pentateuco, que é apocrypho. Espanto geral, riso do carmelita que conhecia o juiz de fóra como um dos mais piedosos sujeitos da cidade, e sabia que era tambem jovial e inventivo, e até amigo da pulha, uma vez que fosse curial e delicada; nas cousas graves, era gravissimo.

— Frei Bento, disse-lhe D. Leonor, faça calar o Sr. Velloso.

— Não o faço calar, acudiu o frade, porque sei que de sua bocca ha de sair tudo com boa significação.

— Mas a Escriptura... ia dizendo o mestre de campo João Barbosa.

— Deixemos em paz a Escriptura, interrompeu o carmelita. Naturalmente, o Sr. Velloso conhece outros livros...

— Conheço o authentico, insistiu o juiz de fóra, recebendo o prato de doce que D. Leonor lhe offerecia e estou prompto a dizer o que sei, se não mandam o contrario.

— Vá lá, diga.

— Aqui está como as cousas se passaram. Em

primeiro logar, não foi Deus que creou o mundo, foi o Diabo...

— Cruz! exclamaram as senhoras.

— Não diga esse nome, pediu D. Leonor.

— Sim, parece que... ia intervindo frei Bento.

— Seja o Tinhoso. Foi o Tinhoso que creou o mundo; mas Deus, que lhe leu no pensamento, deixou-lhe as mãos livres, cuidando sómente de corrigir ou attenuar a obra, afim de que ao proprio mal não ficasse a desesperança da salvação ou do beneficio. E a acção divina mostrou-se logo porque, tendo o Tinhoso creado as trevas, Deus creou a luz, e assim se fez o primeiro dia. No segundo dia, em que foram creadas as aguas, nasceram as tempestades e os furacões; mas as brisas da tarde baixaram do pensamento divino. No terceiro dia foi feita a terra, e brotaram d'ella os vegetaes mas só os vegetaes sem fructo nem flôr, os espinhosos, as hervas que matam como a cicuta; Deus, porém, creou as arvores fructiferas e os vegetaes que nutrem ou encantam. E tendo o Tinhoso cavado abysmos e cavernas na terra, Deus fez o sol, a lua e as estrellas; tal foi a obra do quarto dia. No quinto foram creados os animaes da terra, da agua

e do ar. Chegamos ao sexto dia, e aqui peço que redobrem de attenção.

Não era preciso pedil-o; toda a mesa olhava para elle, curiosa.

Velloso continuou dizendo que no sexto dia foi creado o homem, e logo depois a mulher; ambos bellos, mas sem alma, que o Tinhoso não podia dar, e só com ruins instinctos. Deus infundiu-lhes a alma, com um sopro, e com outro os sentimentos nobres, puros e grandes. Nem parou nisso a misericordia divina; fez brotar um jardim de delicias, e para alli os conduziu, investindo-os na posse de tudo. Um e outro cairam aos pés do Senhor, derramando lagrimas de gratidão. « Vivereis aqui, disse-lhes o Senhor, e comereis de todos os fructos, menos o d'esta arvore, que é a da sciencia do bem e do mal. »

Adão e Eva ouviram submissos; e ficando sós, olharam um para o outro, admirados; não pareciam os mesmos. Eva, antes que Deus lhe infundisse os bons sentimentos, cogitava de armar um laço a Adão, e Adão, tinha impetos de espancal-a. Agora, porém, embebiam-se na contemplação um do outro, ou na vista da natureza, que era explendida. Nunca até então viram ares tão puros, nem aguas tão frescas, nem flôres tão

lindas e cheirosas, nem o sol tinha para nenhuma outra parte as mesmas torrentes de claridade. E dando as mãos percorreram tudo, a rir muito, nos primeiros dias, porque até então não sabiam rir. Não tinham a sensação do tempo. Não sentiam o peso da ociosidade; viviam da contemplação. De tarde iam ver morrer o sol e nascer a lua, e contar as estrellas, e raramente chegavam a mil, dava-lhes o somno dormiam como dous anjos.

Naturalmente, o Tinhoso ficou damnado quando soube do caso. Não podia ir ao paraiso, onde tudo lhe era avesso, nem chegaria a lutar com o Senhor; mas ouvindo um rumor no chão entre folhas seccas, olhou e viu que era a serpente. Chamou-a alvoroçado.

— Vem cá, serpe, fel rasteiro, peçonha das peçonhas, queres tu ser a embaixatriz de teu pae, para rehaver as obras de teu pae?

A serpente fez com a cauda um gesto vago, que parecia affirmativo; mas o Tinhoso deu-lhe a fala, e ella respondeu que sim, que iria onde elle a mandasse, — ás estrellas, se lhe désse as azas da aguia — ao mar, se lhe confiasse o segredo de respirar na agua — ao fundo da terra, se lhe ensinasse o talento da formiga. E falava a ma-

ligna, falava á tôa, sem parar, contente e prodiga da lingua; mas o diabo interrompeu-a:

— Nada d'isso, nem ao ar, nem ao mar, nem á terra, mas tão sómente ao jardim de delicias, onde estão vivendo Adão e Eva.

— Adão e Eva?

— Sim, Adão e Eva.

— Duas bellas creaturas que vimos andar ha tempos, altas e direitas como palmeiras?

— Justamente.

— Oh! detesto-os. Adão e Eva? Não, não, manda-me a outro logar. Detesto-os! Só a vista d'elles faz-me padecer muito. Não has de querer que lhes faça mal...

— E'justamente para isso.

— Devéras? Então vou; farei tudo o que quizeres, meu senhor e pae. Anda, dize depressa o que queres que faça. Que morda o calcanhar de Eva? Morderei...

— Não, interrompeu o Tinhoso. Quero justamente o contrario. Ha no jardim uma arvore, que é a da scienca do bem e do mal; elles não devem tocar nella, nem comer-lhe os fructos. Vai, entra, enrosca-te na arvore, e quando um d'elles alli passar, chama-o de mansinho, tira uma fruta e offerece-lhe, dizendo que é a mais saborosa

fruta do mundo; se te responder que não, tu insistirás, dizendo que é bastante comel-a para conhecer o proprio segredo da vida. Vae, vae...

— Vou; mas não falarei a Adão, falarei a Eva. Vou, vou. Que é o proprio segredo da vida, não?

— Sim, o proprio segredo da vida. Vae, serpe das minhas entranhas, flôr do mal, e se te sahires bem, juro que terás a melhor parte na creação, que é a parte humana, porque terás muito calcanhar de Eva que morder, muito sangue de Adão em que deitar o virus do mal... Vae, vae, não te esqueças...

Esquecer? Já levava tudo de cór. Foi, penetrou no paraiso, rastejou até a arvore do bem e do mal, enroscou-se e esperou. Eva appareceu dahi a pouco, caminhando sósinha, esbelta, com a segurança de uma rainha que sabe que ninguem lhe arrancará a corôa. A serpente, mordida de inveja, ia chamar a peçonha á lingua, mas advertiu que estava alli ás ordens do Tinhoso, e, com a voz de mel, chamou-a. Eva estremeceu.

— Quem me chama?

— Sou eu, estou comendo desta fruta...

— Desgraçada, é a arvore do bem e do mal!

— Justamente. Conheço agora tudo, a origem

das cousas e o enigma da vida. Anda, come e terás um grande poder na terra.

— Não, perfida!

— Nescia! Para que recusas o resplendor dos tempos? Escuta-me, faze o que te digo, e serás legião, fundarás cidades, e chamarte-has Cleopatra, Dido, Semiramis; darás heróes do teu ventre, e serás Cornelia, ouvirás a voz do céo, e serás Debora; cantarás e serás Sapho. E um dia, se Deus quizer descer á terra, escolherá as tuas entranhas, e chamar-te-has Maria de Nazareth. Que mais queres tu? Realeza, poesia, divindade, tudo trocas por uma estulta obediencia. Nem será só isso. Toda a natureza te fará bella e mais bella. Côres das folhas verdes, côres do céo azul, vivas ou pallidas, côres da noite, hão de reflectir nos teus olhos. A mesma noite, de porfia com o sol, virá brincar nos teus cabellos. Os filhos do teu seio tecerão para ti as melhores vestiduras, comporão os mais finos aromas, e as aves te darão as suas plumas, e a terra as suas flores, tudo, tudo, tudo...

Eva escutava impassivel; Adão chegou, ouviu-os e confirmou a resposta de Eva; nada valia a perda do paraiso, nem a sciencia, nem o poder, nenhuma outra illusão da terra. Dizendo isto,

deram as mãos um ao outro, e deixaram a serpente, que saiu pressurosa para dar conta ao Tinhoso.

Deus, que ouvira tudo, disse a Gabriel:

— Vae, archanjo meu, desce ao paraiso terrestre, onde vivem Adão e Eva, e traze-os para a eterna bemaventurança, que mereceram pela repulsa ás instigações do Tinhoso.

E logo o archanjo, pondo na cabeça o elmo de diamante, que rutilla como um milhar de sóes, rasgou instantaneamente os ares, chegou a Adão e Eva, e disse-lhes:

— Salve, Adão e Eva. Vinde commigo para o paraiso, que merecestes pela repulsa ás instigações do Tinhoso.

Um e outro, attonitos e confusos, curvaram o collo em signal de obediencia; então Gabriel deu as mãos a ambos, e os tres subiram até á estancia eterna, onde myriades de anjos os esperavam, cantando:

— Entrae, entrae. A terra que deixastes, fica entregue ás obras do Tinhoso, aos animaes ferozes e maleficos ás plantas daminhas e peçonhentas, ao ar impuro, á vida dos pantanos. Reinará nella a serpente que rasteja, babuja e morde, nenhuma creatura egual a vós porá entre

tanta abominação a nota da esperança e da piedade.

E foi assim que Adão e Eva entraram no céu, ao som de todas as cytharas, que uniam as suas notas em um hymno aos dous egressos da creação...

...Tendo acabado de falar, o juiz de fóra estendeu o prato a D. Leonor para que lhe désse mais doce, emquanto os outros convivas olhavam uns para os outros, embasbacados; em vez de explicação, ouviam uma narração enigmatica, ou, pelo menos, sem sentido apparente. D. Leonor foi a primeira que falou:

— Bem dizia eu que o Sr. Velloso estava logrando a gente. Não foi isso que lhe pedimos, nem nada d'isso aconteceu, não é, Fr. Bento?

— Lá o saberá o Sr. juiz, respondeu o carmelita sorrindo.

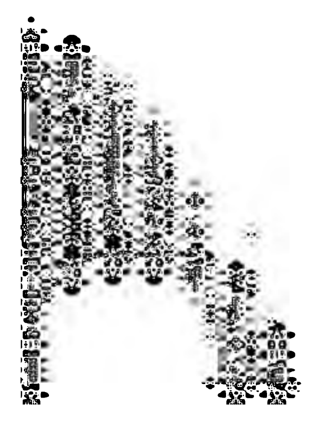
E o juiz de fóra, levando á bocca uma colher de doce:

— Pensando bem, creio que nada d'isso aconteceu; mas tambem, D. Leonor, se tivesse acontecido, não estariamos aqui saboreando este doce, que está, na verdade, uma cousa primorosa. E'ainda aquella sua antiga doceira de Itapagipe?

O enfermeiro











O ENFERMEIRO

Parece-lhe então que o que se deu commigo em 1860, póde entrar n'uma pagina de livro? Vá que seja, com a condição unica de que não ha de divulgar nada antes da minha morte. Não esperará muito, póde ser que oito dias, se não fôr menos; estou desenganado.

Olhe, eu podia mesmo contar-lhe a minha vida inteira, em que ha outras cousas interessantes, mas para isso era preciso tempo, animo e papel, e eu só tenho papel; o animo é frouxo, e o tempo assemelha-se á lamparina de madrugada. Não tarda o sol do outro dia, um sol dos diabos, impenetravel como a vida. Adeus, meu caro senhor, leia isto e queira-me bem; perdoe-me o que lhe parecer mau, e não maltrate muito a arruda, se lhe não cheira a rosas. Pediu-me um documento

humano, eil-o aqui. Não me peça tambem o imperio do Grão-Mogol, nem a photographia dos Macchabeus; peça, porém, os meus sapatos de defuncto e não os dou a ninguem mais.

Já sabe que foi em 1860. No anno anterior, alli pelo mez de agosto, tendo eu quarenta e dois annos fiz-me theologo, — quero dizer, copiava os estudos de theologia de um padre de Nitheroy, antigo companheiro de collegio, que assim me dava, delicadamente, casa, cama e mesa. N'aquelle mez de agosto de 1859, recebeu elle uma carta de um vigario de certa villa do interior perguntando se conhecia pessoa entendida, discreta e paciente, que quizesse ir servir de enfermeiro ao coronel Felisberto, mediante um bom ordenado. O padre falou-me, aceitei com ambas as mãos, estava já enfarado de copiar citações latinas e formulas ecclesiasticas. Vim á Côrte despedir-me de um irmão, e segui para a villa.

Chegando á villa, tive más noticias do coronel. Era homem insupportavel, esturdio, exigente, ninguem o aturava, nem os proprios amigos. Gastava mais enfermeiros que remedios. A dous d'elles quebrou a cara. Respondi que não tinha medo de gente sã, menos ainda de doentes; e depois de entender-me com a vigario, que me

confirmou as noticias recebidas, e me recommendou mansidão e caridade, segui para a residencia do coronel.

Achei-o na varanda da casa estirado n'uma cadeira, bufando muito. Não me recebeu mal. Começou por não dizer nada; poz em mim dous olhos de gato que observa; depois, uma especie de riso maligno alumiou-lhe as feições, que eram duras. Afinal, disse-me que nenhum dos enfermeiros que tivera, prestava para nada, dormiam muito, eram respondões e andavam ao faro das escravas; dous eram até gatunos!

— Você é gatuno?

— Não, senhor.

Em seguida, perguntou-me pelo nome: disse-lh'o e elle fez um gesto de espanto. Colombo? Não, senhor: Procopio José Gomes Vallongo. Vallongo? achou que não era nome de gente, e propoz chamar-me tão sómente Procopio, ao que respondi que estaria pelo que fosse de seu agrado. Conto-lhe esta particularidade, não só porque me parece pintal-o bem, como porque a minha resposta deu de mim a melhor ideia ao coronel. Elle mesmo o declarou ao vigario, accrescentando que eu era o mais sympathico dos enfermeiros que

[illegible] ua de
[illegible]

[illegible] prede-
[illegible] pen-
[illegible] vezes,
[illegible] formi-
[illegible] côrte.
[illegible] pera-
[illegible] adecia
[illegible] qua-
[illegible] ssenta
[illegible] azia a
[illegible] le era
[illegible] humi-
[illegible] estava
[illegible] só es-

[illegible] he não
[illegible] a ben-
[illegible] ão era
[illegible], e fui
[illegible] go, ao
[illegible] alia a
[illegible] Instou
[illegible]

[illegible] zia-me

elle á noute; não posso viver muito tempo. Estou aqui, estou na cova. Você ha de ir ao meu enterro, Procopio; não o dispenso por nada. Ha de ir, ha de rezar ao pé da minha sepultura. Se não fôr, accrescentou rindo, eu voltarei de noite para lhe puxar as pernas. Você crê em almas de outro mundo, Procopio?

— Qual o quê!

— E porque é que não ha de crer, *seu* burro? redarguiu vivamente, arregalando os olhos.

Eram assim as pazes; imagine a guerra. Cohibiu-se das bengaladas; mas as injurias ficaram as mesmas, se não peiores. Eu, com o tempo, fui callejando, e não dava mais por nada; era burro, camello, pedaço d'asno, idiota, moleirão, era tudo. Nem, ao menos, havia mais gente que recolhesse uma parte desses nomes. Não tinha parentes; tinha um sobrinho que morreu tisico, em fins de maio ou principios de julho, em Minas. Os amigos iam por lá ás vezes approval-o, applaudil-o, e nada mais; cinco, dez minutos de visita. Restava eu; era eu sósinho para um diccionario inteiro. Mais de uma vez resolvi sair; mas, instado pelo vigario, ia ficando.

Não só as relações foram-se tornando melin-

drosas, mas eu estava ancioso por tornar á Côrte. Aos quarenta e dous annos não é que havia de acostumar-me á reclusão constante, ao pé de um doente bravio, no interior. Para avaliar o meu isolamento, basta saber que eu nem lia os jornaes; salvo alguma noticia mais importante que levavam ao coronel, eu nada sabia do resto do mundo. Entendi, portanto, voltar para a Côrte, na primeira occasião, ainda que tivesse de brigar com o vigario. Bom é dizer (visto que faço uma confissão geral) que, nada gastando e tendo guardado integralmente os ordenados, estava ancioso por vir dissipal-os aqui.

Era provavel que a occasião apparecesse. O coronel estava peior, fez testamento, descompondo o tabellião, quasi tanto como a mim. O trato era mais duro, os breves lapsos de socego e brandura faziam-se raros. Já por esse tempo tinha eu perdido a escassa dóse de piedade que me fazia esquecer os excessos do doente; trazia dentro de mim um fermento de odio e aversão. No principio de agosto resolvi definitivamente sair; o vigario e o medico, aceitando as razões, pediram-me que ficasse algum tempo mais. Concedi-lhes um mez; no fim de um mez viria embora,



qualquer que fosse o estado do doente. O vigario tratou de procurar-me substituto.

Vai ver o que aconteceu. Na noite de vinte e quatro de Agosto, o coronel teve um accesso de raiva, atropellou-me, disse-me muito nome crú, ameaçou-me de um tiro, e acabou atirando-me um prato de mingau, que achou frio, o prato foi cair na parede onde se fez em pedaços.

— Has de pagal-o, ladrão! bradou elle.

Resmungou ainda muito tempo. A's onze horas passou pelo somno. Emquanto elle dormia, saquei um livro do bolso, um velho romance de d'Arlincourt, traduzido, que lá achei, e puz-me a lel-o, no mesmo quarto, a pequena distancia da cama; tinha de acordal-o á meia noite para lhe dar o remedio. Ou fosse de cansaço, ou do livro, antes de chegar ao fim da segunda pagina adormeci tambem. Acordei aos gritos do coronel, e levantei-me estremunhado. Elle, que parecia delirar, continuou nos mesmos gritos, e acabou por lançar mão da moringa e arremessal-a contra mim. Não tive tempo de desviar-me; a moringa bateu-me na face esquerda, e tal foi a dor que não vi mais nada; atirei-me ao doente, puz-lhe as mãos ao pescoço, lutamos, e esganei-o.

Quando percebi que o doente expirava, recuei

aterrado, e dei um grito; mas ninguem me ouviu. Voltei á cama, agitei-o para chamal-o á vida, era tarde; arrebentara o aneurisma, e o coronel morreu. Passei á sala contigua, e durante duas horas não ousei voltar ao quarto. Não posso mesmo dizer tudo o que passei, durante esse tempo. Era um atordoamento, um delirio vago e estupido. Parecia-me que as paredes tinham vultos; escutava umas vozes surdas. Os gritos da victima, antes da luta e durante a luta, continuavam a repercutir dentro de mim, e o ar, para onde quer que me voltasse, apparecia recortado de convulsões. Não creia que esteja fazendo imagens nem estylo; digo-lhe que eu ouvia distinctamente umas vozes que me bradavam: assassino! assassino!

Tudo o mais estava calado. O mesmo som do relogio, lento, egual e secco, sublinhava o silencio e a solidão. Collava a orelha á porta do quarto na esperança de ouvir um gemido, uma palavra, uma injuria, qualquer cousa que significasse a vida, e me restituisse a paz á consciencia. Estaria prompto a apanhar das mãos do coronel, dez, vinte, cem vezes. Mas nada, nada; tudo calado. Voltava a andar á tôa, na sala, sentava-me, punha as mãos na cabeça! arrependia-me de ter

vindo. — « Maldita a hora em que aceitei semelhante cousa! » exclamava. E descompunha o padre de Nictheroy, o medico, o vigario, os que me arranjaram um logar, e os que me pediram para ficar mais algum tempo. Agarrava-me á cumplicidade dos outros homens.

Como o silencio acabasse por aterrar-me, abri uma das janellas, para escutar o som do vento, se ventasse. Não ventava. A noite ia tranquilla, as estrellas fulguravam, com a indifferença de pessoas que tiram o chapeu a um enterro que passa, e continuam a falar de outra cousa. Encostei-me alli por algum tempo, fitando a noite, deixando-me ir a uma recapitulação da vida, a ver se descançava da dor presente. Só então posso dizer que pensei claramente no castigo. Achei-me com um crime ás costas e vi a punição certa. Aqui o temor complicou o remorso. Senti que os cabellos me ficavam de pé. Minutos depois, vi tres ou quatro vultos de pessoas, no terreiro espiando, com um ar de emboscada; recuei, os vultos esvairam-se no ar; era uma allucinação.

Antes do alvorecer curei a contusão da face. Só então ousei voltar ao quarto. Recuei duas vezes, mas era preciso e entrei; ainda assim, não cheguei logo á cama. Tremiam-me as pernas, o co-

ração batia-me; cheguei a pensar na fuga; mas era confessar o crime, e, ao contrario, urgia fazer desapparecer os vestigos delle. Fui até a cama; vi o cadaver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos seculos: « Caim, que fizeste de teu irmão? » Vi no pescoço o signal das minhas unhas; abotoei alto a camisa e cheguei ao queixo a ponta do lençol. Em seguida, chamei um escravo, disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigario e ao medico.

A primeira ideia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade, recebera carta delle, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal. Mas adverti que a retirada immediata poderia fazer despertar suspeitas, e fiquei. Eu mesmo amortalhei o cadaver, com o auxilio de um preto velho e myope. Não sai da sala mortuaria; tinha medo de que descobrissem alguma cousa. Queria ver no rosto dos outros se desconfiavam; mas não ousava fitar ninguem. Tudo me dava impaciencias: os passos de ladrão com que entravam na sala, os cochichos, as ceremonias e as rezas do vigario. Vindo a hora, fechei o caixão, com as mãos tremulas, tão tremulas que

uma pessoa, que reparou nellas, disse a outra com piedade:

— Coitado do Procopio! apezar do que padeceu, está muito sentido.

Pareceu-me ironia; estava ancioso por ver tudo acabado. Saimos á rua. A passagem da meia escuridão da casa para a claridade da rua deu-me grande abalo; receei que fosse então impossivel occultar o crime. Metti os olhos no chão, e fui andando. Quando tudo acabou, respirei. Estava em paz com os homens. Não o estava com a consciencia, e as primeiras noites foram naturalmente de desassocego e afflicção. Não é preciso dizer que vim logo para o Rio de Janeiro, nem que vivi aqui aterrado, embora longe do crime; não ria, falava pouco, mal comia, tinha allucinações, pesadelos...

— Deixa lá o outro que morreu, diziam-me. Não é caso para tanta melancolia.

E eu aproveitava a illusão, fazendo muitos elogios ao morto, chamando-lhe boa creatura, impertinente, é verdade, mas um coração de ouro. E elogiando, convencia-me tambem, ao menos por alguns instantes. Outro phenomeno interessante, e que talvez lhe possa aproveitar, é que, não sendo religioso, mandei dizer uma missa

[illegible]

[illegible] do
[illegible] a
[illegible] dos
[illegible] ei a
[illegible] ta,
[illegible] air
[illegible] tar
[illegible] ao
[illegible] ale
[illegible] tas
[illegible]

[illegible] ro,
[illegible] di-
[illegible] co-
[illegible] gine
[illegible] meu
[illegible] sma
[illegible] rsal
[illegible] ma
[illegible] eios
[illegible] rto.
[illegible] que
[illegible] rta,
[illegible]
[illegible] meu

— Não sei, mas era rico.

— Realmente, provou que era teu amigo.

— Era... era...

Assim por uma ironia da sorte, os bens do coronel vinham parar ás minhas mãos. Cogitei em recusar a herança. Parecia-me odioso receber um vintem do tal espolio; era peior do que fazer-me esbirro alugado. Pensei n'isso tres dias, e esbarrava sempre na consideração de que a recusa podia fazer desconfiar alguma cousa. No fim dos tres dias, assentei num meio termo; receberia a herança e dal-a-hia toda, aos bocados e ás escondidas. Não era só escrupulo; era tambem o modo de resgatar o crime por um acto de virtude; pareceu-me que ficava assim de contas saldas.

Preparei-me e segui para a villa. Em caminho, á proporção que me ia approximando, recordava o triste successo; as cercanias da villa tinham um aspecto de tragedia, e a sombra do coronel parecia-me surgir de cada lado. A imaginação ia reproduzindo as palavras, os gestos, toda a noite horrenda do crime...

Crime ou luta? Realmente, foi uma luta em que eu, atacado, defendi-me, e na defesa... Foi uma luta desgraçada, uma fatalidade· Fixei-me nessa ideia. E balanceava os aggravos, punha no activo as pancadas, as injurias... Não era culpa do coronel, bem o sabia, era da molestia, que o

tornava, assim rabujento e até mau... Mas eu perdoava tudo, tudo... O peior foi a fatalidade daquella noite... Considerei tambem que o coronel não podia viver muito mais; estava por pouco; elle mesmo o sentia e dizia: Viveria quanto? Duas semanas, ou uma; póde ser até que menos. Já não era vida, era um molambo de vida, se isto mesmo se podia chamar ao padecer continuo do pobre homem? E quem sabe mesmo se a luta e a morte não foram apenas coincidentes? Podia ser, era até o mais provavel; não foi outra cousa. Fixei-me tambem nessa ideia...

Perto da villa apertou-se-me o coração, e quiz recuar; mas dominei-me e fui. Receberam-me com parabens. O vigario disse-me as disposições do testamento, os legados pios, e de caminho ia louvando a mansidão christã e o zelo com que eu servira ao coronel, que, apezar de aspero e duro, soube ser grato.

— Sem duvida, dizia eu olhando para outra parte.

Estava atordoado. Toda a gente me elogiava a dedicação e a paciencia. As primeiras necessidades do inventario detiveram-me algum tempo na villa. Constitui advogado; as cousas correram placidamante. Durante esse tempo, falava

muita vez do coronel. Vinham contar-me cousas d'elle, mas sem a moderação do padre; eu defendia-o, apontava algumas virtudes, era austero...

— Qual austero! Já morreu, acabou; mas era o diabo.

E referiam-me casos duros, acções perversas, algumas extraordinarias. Quer que lhe diga? Eu, a principio, ia ouvindo cheio de curiosidade; depois, entrou-me no coração um singular prazer, que eu, sinceramente buscava expellir. E defendia o coronel, explicava-o, attribuia alguma cousa ás rivalidades locaes; confessava, sim, que era um pouco violento... Um pouco? Era uma cobra assanhada, interrompia-me o barbeiro; e todos o collector, o boticario, o escrivão, todos diziam a mesma cousa; e vinham outras anecdotas, vinha toda a vida do defuncto. Os velhos lembravam-se das crueldades d'elle, em menino. E o prazer intimo, calado, insidioso, crescia dentro de mim, especie de tenia moral, que por mais que, arrancasse aos pedaços, recompunha-se logo e ia ficando.

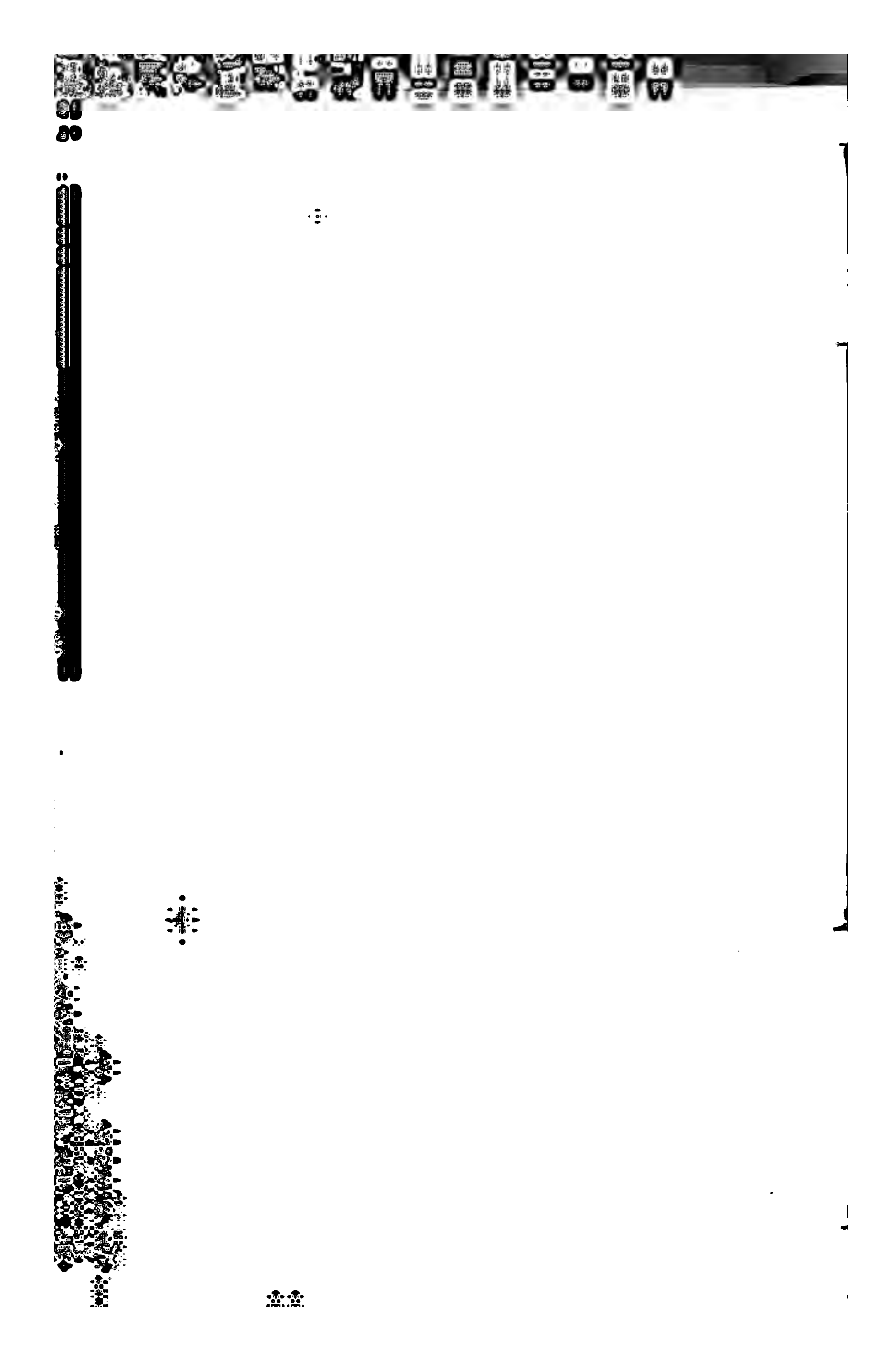
As obrigações do inventario distrahiram-me; e por outro lado a opinião da villa era tão contraria ao coronel, que a vista dos logares foi per-

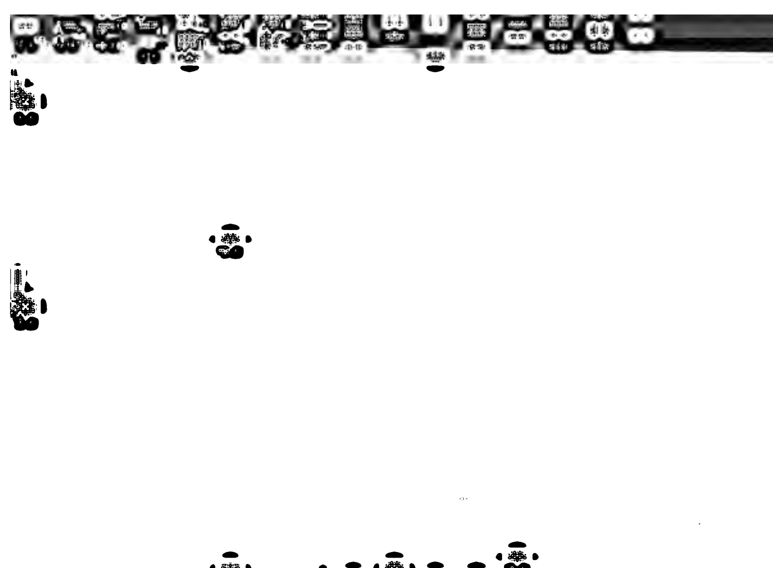
dendo para mim a feição tenebrosa que a principio achei nelles. Entrando na posse da herança, converti-a em titulos e dinheiro. Eram então passados muitos mezes, e a ideia de distribuil-a toda em esmolas e donativos pios não me dominou como da primeira vez; achei mesmo que era affectação. Restringi o plano primitivo: distribui alguma cousa aos pobres, dei á matriz da villa uns paramentos novos, fiz uma esmola á Santa Casa da Misericordia, etc.: ao todo trinta e dous contos. Mandei tambem levantar um tumulo ao coronel, todo de marmore, obra de um napolitano, que aqui esteve até 1866, e foi morrer, creio eu, no Paraguay.

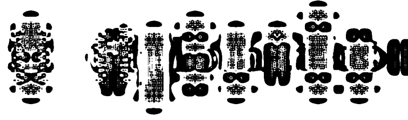
Os annos foram andando, a memoria tornou-se cinzenta e desmaiada. Penso ás vezes no coronel, mas sem os terrores dos primeiros dias. Todos os medicos a quem contei as molestias d'elle, foram accórdes em que a morte era certa, e só se admiravam de ter resistido tanto tempo. Póde ser que eu, involuntariamente, exagerasse a descripção que então lhes fiz; mas a verdade é que elle devia morrer, ainda que não fosse aquella fatalidade...

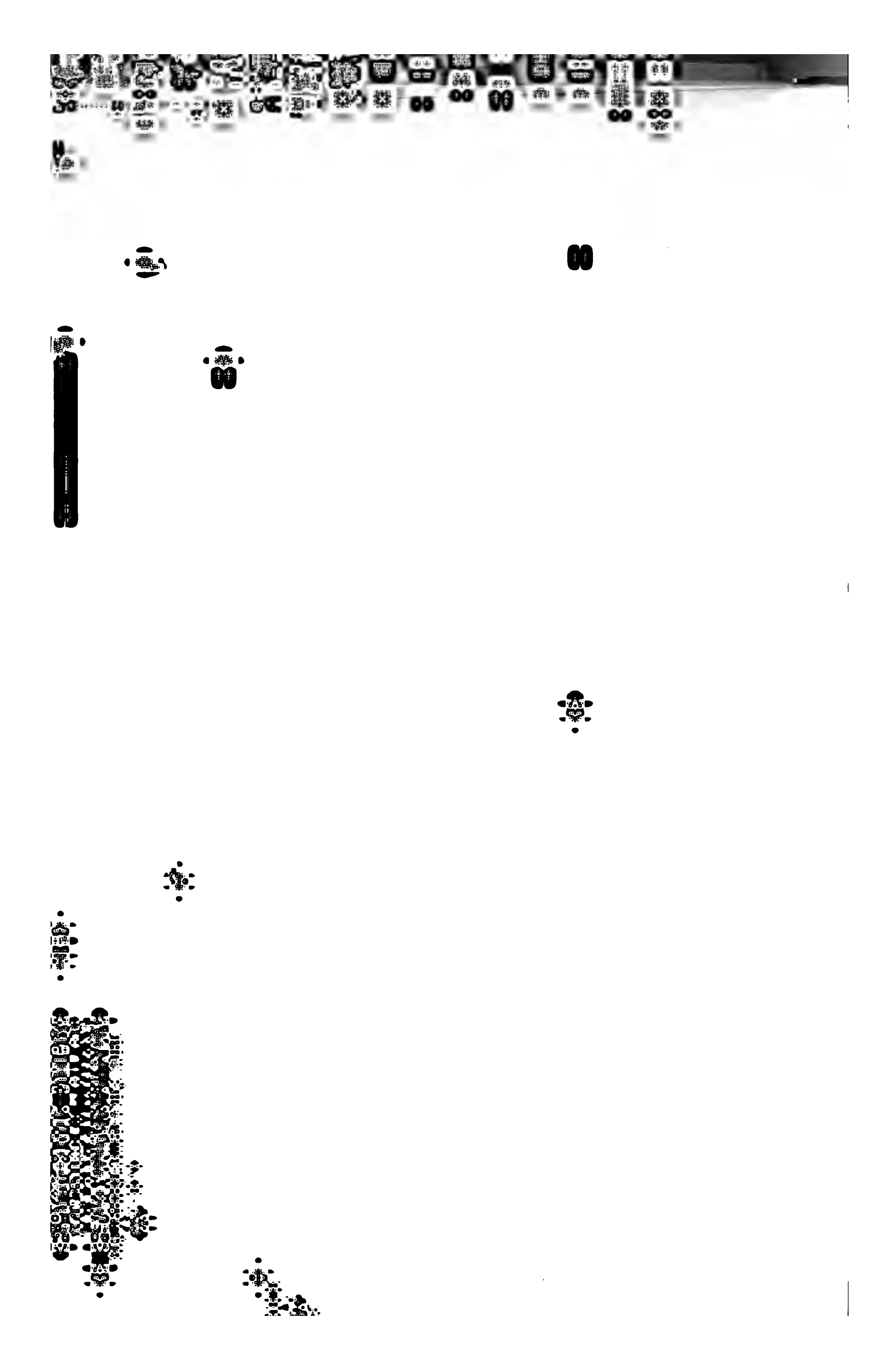
Adeus, meu caro senhor. Se achar que esses apontamentos valem alguma cousa, pague-me

tambem com um tumulo de marmore, ao qual dará por epitaphio esta emenda que faço aqui ao divino sermão da montanha: « Bemaventurados os que possuem, porque elles serão consolados. »

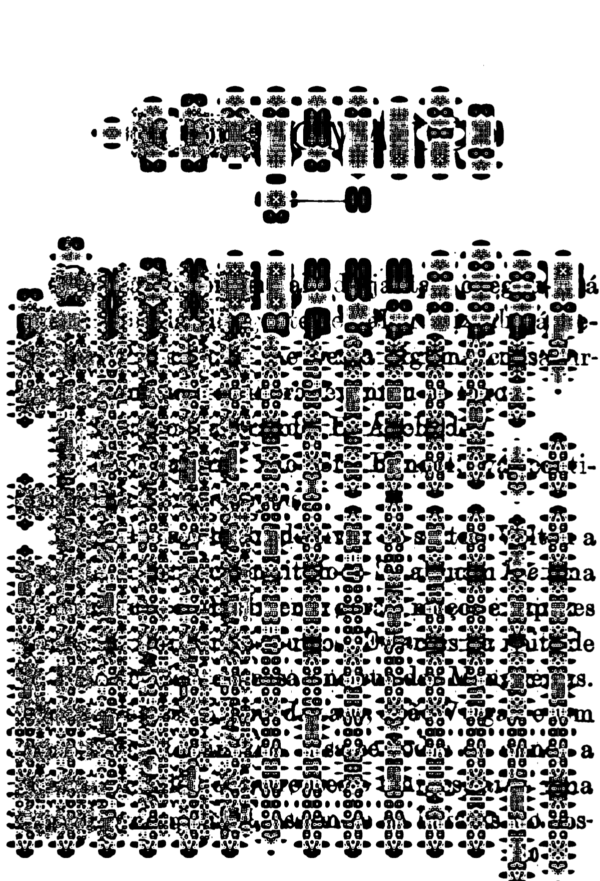


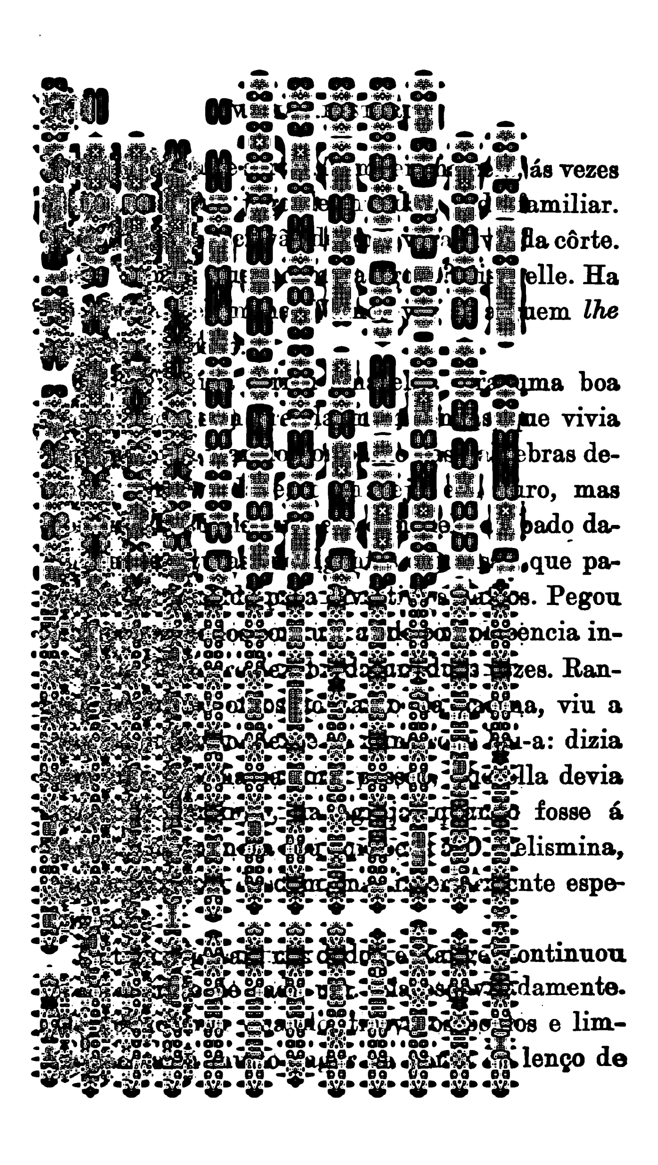












ás vezes
familiar.
da côrte.
elle. Ha
uem *lhe*

uma boa
ue vivia
ebras de-
uro, mas
bado da-
que pa-
os. Pegou
ência in-
zes. Ran-
na, viu a
-a: dizia
lla devia
fosse á
elismina,
nte espe-

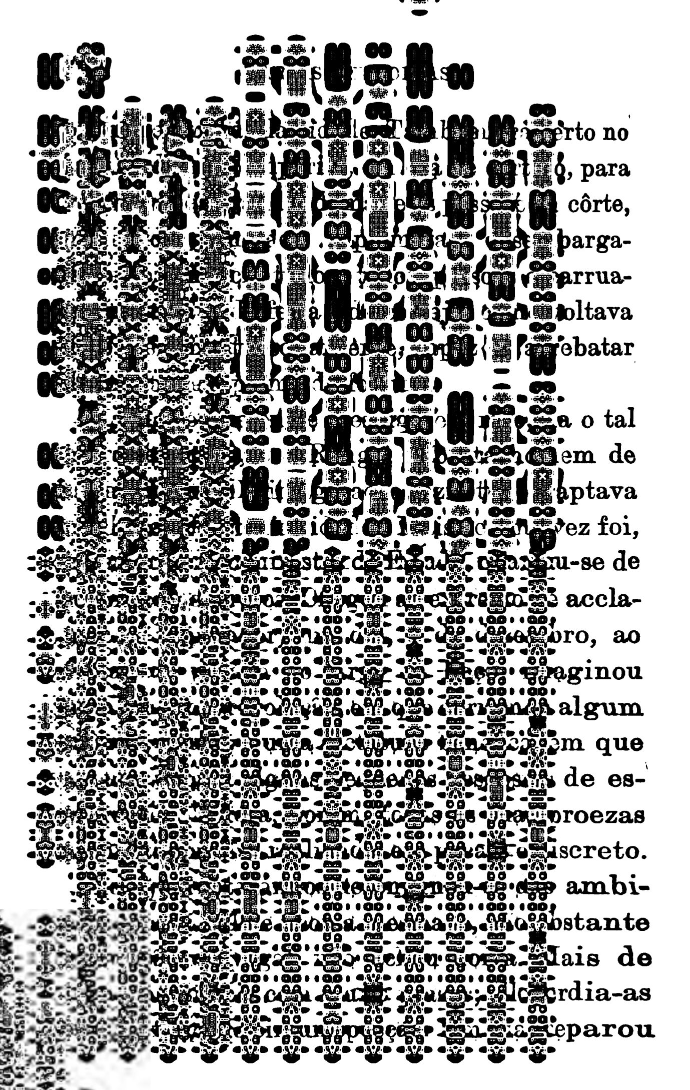
ontinuou
damente.
s e lim-
lenço de

cambraia, — ou por ser cambraia, — ou por exhalar um fino cheiro de bogari. Presumia de grande maneira, e alli chamavam-lhe « o diplomatico. »

— Ande, *seu* diplomatico, continue.

Rangel estremeceu; esquecera-se de ler uma sorte, embebido em percorrer a fila de moças que ficava do outro lado da mesa. Namorava alguma? Vamos por partes.

Era solteiro, por obra das circumstancias, não de vocação. Em rapaz teve alguns namoricos de esquina, mas com o tempo appareceu-lhe a comichão das grandezas, e foi isto que lhe prolongou o celibato até os quarenta e um annos, em que o vemos. Cobiçava alguma noiva superior a elle e á roda em que vivia, e gastou o tempo em esperal-a. Chegou a frequentar os bailes de um advogado celebre e rico, para quem copiava papeis, e que o protegia muito. Tinha nos bailes a mesma posição subalterna do escriptorio; passava a noite vagando pelos corredores, espiando o salão, vendo passar as senhoras, devorando com os olhos uma multidão de espaduas magnificas e talhes graciosos. Invejava os homens, e copiava-os. Saía dalli excitado e resoluto. Em falta de bailes, ia ás festas de egreja, onde poderia ver algumas das







inúa a ler
gur.
ou riem,
o, que é o
com uma
as moças.
go, que se
Calixto?
os para a

-se a mesa
andando é
osa a filha
m grandes
por alguns
n jogo de
ccasião de

um baile, e
bem. Pelas
ados, as se-
cavalheiros
. De quan-
tes, rapida
ue conver-
de homem

inclinados, gestos de leque, tudo isso em pedaços, através da janellas, que não podiam mostrar todo o salão, mas adivinhava-se o resto. Elle ao menos, conhecia tudo, e dizia tudo á filha do escrivão. O demonio das grandezas, que parecia dormir, entrou a fazer as suas arlequinadas no coração do nosso homem, e eil-o que tenta seduzir tambem o coração da outra.

— Conheço uma pessoa que estaria alli muito bem, murmurou o Rangel.

E Joanninha, com ingenuidade:

— Era o senhor.

Rangel sorriu lisonjeado, e não achou que dizer. Olhou para os lacaios e cocheiros, de libré, na rua conversando em grupos ou reclinados no tejadilho do carros. Começou a designar carros: este é do Olinda, aquelle é do Maranguape; mas ahi vem outro, rodando, do lado da rua da Lapa, e entra na rua das Mangueiras. Parou defronte; salta o lacaio, abre a portinhola, tira o chapéu e perfila-se. Sae de dentro uma calva, uma cabeça, um homem, duas commendas, depois uma senhora ricamente vestida; entram no saguão, e sobem a escadaria, forrada de tapete e ornada em baixo com dous grandes vasos.

— Joanninha, sr. Rangel...

Maldito jogo de prendas! Justamente quando elle formulava, na cabeça, uma insinuação a proposito do casal que subia, e ia assim passar naturalmente á entrega da carta... Rangel obedeceu, e sentou-se defronte da moça. D. Adelaide, que dirigia o jogo de prendas, recolhia os nomes; cada pessoa devia ser uma flôr. Está claro que o tio Rufino, sempre gaiato, escolheu para si a flôr da abobora. Quanto ao Rangel, querendo fugir ao trivial, comparou mentalmente as flôres, e quando a dona da casa lhe perguntou pela d'elle, respondeu com doçura e pausa:

— Maravilha, minha senhora.

— O peior e não estar cá o Calixto! suspirou o escrivão.

— Elle disse mesmo que vinha?

— Disse; ainda hontem foi ao cartorio, de proposito, avisar-me de que viria tarde, mas que contasse com elle: tinha de ir a uma brincadeira na rua da Carioca...

— Licença para dous! bradou uma voz no corredor.

— Ora graças! está ahi o homem!

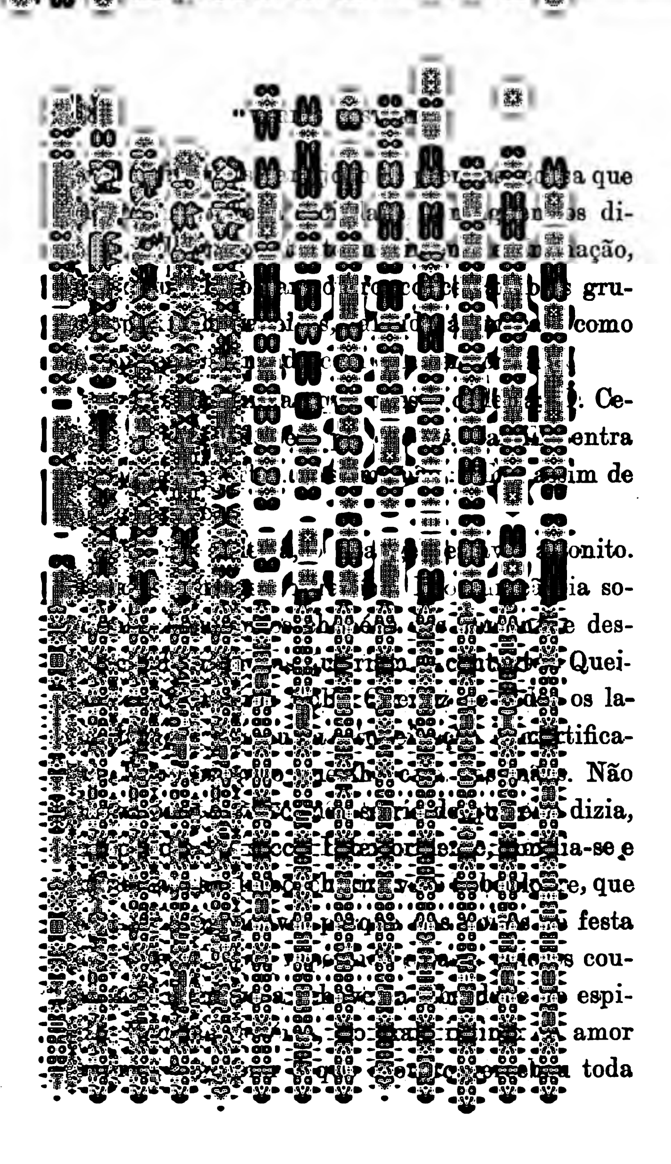
João Viegas foi abrir a porta; era o Calixto, acompanhado de um rapaz extranho, que elle apresentou a todos em geral: — « Queiroz, em-

pregado na Santa Casa; não é meu parente, apezar de se perecer muito commigo; quem vê um, vê outro... » Toda a gente riu; era uma pilheria do Calixto, feio como o diabo, — ao passo que o Queiroz era um bonito rapaz de vinte e seis a vinte e sete annos, cabello negro, olhos negros e singularmente esbelto. As moças retrahiram-se um pouco; D. Felismina abriu todas as velas.

— Estavamos jogando prendas, os senhores podem entrar tembem, disse a dona da casa Joga, Sr. Queiroz?

Queiroz respondeu affirmativamente e passou a examinar as outras pessoas. Conhecia algumas, e trocou duas ou tres palavras com ellas. Ao João Viegas disse que desde muito tempo desejava conhecel-o, por causa de um favor que o pae lhe deveu outr'ora, negocio de fôro. João Viegas não se lembrava de nada, nem ainda depois que elle lhe disse o que era; mas gostou de ouvir a noticia, em publico, olhou para todos, e durante alguns minutos regalou-se calado.

Queiroz entrou em cheio no jogo. No fim de meia hora, estava familiar da casa. Todo elle era acção, falava com desembaraço, tinha os gestos naturaes e espontaneos. Possuia um vasto reper-



era posição de homem sério; e concluia que a flauta era um instrumento grotesco. Olhou tambem para Joanninha, e viu que, como todas as outras pessoas, tinha a attenção no Queiroz, embebida, namorada dos sons da musica, e estremeceu, sem saber porquê. Os demais semblantes mostravam a mesma expressão d'ella, e, comtudo, sentiu alguma cousa que lhe complicou a aversão ao intruso. Quando a flauta acabou, Joanninha applaudiu menos que os outros, e Rangel entrou em duvida se era o habitual acanhamento, se alguma especial commoção... Urgia entregar-lhe a carta.

Chegou a ceia. Toda a gente entrou confusamente na sala, e felizmente para o Rangel, coube-lhe ficar defronte de Joanninha, cujos olhos estavam mais bellos que nunca e tão derramados, que não pareciam os do costume. Rangel saboreou-os caladamente, e reconstruiu todo o seu sonho que o diabo do Queiroz abalara com um piparote. Foi assim que tornou a ver-se, ao lado d'ella, na casa que ia alugar, berço de noivos, que elle enfeitou com os ouros da imaginação. Chegou a tirar um premio na loteria e a empregal-o todo em sedas e joias para a mulher, a linda Joanninha, — Joanninha Rangel, — D. Joan-

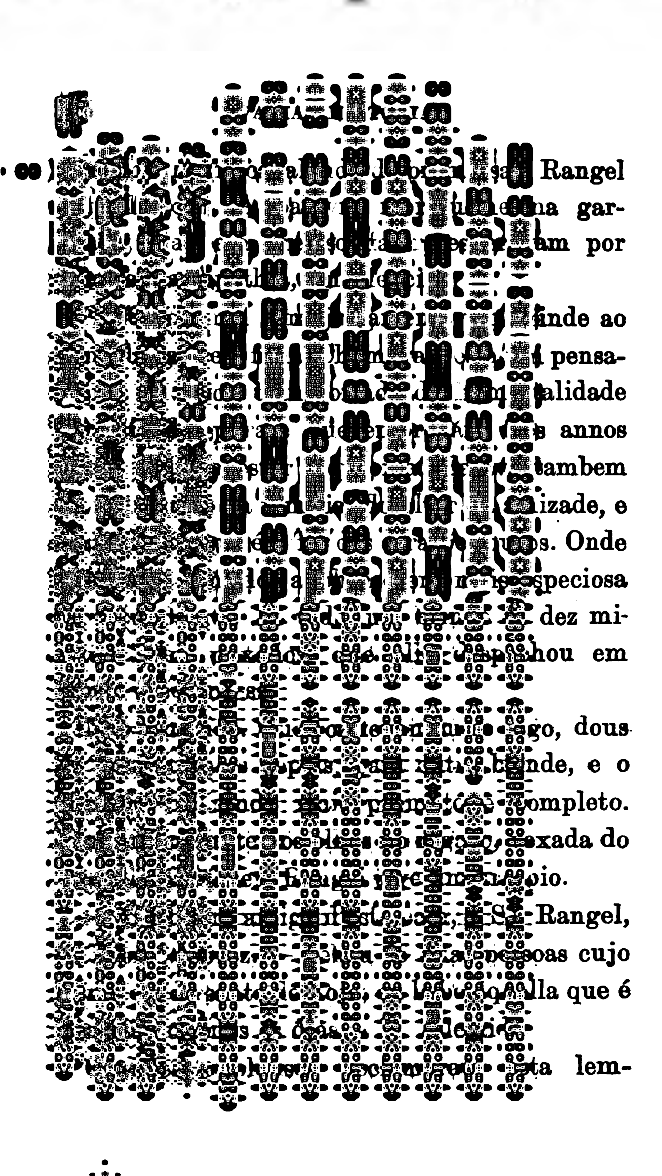
ninha Rangel, — D. Joanna Viegas Rangel, — ou D. Joanna Candida Viegas Rangel... Não podia tirar o Candida...

— Vamos, uma saude, *seu* diplomatico... faça uma saude daquellas...

Rangel acordou; a mesa inteira repetia a lembrança do tio Rufino; a propria Joanninha pedia-lhe uma saude, como a do anno passado. Rangel respondeu que ia obedecer; era só acabar aquella aza de galinha. Movimento, cochichos de louvor; D. Adelaide, dizendo-lhe uma moça que nunca ouvira falar o Rangel:

— Não? perguntou com pasmo. Não imagina; fala muito bem, muito explicado, palavras escolhidas, e uns bonitos modos...

Comendo, ia elle dando rebate a algumas reminiscencias, frangalhos de ideias, que lhe serviam para o arranjo das phrases e metaphoras. Acabou e poz-se de pé. Tinha o ar satisfeito e cheio de si. Afinal, vinham bater-lhe á porta. Cessara a farandulagem das anecdotas, das pilherias sem alma, e vinham ter com elle para ouvir alguma cousa correcta e grave. Olhou em derredor, viu todos os olhos levantados, esperando. Todos não; os de Joanninha enviezavam-se na direcção do Queiroz, e os d'este vinham esperal-os a meio

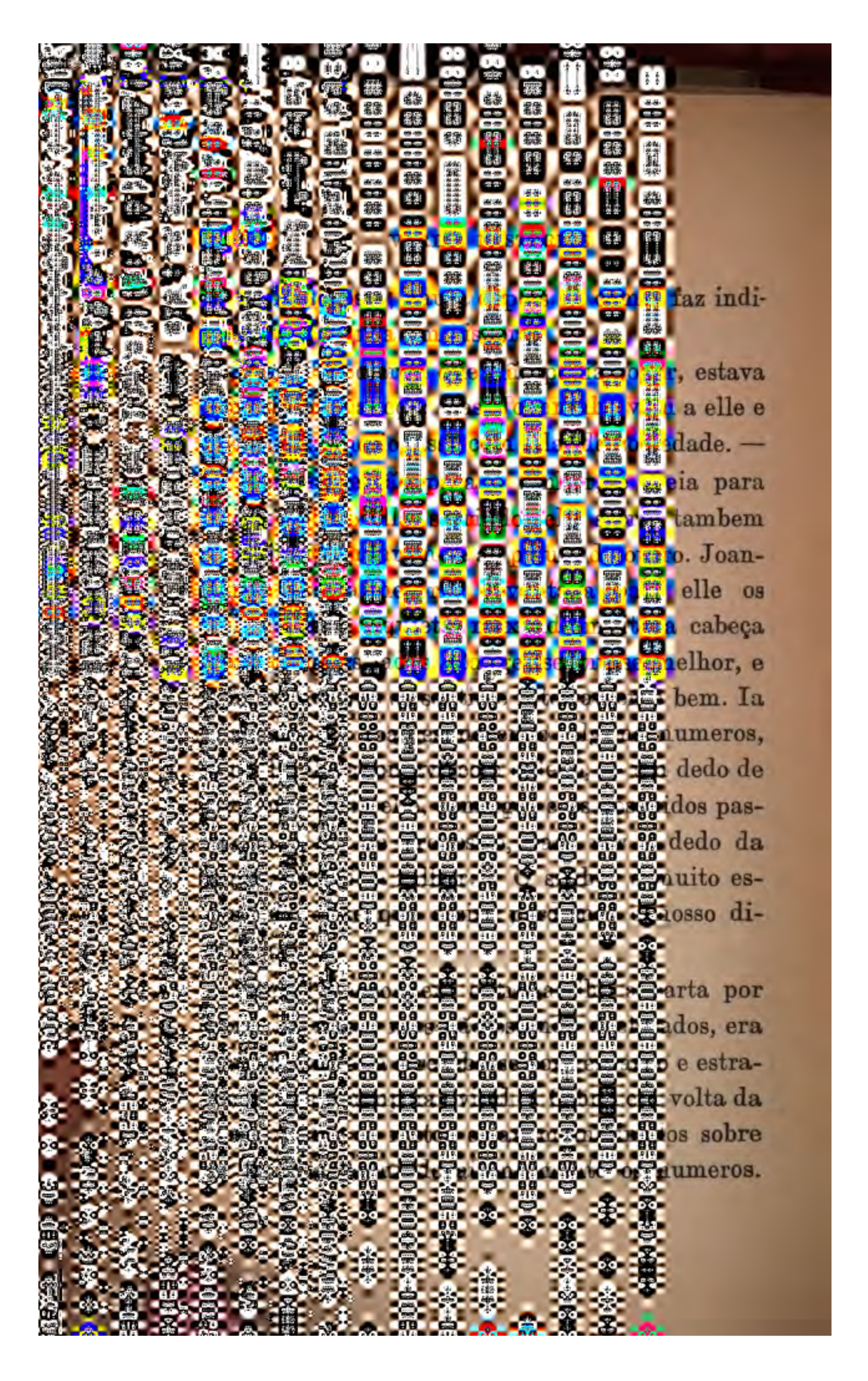


Rangel
gar-
am por
inde ao
pensa-
alidade
annos
tambem
izade, e
s. Onde
speciosa
dez mi-
hou em
go, dous
nde, e o
ompleto.
xada do
oio.
Rangel,
oas cujo
lla que é
lem-

brança, e D. Adelaide, lisonjeada, recebeu os cumprimentos de cada conviva. A filha não ficou em cumprimentos. — Mamãe! mamãe! exclamou, levantando-se; e foi abraçal-a e beijal-a tres e quatro vezes; — especie de carta para ser lida por duas pessoas.

Rangel passou da colera ao desanimo, e, acabada a ceia, pensou em retirar-se. Mas a esperança, demonio de olhos verdes, pediu-lhe que ficasse, e ficou. Quem sabe? Era tudo passageiro, cousas de uma noite, namoro de S. João; afinal, elle era amigo da casa, e tinha a estima da familia; bastava que pedisse a moça, para obtel-a. E depois esse Queiroz podia não ter meios de casar. Que emprego era o d'elle na Santa Casa? Talvez alguma cousa réles... Nisto, olhou obliquamente para a roupa de Queiroz, enfiou-se-lhe pelas costuras, escrutou o bordadinho da camisa, apalpou os joelhos das calças, a ver-lhe o uso, e os sapatos, e concluiu que era um rapaz caprichoso, mas provavelmente gastava tudo comsigo, e casar era negocio sério. Podia ser tambem que tivesse mãe viuva, irmãs solteiras... Rangel era só.

— Tio Rufino, toque uma quadrilha.


faz indi-
, estava
a elle e
dade. —
eia para
tambem
o. Joan-
elle os
cabeça
elhor, e
bem. Ia
umeros,
dedo de
idos pas-
dedo da
uito es-
osso di-
arta por
ados, era
o e estra-
volta da
os sobre
umeros.

Então, elle inclinou-se á direita, e baixou os olhos aos cartões de Joanninha, como para verificar alguma cousa.

— Já tem duas quadras, cochichou elle.

— Duas, não; tenho tres.

— Tres, é verdade tres. Escute...

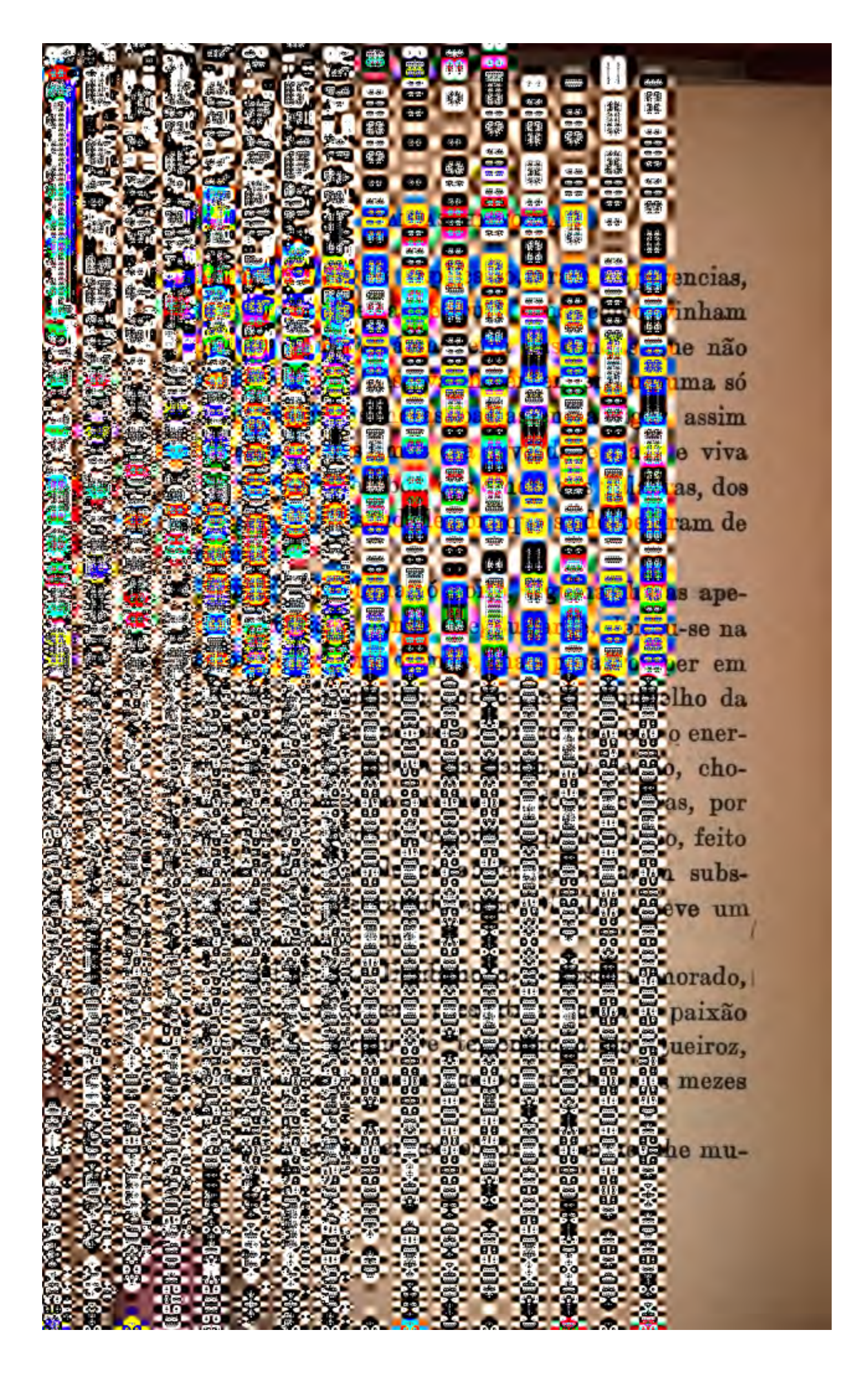
— E o senhor?

— Eu duas.

— Que duas o que? São quatro.

Eram quatro; ella mostrou-lh'as inclinada, roçando quasi a orelha pelos labios delle; depois, fitou-o rindo e abanando a cabeça: « O senhor! o senhor! » Rangel ouviu isto com singular deleite; o voz era tão doce, e expressão tão amiga, que elle esqueceu tudo, agarrou-a pela cintura, e lançou-se com ella na eterna valsa das chimeras. Casa, mesa, convivas, tudo desappareceu, como obra vã da imaginação, para só ficar a realidade unica, elle e ella, gyrando no espaço, debaixo de um milhão de estrellas, accessas de proposito para alumial-os.

Nem carta, nem nada. Perto da manhã foram todos para a janella ver sair os convidados do baile fronteiro. Rangel recuou espantado. Viu um aperto de dedos entre o Queiroz e a bella



encias,
vinham
que não
uma só
assim
e viva
as, dos
ram de

as ape-
u-se na
er em
lho da
o ener-
o, cho-
as, por
o, feito
n subs-
eve um

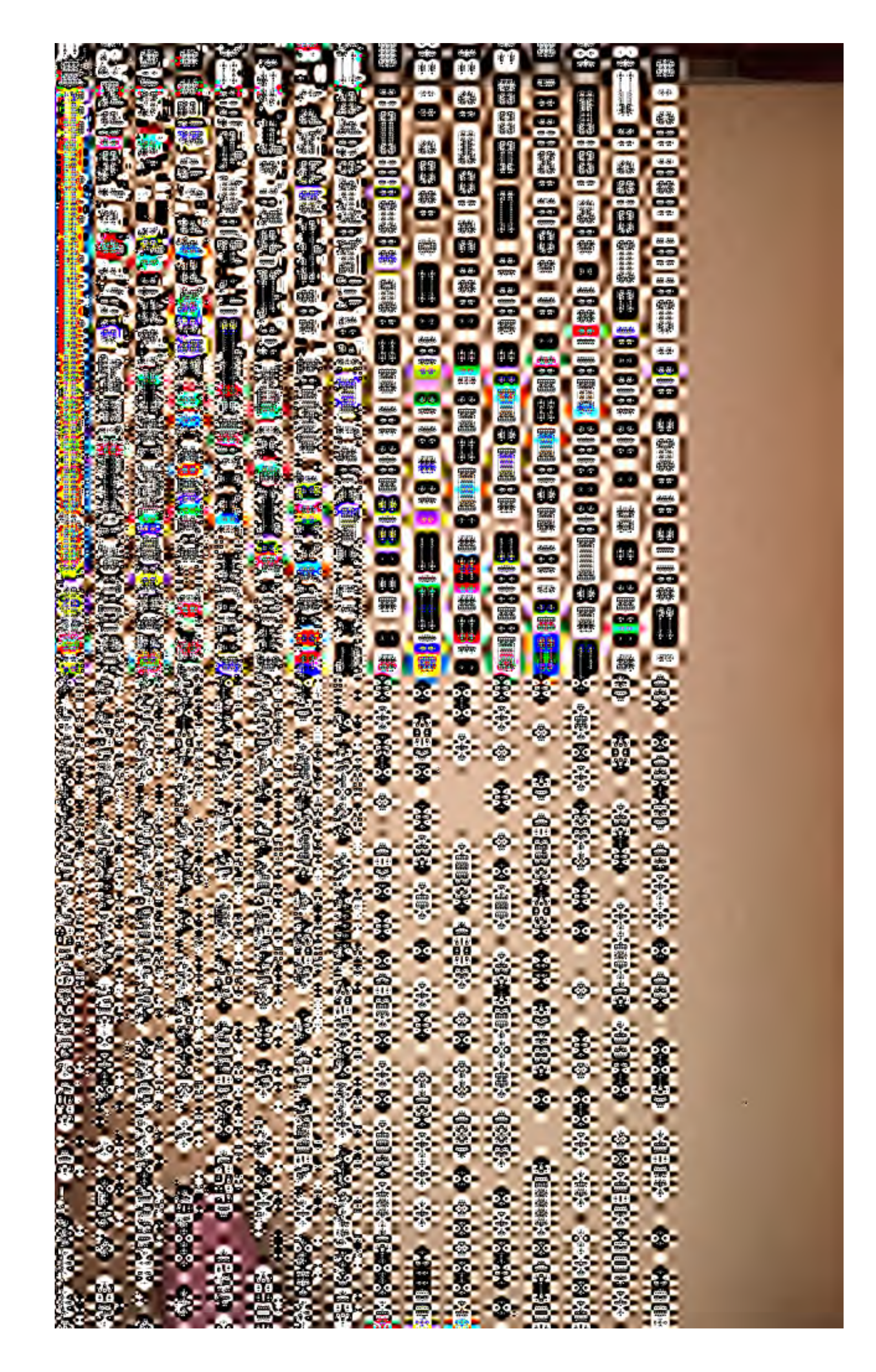
morado,
paixão
ueiroz,
mezes

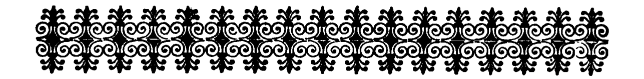
he mu-

daram a indole. Quando rompeu a guerra do Paraguay, teve ideia muitas vezes de alistar-se como official de voluntarios; não o fez nunca; mas é certo que ganhou algumas batalhas e acabou brigadeiro.



Marianna



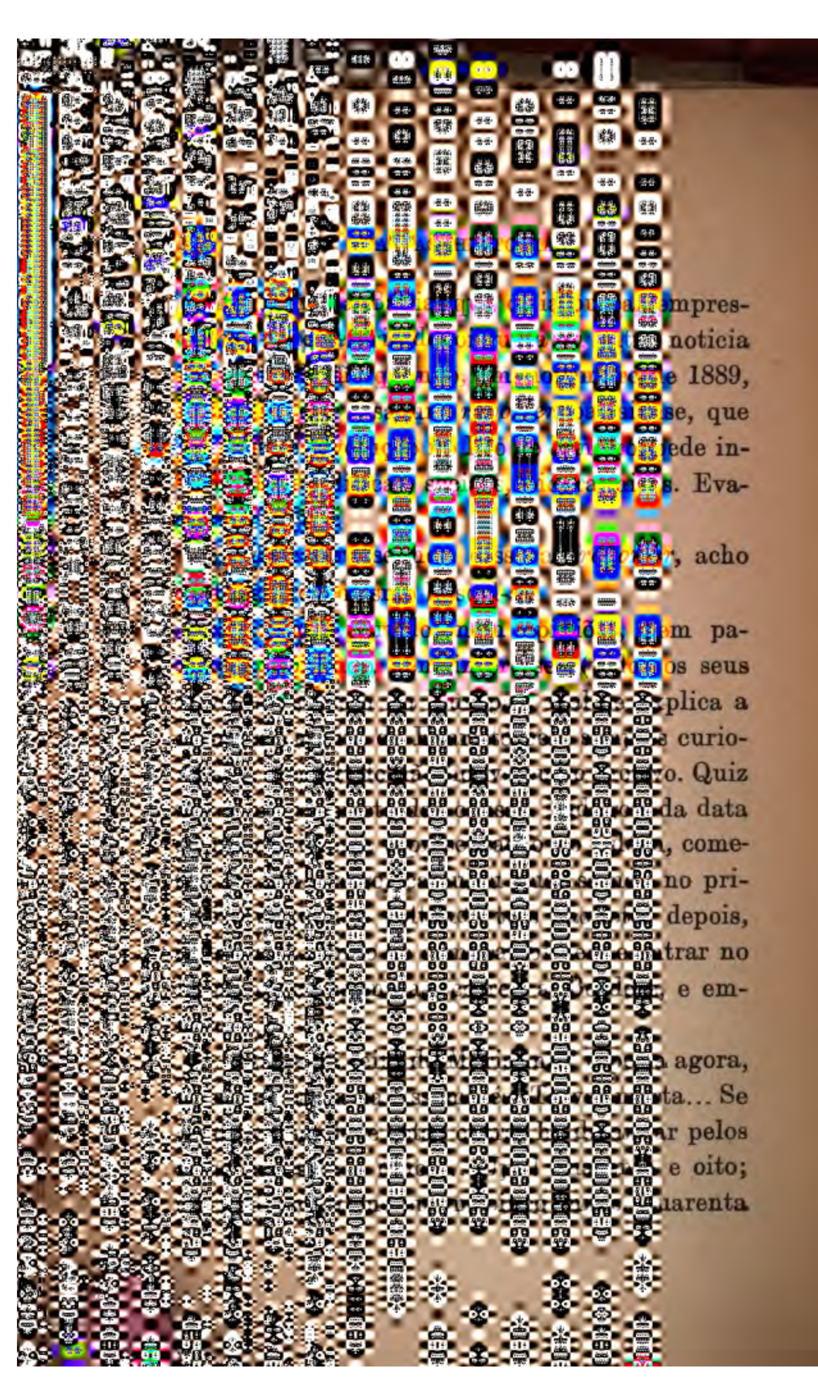


MARIANNA

I

Que será feito de Marianna ? perguntou Evaristo a si mesmo, no largo da Carioca, ao despedir-se de um velho amigo, que lhe fez lembrar aquella velha amiga.

Era em 1890. Evaristo voltára da Europa, dias antes, após dezoito annos de ausencia. Tinha sahido do Rio de Janeiro em 1872, e contava demorar-se até 1874 ou 1875, depois de vêr algumas cidades celebres ou curiosas; mas o viajante põe e Pariz dispõe. Uma vez entrado n'aquelle mundo em 1873, Evaristo deixou-se ir ficando, além do prazo determinado; adiou a viagem um anno, outro anno, e final não pensou mais na volta. Desinteressára-se das nossas cousas; ultimamente nem lia os jornaes d'aqui; era um estu-



mpres-
noticia
e 1889,
se, que
ede in-
s. Eva-

, acho

m pa-
os seus
plica a
s curio-
o. Quiz
da data
, come-
no pri-
depois,
trar no
, e em-

agora,
ta... Se
ar pelos
e oito;
uarenta

oito... Bella mulher! grande mulher! bellos e grandes amores!

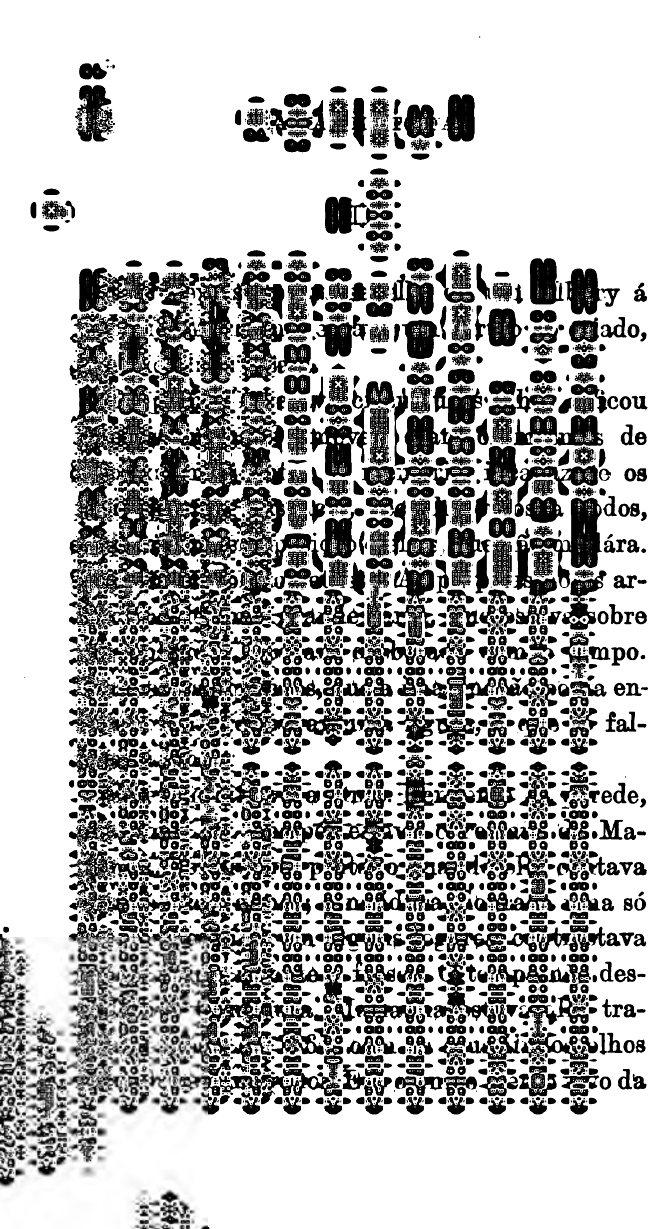
Teve desejo de vêl-a. Indagou discretamente, soube que vivia e morava na mesma casa em que a deixou, rua do Engenho Velho; mas não apparecia desde alguns mezes, por causa do marido, que estava mal, parece que á morte.

— Ella tambem deve estar escangalhada, disse Evaristo ao conhecido que lhe dava aquellas informações.

— Homem, não. A ultima vez que a vi, achei-a frescalhona. Não se lhe dá mais de quarenta annos. Você quer saber uma cousa? Ha por ahi roseiras magnificas, mas o nossos cedros de 1860 a 1865 parece que não nascem mais.

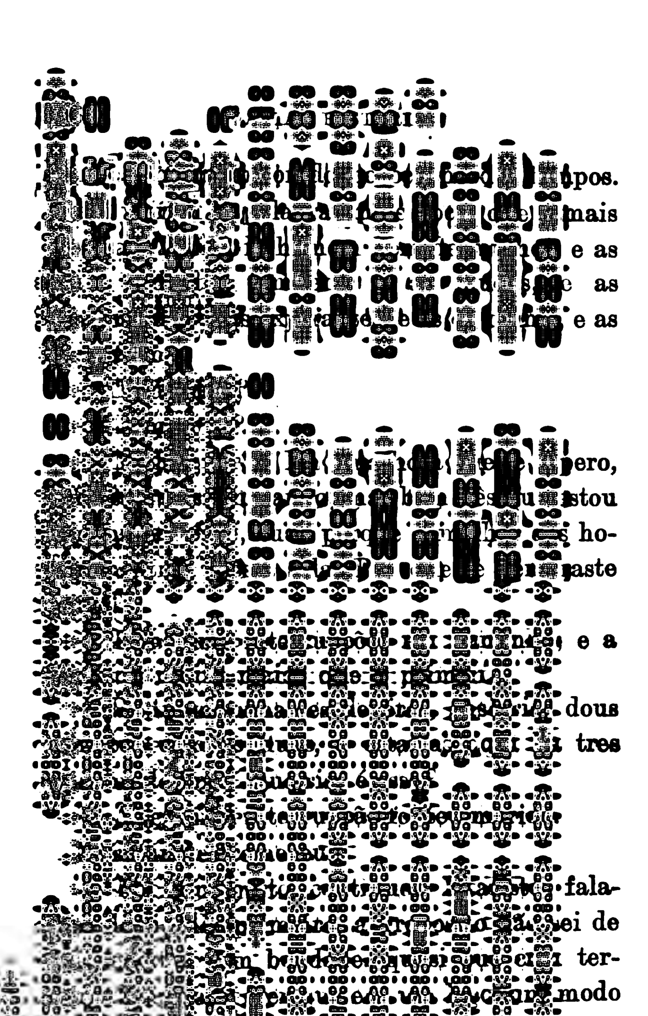
— Nascem; você não os vê, porque já não sóbe ao Libano, retorquiu Evaristo.

Crescera-lhe o desejo de vêr Marianna. Que olhos teriam um para o outro? Que visões antigas viriam transformar a realidade presente? A viagem de Evaristo, cumpre sabel-o, não foi de recreio, senão de cura. Agora que a lei do tempo fizera a sua obra, que effeito produziria n'elles quando se encontrassem, o espectro de 1872, aquelle triste anno da separação que quasi o poz doudo, e quasi a deixou morta?



sala; mas só elle bastava a dar á decrepitude ambiente a fugidia mocidade. Grande foi a commoção de Evaristo. Havia uma cadeira defronte do retrato, elle sentou-se nella, e ficou a mirar a moça de outro tempo. Os olhos pintados fitavam tambem os naturaes, por ventura admirados do encontro e da mudança, porque os naturaes não tinham o calor e a graça da pintura. Mas pouco durou a differença; a vida anterior do homem restituiu-lhe a verdura exterior, e os olhos embeberam-se uns nos outros, e todos nos seus velhos peccados.

Depois, vagarosamente, Marianna desceu da téla e da moldura, e veiu sentar-se defronte de Evaristo, inclinou-se, estendeu os braços sobre os joelhos e abriu as mãos. Evaristo entregou-lhes as suas, e as quatro apertaram-se cordialmente, Nenhum perguntou nada que se referisse ao passado, porque ainda não havia passado; ambos estavam no presente, as horas tinham parado, tão instantaneas e tão fixas, que pareciam haver sido ensaiadas na vespera para esta representação unica e interminavel. Todos os relogios da cidade e do mundo quebraram discretamente as cordas, e todos os relojoeiros trocaram de officio. Adeus, velho *lago* de Lamartine! Evaristo e Ma-



voltava; não vi ninguem. Ahi está a causa da minha demora; ahi tens tambem a causa dos meus tormentos.

— Não venhas outra vez com essa eterna desconfiança, atalhou Marianna sorrindo, como na téla, ha pouco. Que quer você que eu faça? Xavier é meu marido; não heide mandal-o embora, nem castigal-o, nem matal-o, só porque eu e você nos amamos.

— Não digo que o mates; mas tu o amas, Marianna.

— Amo-te e a ninguem mais, respondeu ella, evitando assim a resposta negativa, que lhe pareceu demasiado crua.

Foi o que pensou Evaristo; mas não acceitou a delicadeza da fórma indirecta. Só a negativa rude e simples poderia contental-o.

— Tu o amas, insistiu elle.

Marianna reflectiu um instante.

— Para que has de revolver a minha alma e o meu passado? disse ella. Para nós, o mundo começou ha quatro mezes, e não acabará mais, — ou acabará quanao você se aborrecer de mim, porque eu não mudarei nunca...

Evaristo ajoelhou-se, puxou-lhe os braços, beijou-lhe as mãos, e fechou nellas o rosto; final-

[illegible] e Ma-
[illegible] até que
[illegible] a ca-
[illegible] era ?
[illegible]

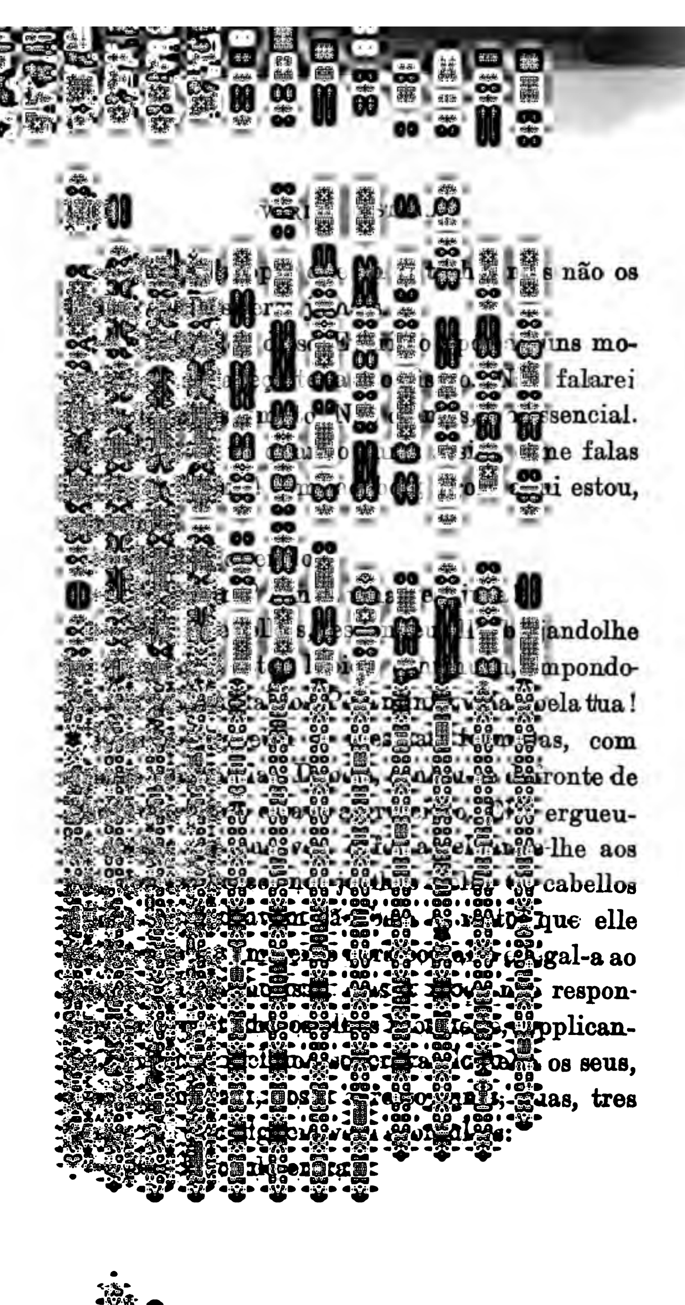
[illegible] ideia
[illegible] afflige,
[illegible] certeza
[illegible]

[illegible] u Ma-
[illegible] aristo
[illegible], para
[illegible] Que o
[illegible] posta.
[illegible] tudo,
[illegible] con-
[illegible]

[illegible] mas a
[illegible] com tal
[illegible] senão
[illegible] d'ella,
[illegible] eferiu
[illegible] mae,
[illegible] eraram

der meres, firmer, ella ja menos paciente que elle, porque a paixão que a tomou, tinha toda a força necessaria para as decisões violentas. Que de lagrimas verteu por elle! Que de maldições lhe sairam do coração contra os paes, e foram suffocadas por ella, que temia a Deus, e não quizera que essas palavras, como armas de parricidio, a condemnassem, peior que ao inferno, á eterna separação do homem a quem amava. Venceu a constancia, o tempo desarmou os velhos, e o casamento se fez, lá se iam sete annos. A paixão dos noivos prolongou-se na vida conjugal. Quando o tempo trouxe o socego, trouxe tambem a estima. Os corações eram harmonicos, as recordações da luta pungentes e doces. A felicidade serena veiu sentar-se á porta d'elles, como uma sentinella. Mas bem depressa se foi a sentinella; não deixou a desgraça, nem ainda o tedio, mas a apathia, uma figura pallida, sem movimento, que mal sorria e não lembrava nada. Foi por esse tempo que Evaristo appareceu aos seus olhos e a arrebatou. Não a arrebatou ao amor de ninguem; mas por isso mesmo nada tinha que ver com o passado, que era um mysterio, e podia trazer remorsos...

— Remorsos? interrompeu elle.



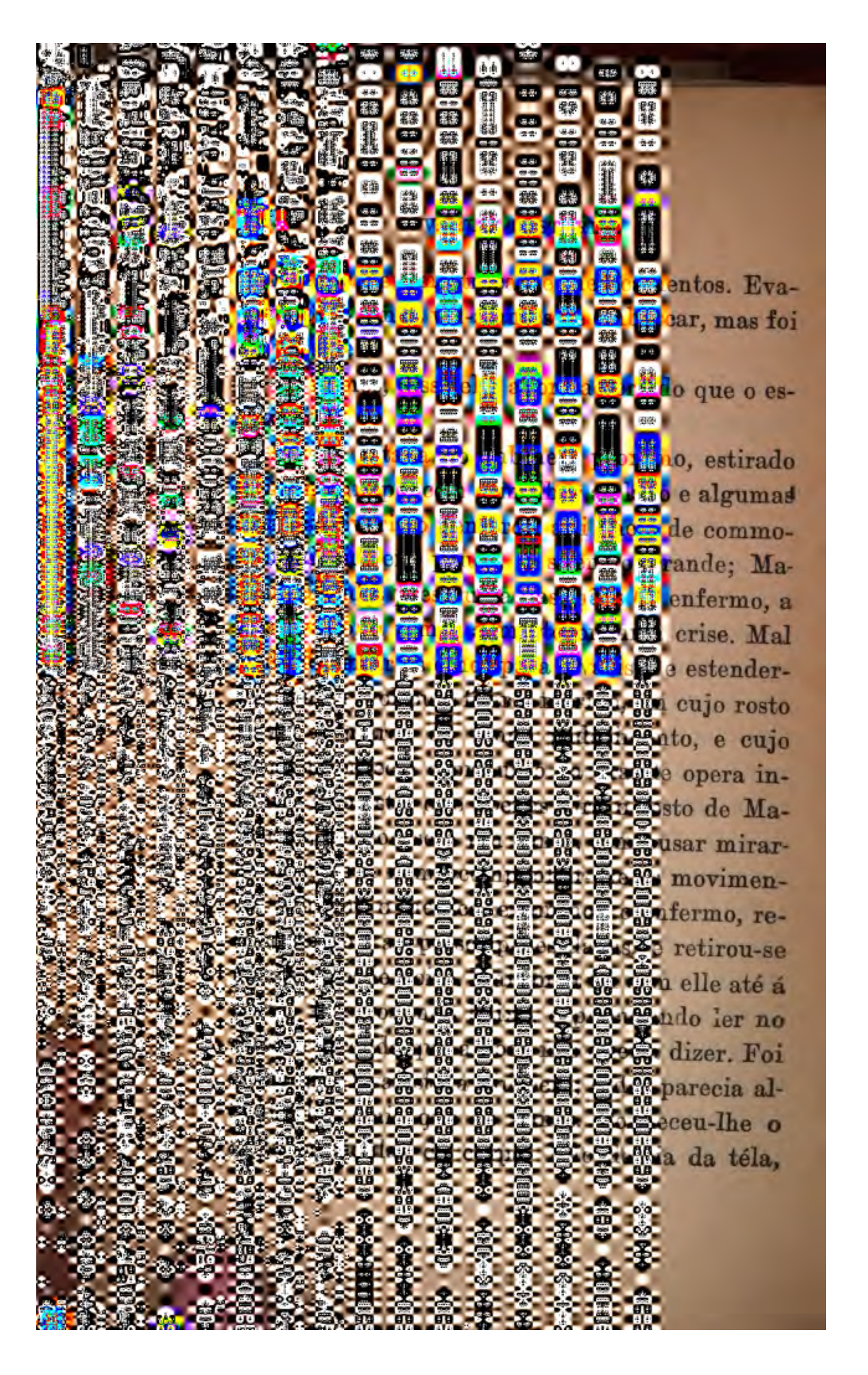
não os

uns mo-
falarei
essencial.
me falas
i estou,

jandolhe
mpondo-
pela tua!
as, com
fronte de
ergueu-
-lhe aos
cabellos
que elle
gal-a ao
respon-
applican-
os seus,
as, tres

III

Evaristo teve um sobresalto. Deu com um homem, o mesmo criado que recebera o seu cartão de visita. Levantou-se depressa; Marianna recolheu-se á tela, que pendia da parede, onde elle a viu outra vez, trajada á moda de 1865, penteada e tranquilla. Como nos sonhos, os pensamentos, gestos e actos mediram-se por outro tempo, que não o tempo; fez-se tudo em cinco ou seis minutos, que tantos foram os que o criado despendeu em levar o cartão e trazer o convite. Entretanto, é certo que Evaristo sentia ainda a impressão das caricias da moça, vivera realmente entre 1869 e 1872, porque as tres horas da visão foram ainda uma concessão ao tempo. Toda a historia resurgira com os ciumes que elle tinha de Xavier, os seus perdões e as ternuras reciprocas. Só faltou a crise final, quando a mãe de Marianna, sabendo de tudo, corajosamente se interpoz e os separou. Marianna resolveu morrer, chegou a ingerir veneno, e foi preciso o desespero da mãe para restituil-a á vida. Xavier que então estava na provincia do Rio, nada soube d'aquella tregedia, senão que a mulher escapara da morte,



entos. Eva-
car, mas foi

o que o es-

no, estirado
e algumas
de commo-
rande; Ma-
enfermo, a
crise. Mal
e estender-
cujo rosto
nto, e cujo
e opera in-
sto de Ma-
usar mirar-
movimen-
nfermo, re-
retirou-se
elle até á
ndo ler no
dizer. Foi
parecia al-
eceu-lhe o
a da téla,

como a outra, mas do tempo. Antes que ella tornasse ao leito do marido, Evaristo entendeu retirar-se tambem, e foi até a porta.

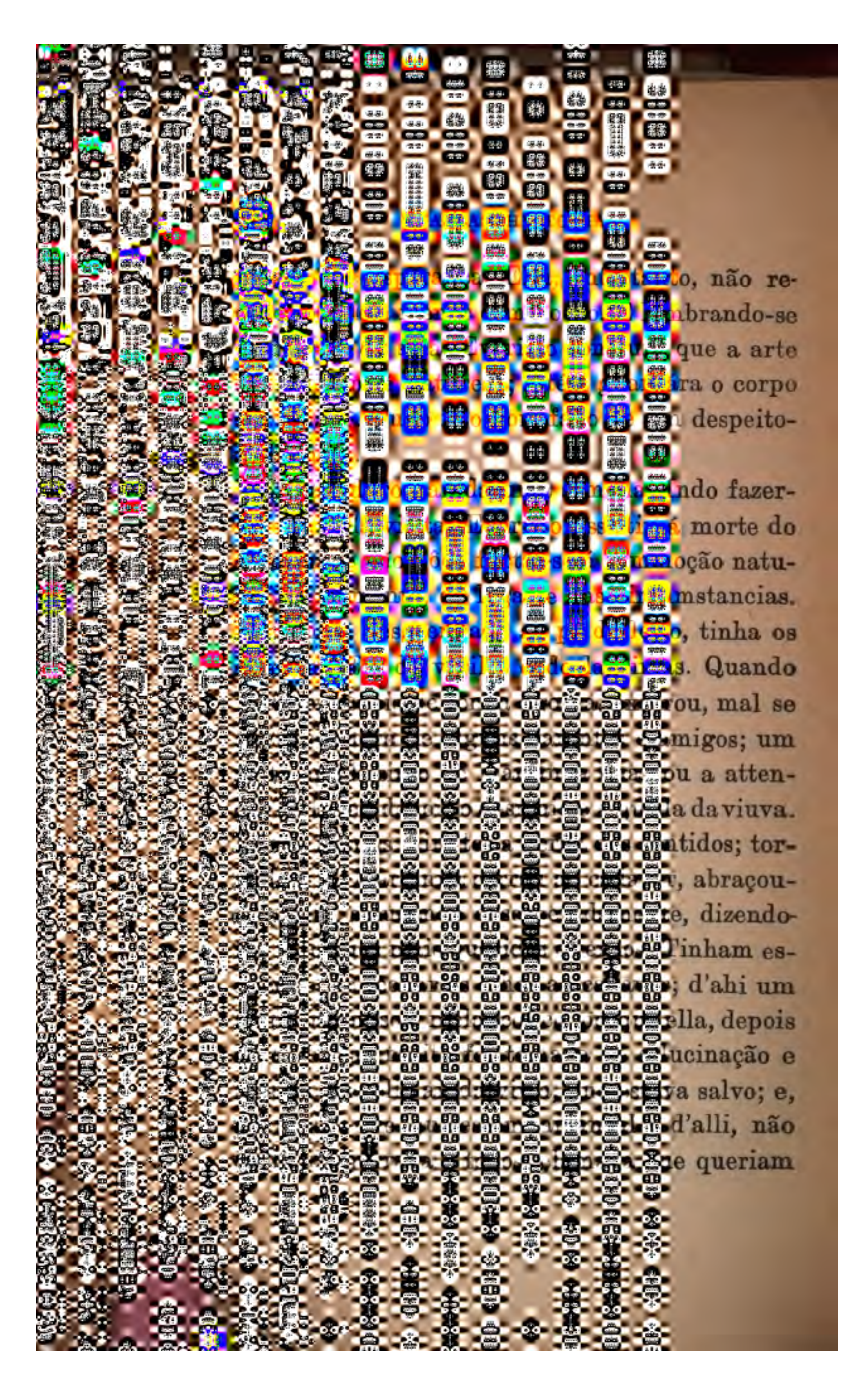
— Peço-lhe licença... Sinto não poder falar agora a seu marido.

— Agora não póde ser; o medico recommenda repouso e silencio. Será n'outra occasião..

— Não vim ha mais tempo vel-o, porque só ha pouco é que soube... E não cheguei ha muito.

— Obrigada.

Evaristo estendeu-lhe a mão e saiu a passo abafado, emquanto ella voltava a sentar-se ao pé do doente. Nem os olhos nem a mão de Marianna revelaram em relação a elle uma impressão qualquer, e a despedida fez-se como entre pessoas indifferentes. Certo, o amor acabara, a data era remota, o coração envelhecera com o tempo, e o marido estava a expirar; mas, reflectia elle, como explicar que, ao cabo de dezoito annos de separação, Marianna visse diante de si um homem que tanta parte tivera em sua vida, sem o menor abalo, espanto, constrangimento que fosse? Eis ahi um mysterio. Chamava-lhe mysterio. Ainda agora á despedida, sentira elle um aperto, uma cousa, que lhe fez a palavra tropega, que lhe tirou as ideias e até as simples formulas banaes de



[illegible] o, não re-
[illegible] nbrando-se
[illegible] que a arte
[illegible] ra o corpo
[illegible] despeito-

[illegible] ndo fazer-
[illegible] morte do
[illegible] oção natu-
[illegible] nstancias.
[illegible] o, tinha os
[illegible] s. Quando
[illegible] ou, mal se
[illegible] migos; um
[illegible] u a atten-
[illegible] a da viuva.
[illegible] tidos; tor-
[illegible] , abraçou-
[illegible] e, dizendo-
[illegible] Tinham es-
[illegible] ; d'ahi um
[illegible] ella, depois
[illegible] ucinação e
[illegible] a salvo; e,
[illegible] d'alli, não
[illegible] e queriam

tirar-lhe o marido. Nova crise a prostrou; foi levada ás carreiras para outro quarto.

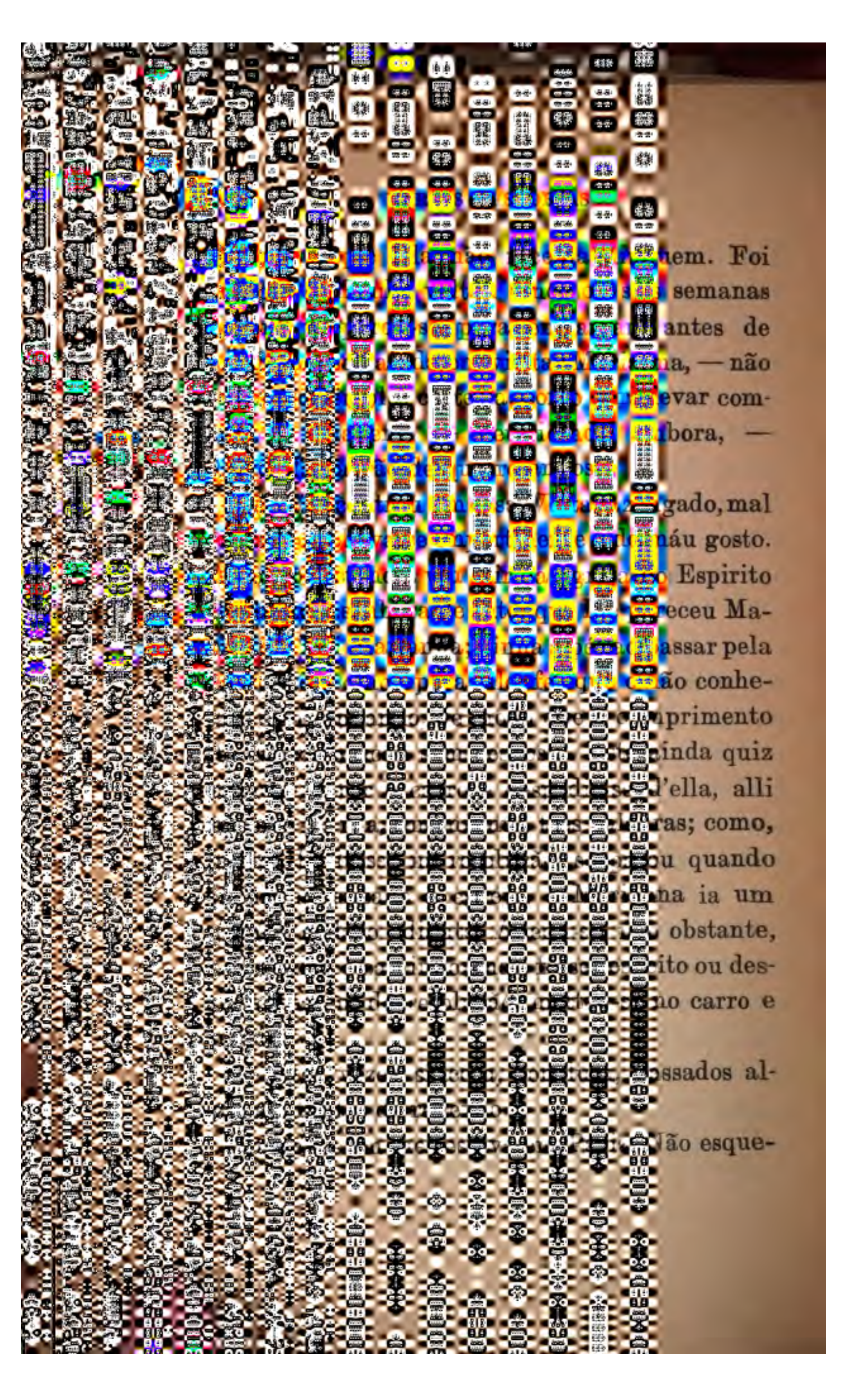
Quando o enterro saiu no dia seguinte, Marianna não estava presente, por mais que insistisse em despedir-se; já não tinha forças para acudir á vontade. Evaristo acompanhou o enterro. Seguindo o carro funebre, mal chegava a crer onde estava e o que fazia. No cemiterio, falou a um dos parentes de Xavier, confiando-lhe a pena que tivera de Marianna.

— Vê-se que se amavam muito, concluiu.

— Ah! muito, disse o parente. Casaram-se por paixão; não assisti ao casamento, porque só cheguei ao Rio de Janeiro muitos annos depois, em 1874; achei-os , porém, tão unidos como se fossem noivos, e assisti até agora á vida de ambos. Viviam um para outro; não sei se ella ficará muito tempo neste mundo.

— 1874, pensou Evaristo; dous annos depois.

Marianna não assistiu á missa do setimo dia; um parente, — o mesmo do cemiterio, — representava-a n'aquella triste occasião. Evaristo soube por elle que o estado da viuva não lhe permittia arriscar-se á commemoração da catastrophe. Deixou passar alguns dias, e foi fazer a sua visita de pezames; mas, tendo dado o car-



nem. Foi
semanas
antes de
a, — não
evar com-
bora, —

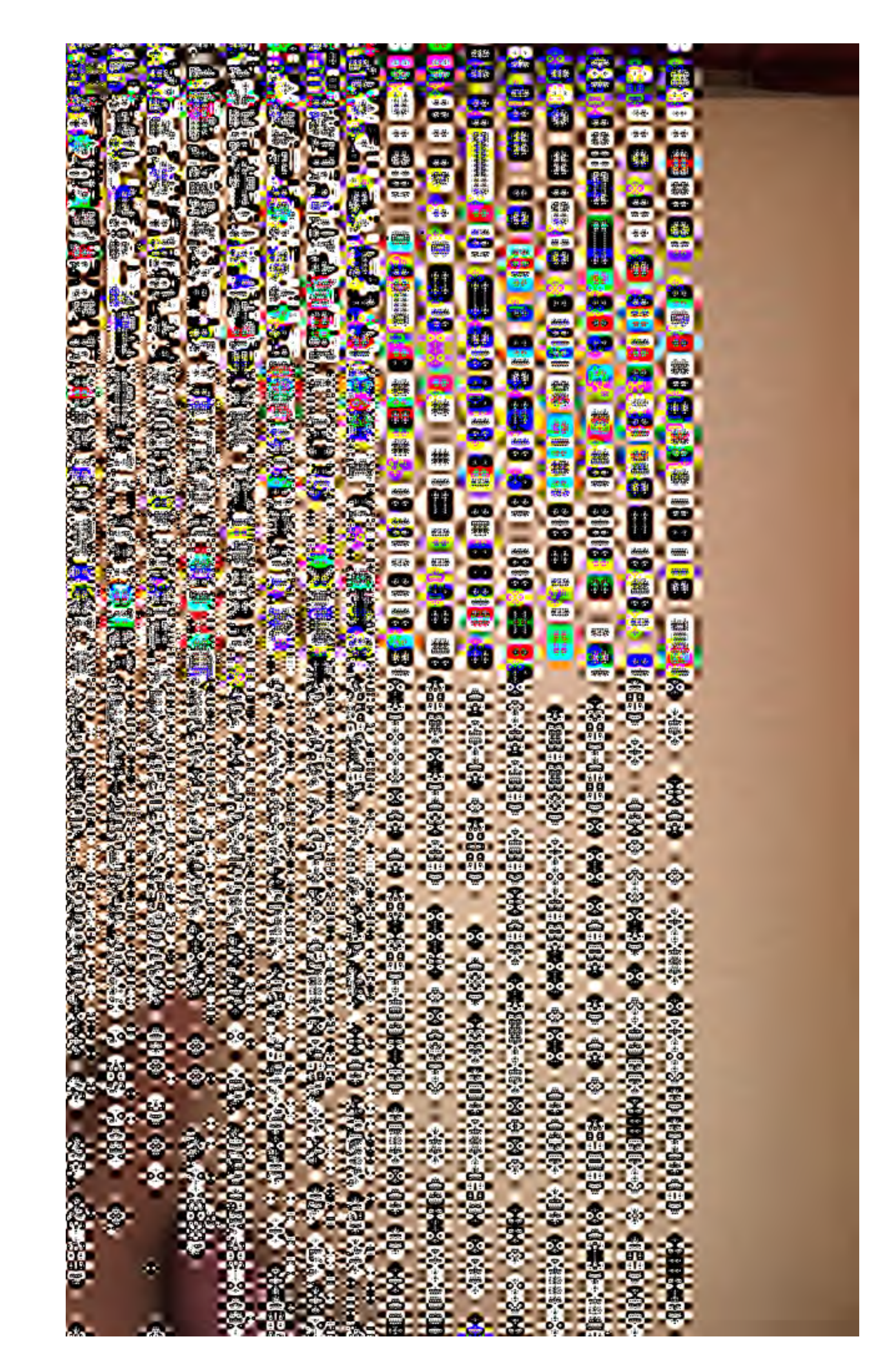
gado, mal
náu gosto.
Espirito
receu Ma-
assar pela
ão conhe-
primento
inda quiz
d'ella, alli
ras; como,
u quando
na ia um
obstante,
ito ou des-
no carro e

ssados al-

Não esque-

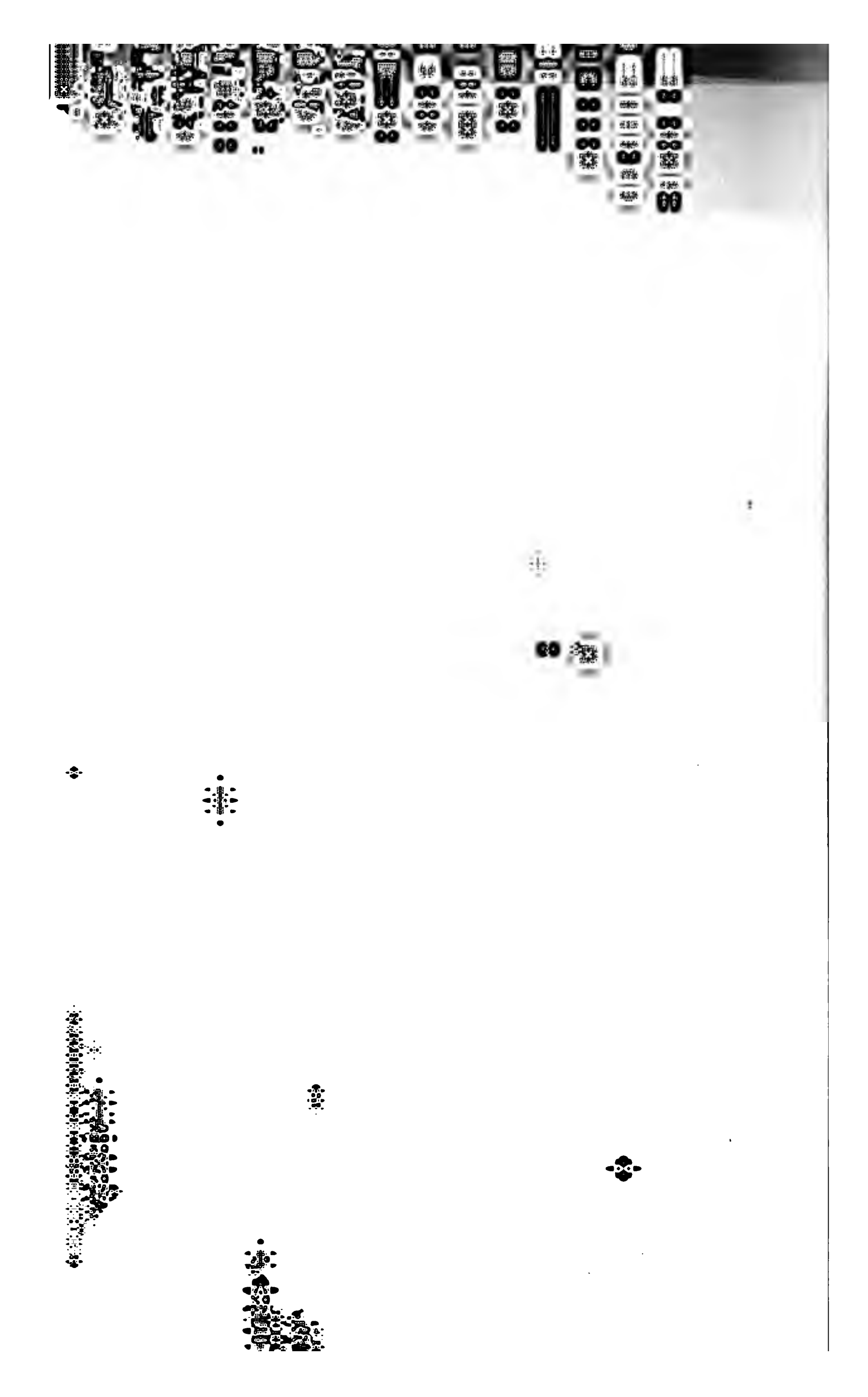
cera a comedia do amigo, a cuja primeira representação no Odéon ficára de assistir. Correu a saber d'ella; tinha caido redondamente.

— Cousas de theatro, disse Evaristo ao autor, para consolal-o. Ha peças que caem. Ha outras que ficam no repertorio.



Conto de escola

12.

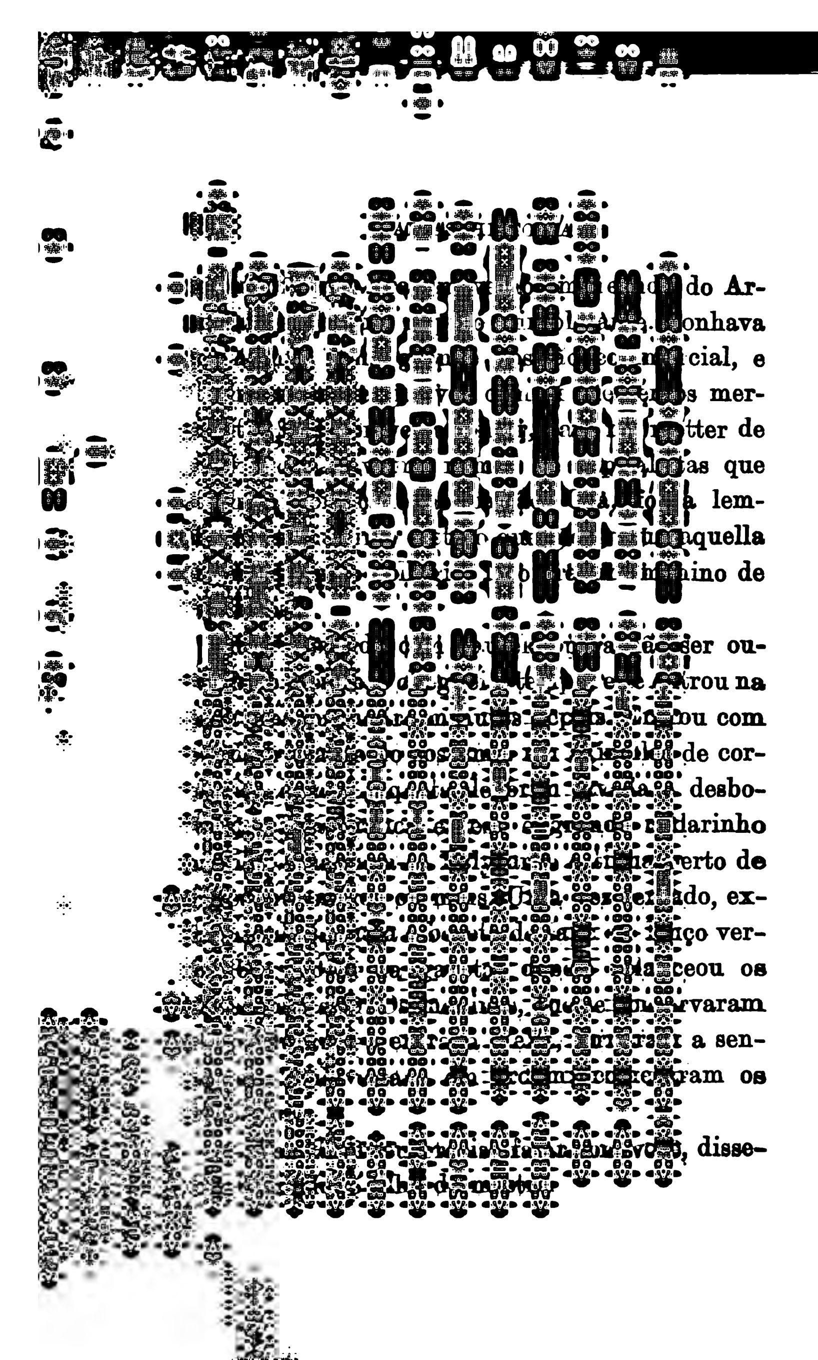




CONTO DE ESCOLA

A escola era na rua do Costa, um sobradinho de grade de páu. O anno era de 1840. Naquelle dia — uma segunda feira, do mez de maio — deixei-me estar alguns instantes na rua da Princeza a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o campo de Sant'Anna, que não era então esse parque actual, construcção de gentleman, mas um espaço rustico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse commigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dous suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pae, que me deu uma sova de vara de marmelleiro. As sovas de meu pai doiam por



do Ar-
onhava
cial, e
s mer-
tter de
as que
a lem-
aquella
hino de

ser ou-
rou na
ou com
de cor-
desbo-
darinho
erto de
ado, ex-
ço ver-
ceou os
rvaram
a sen-
ram os

disse-

Chamava-se Raymundo este pequeno, e era molle, applicado, intelligencia tarda. Raymundo gastava duas horas em reter aquillo que a outros levava apenas trinta ou cincoenta minutos; vencia com o tempo o que não podia fazer logo com o cerebro. Reunia a isso um grande medo ao pae. Era uma creança fina, pallida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pae e retirava-se antes. O mestre era mais severo com elle do que comnosco.

— O que é que você quer?

— Logo, respondeu elle com voz tremula.

Começou a licção de escripta. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo tambem que era dos mais intelligentes, por um escrupulo facil de entender e de excellente effeito no estylo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pallido nem mofino: tinha boas côres e musculos de ferro. Na licção de escripta, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na taboa, occupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingenua. Naquelle dia foi a mesma cousa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis attitudes dif-

ferentes, das quaes recordo a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras lettras que era; mas, instinctivamente, dava-lhes essa expressões. Os outro foram acabando; não tive remedio senão acabar tambem, entregar a escripta, e voltar para o meu logar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fóra, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Americo, o Carlos das Escadinhas, a fina flôr do bairro e do genero humano. Para cumulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do ceu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda immensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a grammatica nos joelhos.

— Fui um bobo em vir, disse eu ao Raymundo.

— Não diga isso, murmurou elle.

Olhei para elle; estava mais pallido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma cousa, e perguntei-lhe o que era. Ray-

mundo estremeceu de novo, e rapido, disse-me que esperasse um pouco; era uma cousa particular.

— *Seu* Pilar... murmurou elle dahi a alguns minutos.

— Que é?

— Você...

— Você que?

Elle deitou os olhos ao pae, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvello, olhava para elle, desconfiado, e o Raymundo, notando-me essa circumstancia, pediu alguns minutos mais de espera. Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvello, e vi que parecia attento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser tambem alguma cousa entre elles. Esse Curvello era um pouco levado do diabo. Tinha onze annos, era mais velho que nós.

Que me quereria o Raymundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, com instancia, que me dissesse o que era, que ninguem cuidava d'elle nem de mim. Ou então, de tarde...

— De tarde, não, interrompeu-me elle; não pode ser, de tarde.

Então agora...

— Papae está olhando.

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazel-o mais aperreado. Mas nós tambem eramos finos; mettemos o nariz no livro, e continuámos a ler. Afinal cançou e tomou as folhas do dia, tres ou quatro, que elle lia devagar, mastigando as ideias e as paixões. Não esqueçam que estavamos então no fim da Regencia, e que era grande a agitação publica, Polycarpo tinha de certo algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O peior que elle podia ter, para nós, era a palmatoria. E essa lá estava, pendurada do portal da janella, á direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendural-a e brandil-a, com a força do costume, que não era pouca. E dahi, póde ser que alguma vez as paixões politicas dominassem nelle a ponto de poupar-nos uma ou outra correcção. Naquelle dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornaes, e lia a valer.

No fim de algum tempo — dez ou doze minu-

tos — Raymundo metteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

— Sabe o que tenho aqui?

— Não.

— Uma pratinha que mamãe me deu.

— Hoje?

— Não, no outro dia, quando fiz annos...

— Pratinha de verdade?

— De verdade.

Tirou-a vagarosamente, e mostrou-me de longe. Era uma moeda do tempo do rei, cuido que doze vintens ou dous tostões, não me lembra; mas era uma moeda, e tal moeda que me fez pular o sangue no coração. Raymundo revolveu em mim o olhar pallido; depois perguntou-me se a queria para mim. Respondi-lhe que estava caçoando, mas elle jurou que não.

— Mas então você fica sem ella?

— Mamãe depois me arranja outra. Ella tem muitas que vovô lhe deixou, n'uma caixinha; algumas são de ouro. Você quer esta?

Minha resposta foi estender-lhe a mão disfarçadamente, depois de olhar para a mesa do mestre. Raymundo recuou a mão d'elle e deu á bocca um gesto amarello, que queria sorrir. Em seguida propoz-me um negocio, uma

troca de serviços; elle me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da licção de syntaxe. Não conseguira reter nada do livro, e estava com medo do pae. E concluia a proposta esfregando a pratinha nos joelhos...

Tive uma sensação exquisita. Não é que eu possuisse da virtude uma ideia antes propria de homem; não é tambem que não fosse facil em empregar uma ou outra mentira de criança. Sabiamos ambos enganar ao mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de licção e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para elle, á tôa, sem poder dizer nada.

Comprehende-se que o ponto da licção era difficil, e que o Raymundo, não o tendo apprendido, recorria a um meio que lhe pareceu util para escapar ao castigo do pae. Se me tem pedido a cousa por favor, alcançal-a-hia do mesmo modo, como de outras vezes; mas parece que era lembrança das outras vezes, o medo de achar a minha vontade frouxa ou cançada, e não apprender como queria, — e pode ser mesmo que em alguma occasião lhe tivesse ensinado mal, — parece que tal foi a causa da proposta. O pobre diabo contava com o favor,

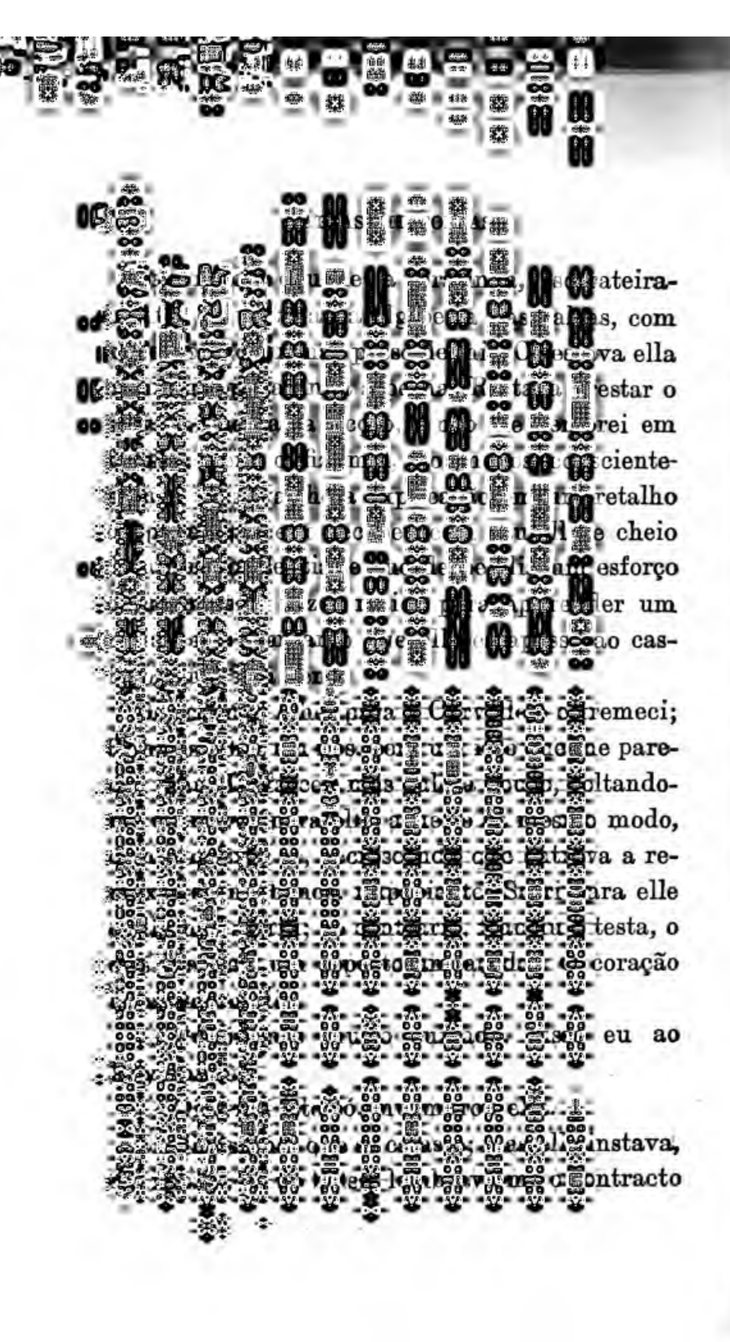
— mas queria assegurar-lhe a efficacia, e d'ahi recorreu á moeda que a mãe lhe déra, e que elle guardava como reliquia ou brinquedo; pegou della e veiu esfregal-a nos joelhos, á minha vista, como uma tentação... Realmente, era bonita fina, branca, muito branca; e para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma cousa, um cobre feio, grosso, azinhavrado...

Não queria recebel-a, e custava-me recusal-a. Olhei para o mestre, que continuava a ler, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz. — Ande, tome, dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fôra diamante... Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E elle não podia ver nada, estava agarrado aos jornaes, lendo com fogo, com indignação...

— Tome, tome...

Relanceei os olhos pela sala, e dei com os do Curvello em nós; disse ao Raymundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então dissimulei; mas d'ahi a pouco, deitei-lhe outra vez o olho, e — tanto se illude a vontade! — não lhe vi mais nada. Então cobrei animo.

— Dê cá..





persos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvello. Pareceu-me adivinhar tudo.

— Venha cá! bradou o mestre.

Fui e parei diante d'elle. Elle enterrou-me pela consciencia dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguem mais lia, ninguem fazia um só movimento. Eu, comquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

— Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as licções aos outros? disse-me o Polycarpo.

— Eu...

— Dê cá a moeda que este seu collega lhe deu! clamou.

Não obedeci logo, mas não pude negar nada. Continuei a tremer muito. Polycarpo bradou de novo que lhe désse a moeda, e eu não resisti mais, metti a mão no bolso, vagarosamente, saquei-a e entreguei-lh'a. Elle examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a á rua. E então disse-nos uma porção de cousas duras, que tanto o filho como eu acabavamos de praticar uma acção feia, indigna, baixa, uma vilania, e para

emenda e exemplo iamos ser castigados. Aqui pegou da palmatoria.

— Perdão, *seu* mestre... solucei eu.

— Não ha perdão! Dê cá a mão! dê cá! vamos! sem-vergonha! dê cá a mão!

— Mas, *seu* mestre...

— Olhe que é peior!

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma cousa; não lhe poupou nada, dous, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetissemos o negocio, apanhariamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! faltos de brio!

Eu por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguem, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos improperios do mestre. Na sala arquejava o terror; posso dizer que n'aquelle dia ninguem faria egual negocio. Creio que o proprio Curvello enfiara de medo. Não olhei logo para elle, cá dentro de mim jurava quebrar-lhe a cara, na rua,

logo que sahissemos, tão certo como tres e dous serem cinco.

D'ahi a algum tempo olhei para elle; elle tambem olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empallideceu. Compoz-se e entrou a lêr em voz alta; estava com medo. Começou a variar de attitude, agitando-se á tôa, coçando os joelhos, o nariz. Póde ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, porque denunciar-nos? Em que é que lhe tiravamos alguma cousa?

— Tu me pagas! tão duro como osso! dizia eu commigo.

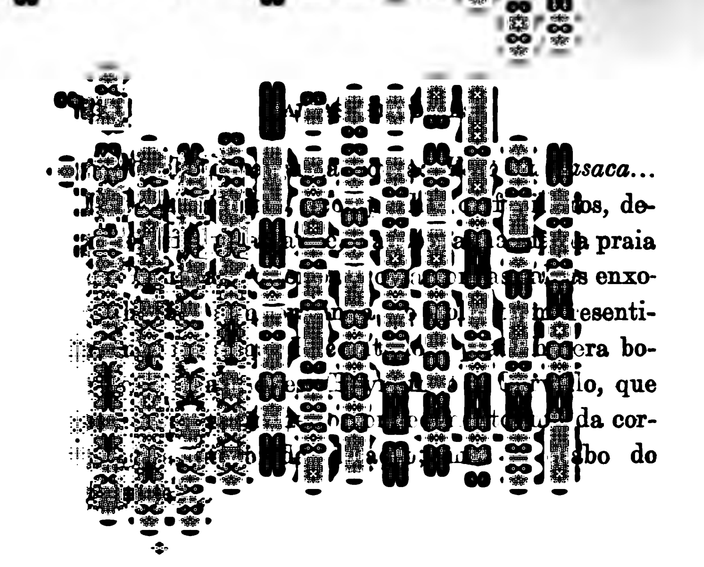
Veiu a hora de sair, e saímos; elle foi adiante, apressado, e eu não queria brigar alli mesmo, na rua do Costa, perto do collegio; havia de ser na rua larga de S. Joaquim. Quando porém, cheguei á esquina, já o não vi; provavelmente escondera-se em algum corredor ou loja; entrei n'uma botica, espiei em outras casas, perguntei por elle a algumas pessoas, ninguem me deu noticia. De tarde faltou á escola.

Em casa não contei nada, é claro; mas para explicar as mãos inchadas, menti a minha mãe, disse-lhe que não tinha sabido a licção. Dormi n'essa noite, mandando ao diabo os dous meni-

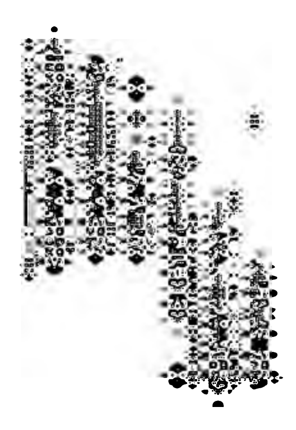
nos, tanto o da denuncia como o da moeda. E sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar á escola, no dia seguinte, dera com ella na rua, e a apanhara, sem medo nem escrupulos...

De manhã, acordei cedo. A ideia de ir procurar a moeda fez-me vestir depressa. O dia estava esplendido, um dia de maio, sol magnifico, ar brando, sem contar as calças novas que minha mãe me deu, por signal que eram amarellas. Tudo isso, e a pratinha... Saí de casa, como se fosse trepar ao throno de Jerusalem. Piquei o passo para que ninguem chegasse antes de mim á escola; ainda assim não andei tão depressa que amarotasse as calças. Não, que ellas eram bonitas! Mirava-as, fugia aos encontros, ao lixo da rua...

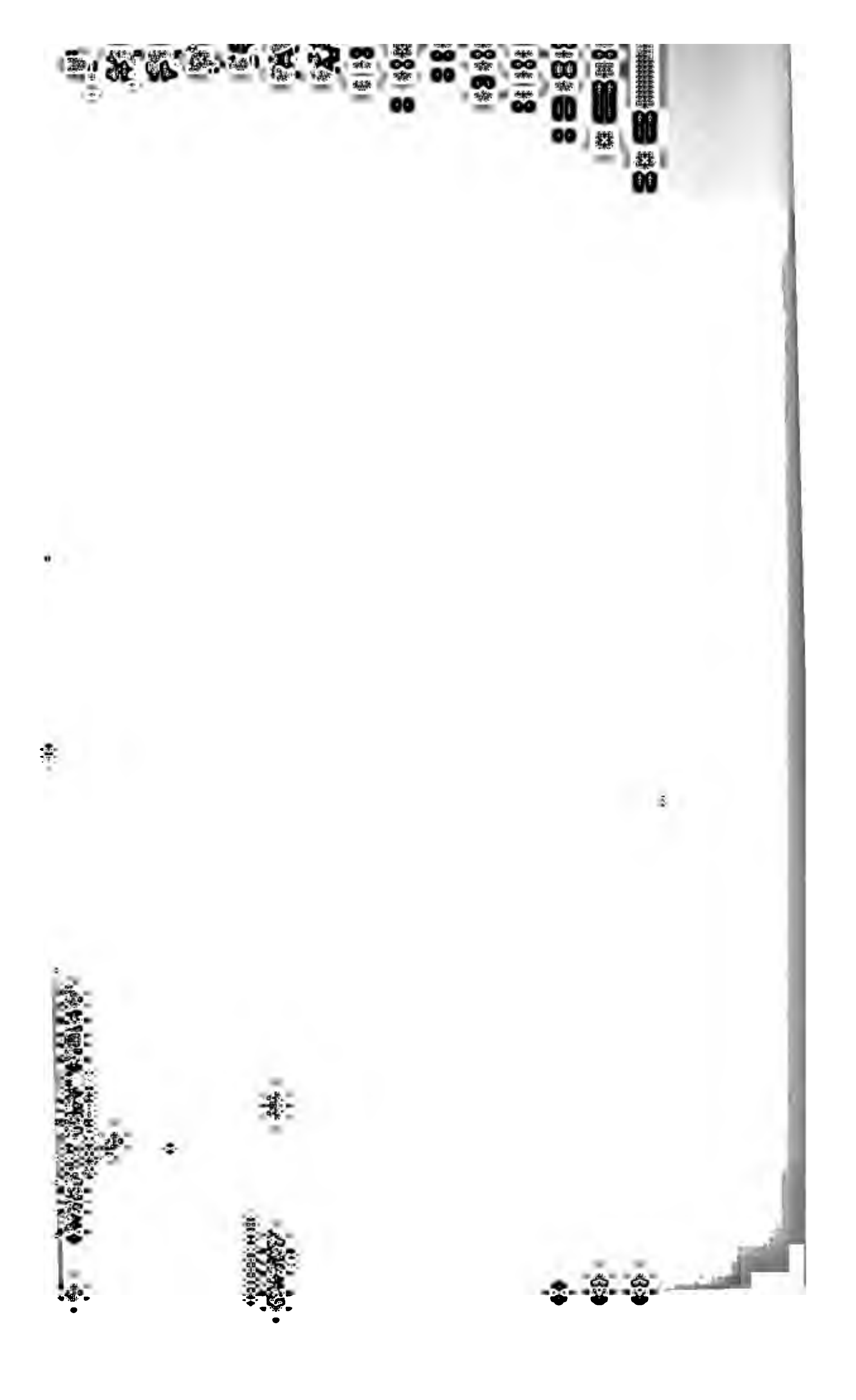
Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor á frente, rufando. Não podia ouvir isto quieto. Os soldados vinham batendo o pé rapido, egual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive impeto de ir atraz d'elles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar tambem ao som do rufo, creio que

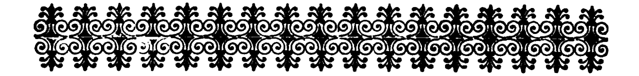






Um apologo





UM APOLOGO

Era uma vez uma agulha, que disse a um novello de linha:

— Porque está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por que? Porque lhe digo que está com um ar insuportavel? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— De certo que sou.

— Mas por que?

— E'boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o panno, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o panno, vou adiante, puxando por você, que vem atraz, obedecendo ao que eu faço e mando...

— Tambem os batedores vão adiante do imperador.

— Você imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e infimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

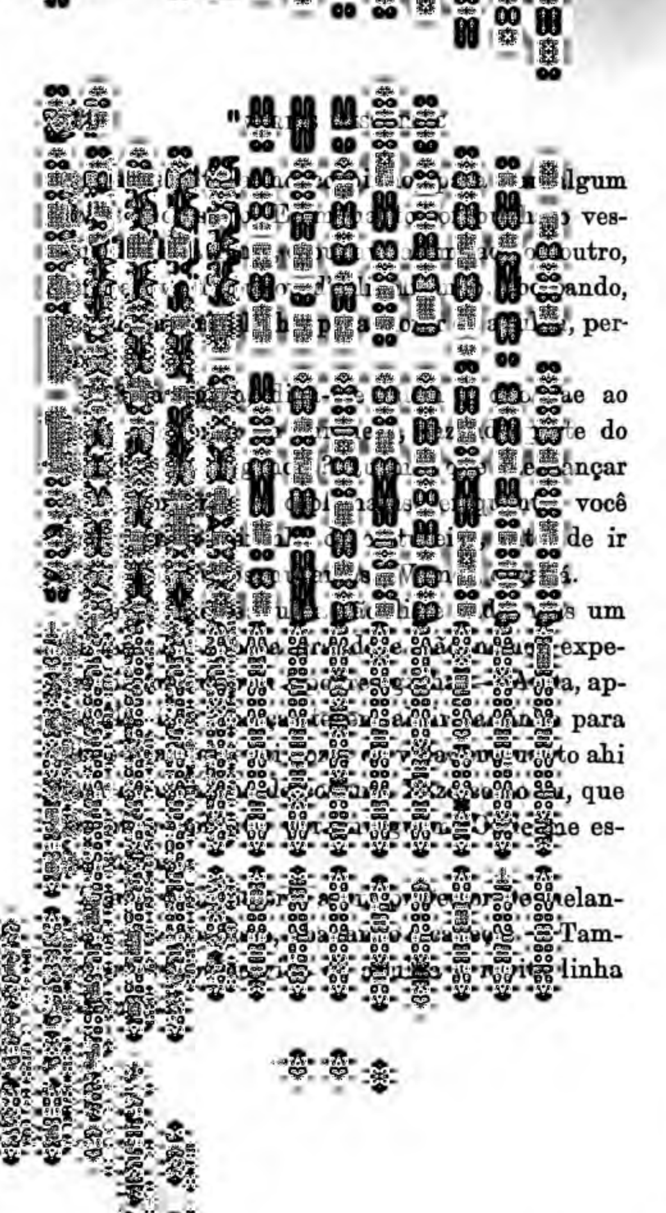
Estavam nisto, quando a costureira chegou á casa da baroneza. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baroneza, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atraz d'ella.

Chegou a costureira, pegou do panno, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo panno adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ageis como os galgos de Diana — para dara isto uma cor poetica. E dizia a agulha:

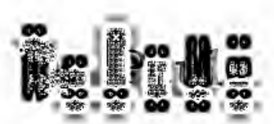
— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia ha pouco? Não repara que esta distincta costureira só se importa commigo; eu é que vou aqui entre os dedos d'ella, unidinha a elles, furando abaixo e acima...

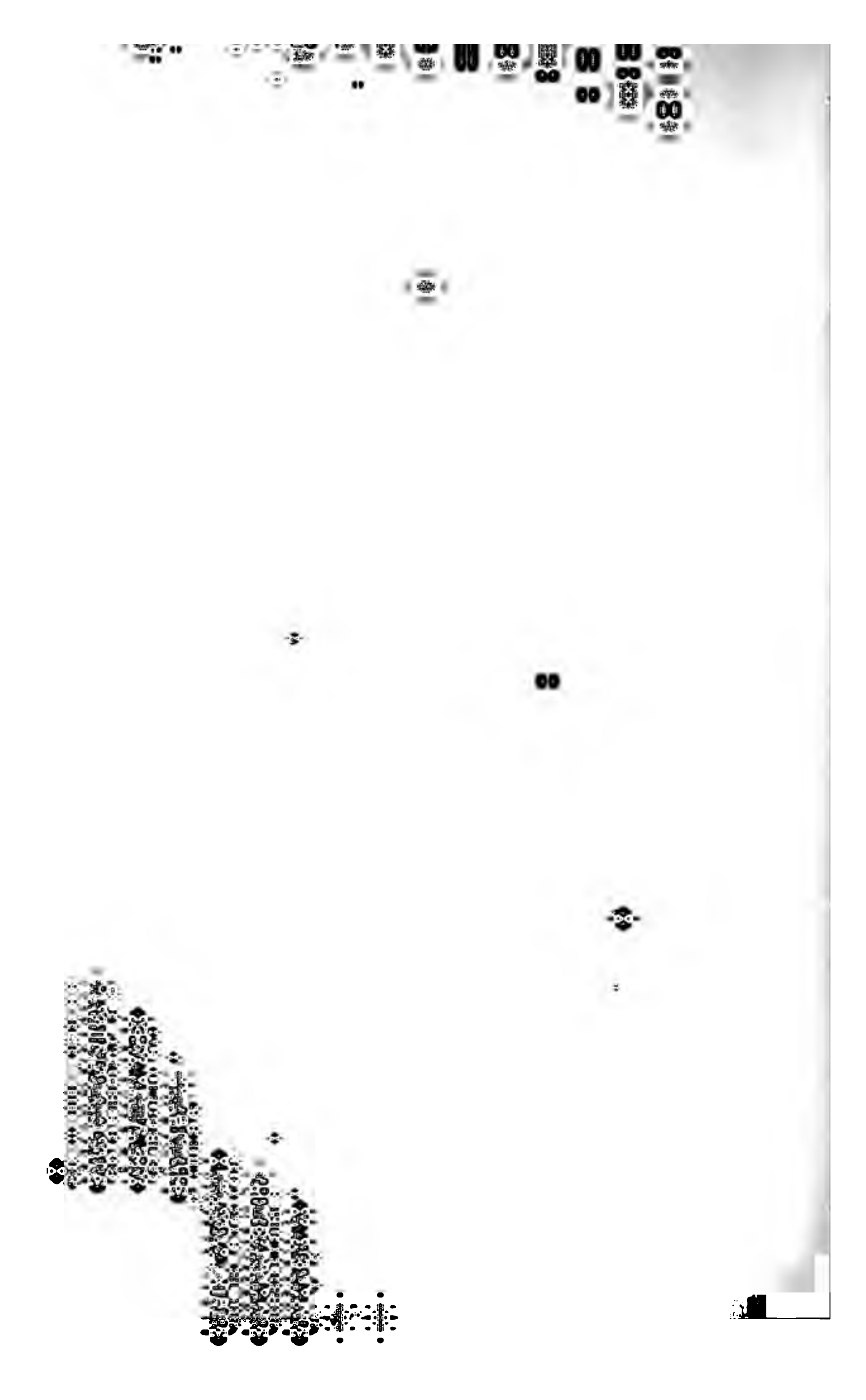
A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ella, silenciosa e activa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ella não lhe dava resposta, calou-se tambem, e foi andando. E era tudo silencio na saleta de costura; mão se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no panno. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veiu a noite do baile, e a baroneza vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a

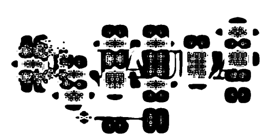


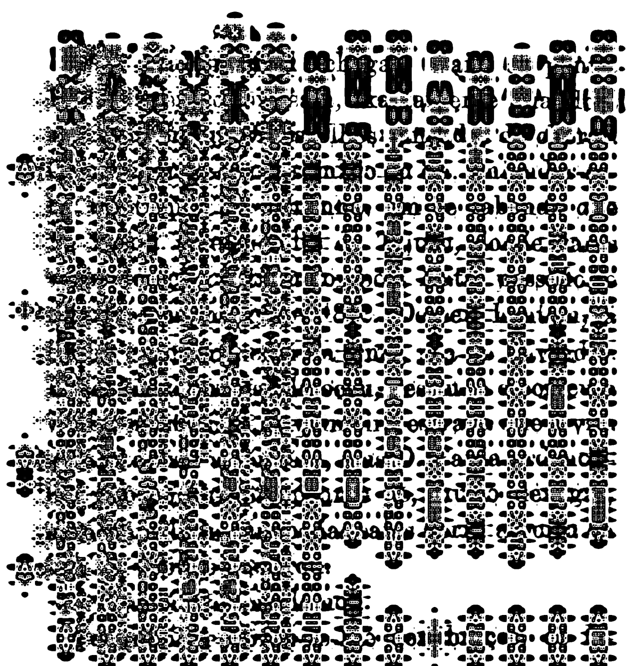












grimas vieram-lhe de novo. A tia beijou-a muito, abraçou-a, disse-lhe palavras de conforto, e pediu, e quiz que lhe contasse o que era, se alguma doença, ou...

— Antes fosse uma doença! antes fosse a morte! interrompeu a moça.

— Não digas tolices; mas que foi? anda, que foi?

Venancinha enxugou os olhos e começou a falar. Não póde ir além de cinco ou seis palavras; as lagrimas tornaram, tão abundantes e impetuosas, que D. Paula achou de bom aviso deixal-as correr primeiro. Entretanto, foi tirando a capa de rendas pretas que a envolvia, e descalçando as luvas. Era uma bonita velha, elegante, dona de um par de olhos grandes, que deviam ter sido infinitos. Emquanto a sobrinha chorava, ella foi cerrar cautelosamente a porta da sala, e voltou ao canapé. No fim de alguns minutos, Venancinha cessou de chorar, e confiou á tia o que era.

Era nada menos que uma briga com o marido, tão violenta, que chegaram a falar de separação. A causa eram ciumes. Desde muito que o marido embirrava com um sujeito; mas na vespara á noite, em casa do C..., vendo-a dançar com elle

duas vezes e conversar alguns minutos, concluiu que eram namorados. Voltou amuado para casa; de manhã, acabado o almoço, a colera estourou, e elle disse-lhe cousas duras e amargas, que ella repelliu com outras.

— Onde está teu marido? perguntou a tia.

— Saiu; parece que foi para o escriptorio.

D. Paula perguntou-lhe se o escriptorio era ainda o mesmo, e disse-lhe que descançasse, que não era nada; dalli a duas horas tudo estaria acabado. Calçava as luvas rapidamente.

— Titia vai lá?

— Vou... Pois então Vou. Teu marido é bom; são arrufos. 104? Vou lá; espera por mim, que as escravas não te vejam.

Tudo isso era dito com volubilidade, confiança e doçura. Calçadas as luvas, poz o mantelete, e a sobrinha ajudou-a, falando tambem, jurando que, apezar de tudo, adorava o Conrado. Conrado era o marido, advogado desde 1874. D. Paula saiu, levando muitos beijos da moça. Na verdade, não podia chegar mais a ponto. De caminho, parece que ella encarou o incidente, não digo desconfiada, mas curiosa, um pouco inquieta de realidade positiva; em todo caso ia resoluta a reconstruir a paz domestica.

Chegou, não achou, o sobrinho no escriptorio, mas elle veiu logo, e, passado o primeiro espanto, não foi preciso que D. Paula lhe dissesse o objecto da visita; Conrado adivinhou tudo. Confessou que fôra excessivo em algumas cousas, e, por outro lado, não attribuia á mulher nenhuma indole perversa ou viciosa. Só isso; no mais, era uma cabeça de vento, muito amiga de cortezias, de olhos ternos, de palavrinhas doces, e a leviandade tambem é uma das portas do vicio. Em relação á pessoa de quem se tratava, não tinha duvida de que eram namorados. Venancinha contara só o facto da vespera; não referiu outros, quatro ou cinco, o penultimo no theatro, onde chegou a haver tal ou qual escandalo. Não estava disposto a cobrir com a sua responsabilidade os desasos da mulher. Que namorasse, mas por conta propria.

D. Paula ouviu tudo, calada; depois falou tambem. Concordava que a sobrinha fosse leviana; era proprio da edade. Moça bonita não sae á rua sem attrahir os olhos, e é natural que a admiração dos outros a lisonjeie. Tambem é natural que o que ella fizer de lisonjeada pareça aos outros e ao marido um principio de namoro: a fatuidade de uns e o ciume do outro explicam

tudo. Pela parte d'ella, acabava de ver a moça chorar lagrimas sinceras; deixou-a consternada, falando de morrer, abatida com o que elle lhe dissera. E se elle proprio só lhe attribuia leviandade, porque não proceder com cautela e doçura, por meio de conselho e de observação, poupando-lhe as occasiões, apontando-lhe o mal que fazem á reputação de uma senhora as apparencias de accordo, de sympathia, de boa vontade para os homens?

Não gastou menos de vinte minutos a boa senhora em dizer essas cousas mansas, com tão boa sombra, que o sobrinho sentiu apaziguar-se-lhe o coração. Resistia, é verdade; duas ou tres vezes, para não resvalar na indulgencia, declarou á tia que entre elles tudo estava acabado. E, para animar-se, evocava mentalmente as razões que tinha contra a mulher. A tia, porém, abaixava a cabeça para deixar passar a onda, e surgia outra vez com os seus grandes olhos sagazes e teimosos. Conrado ia cedendo aos poucos e mal. Foi então que D. Paula propoz um meio termo.

— Você perdoa-lhe, fazem as pazes, e ella vai estar commigo, na Tijuca, um ou dous mezes; uma especie de desterro. Eu durante este tempo,

encarrego-me de lhe pôr ordem no espirito. Valeu?

Conrado aceitou. D. Paula, tão depressa obteve a palavra, despediu-se para levar a boa nova á outra; Conrado acompanhou-a até á escada. Apertaram as mãos; D. Paula não soltou a d'elle sem lhe repetir os conselhos de brandura e prudencia; depois, fez esta reflexão natural:

— E vão ver que o homem de quem se trata nem merece um minuto dos nossos cuidados...

— E' um tal Vasco Maria Portella...

D. Paula empallideceu. Que Vasco Maria Portella? Um velho, antigo diplomata, que... Não, esse estava na Europa desde alguns annos, aposentado, e acabava de receber um titulo de barão. Era um filho d'elle, chegado de pouco, um pelintra... D. Paula apertou-lhe a mão, e desceu rapidamente. No corredor, sem ter necessidade de ajustar a capa, fel-o durante alguns minutos, com a mão tremula e um pouco de alvoroço na physionomia. Chegou mesmo a olhar para o chão, reflectindo. Saiu; foi ter com a sobrinha, levando a reconciliação e a clausula. Venancinha aceitou tudo.

Dois dias depois foram para a Tijuca. Venancinha ia menos alegre do que promettera; prova-

velmente era o exilio, ou póde ser tambem que algumas saudades. Em todo caso, o nome de Vasco subiu a Tijuca, se não em ambas as cabeças, ao menos na da tia, onde era uma especie de éco, um som remoto e brando, alguma cousa que parecia vir do tempo da Stoltz e do ministerio Paraná. Cantora e ministerio, cousas frageis, não o eram menos que a ventura de ser moça, e onde iam essas tres eternidades ? Jaziam nas ruinas de trinta annos. Era tudo o que D. Paula tinha em si e diante de si.

Já se entende que o outro Vasco, o antigo, tambem foi moço e amou. Amaram-se, fartaram-se um do outro, á sombra do casamento, durante alguns annos, e, como o vento que passa não guarda a palestra dos homens, não ha meio de escrever aqui o que então se disse da aventura. A aventura acabou; foi uma successão de horas doces e amargas, de delicias, de lagrimas, de coleras, de arroubos, drogas varias com que encheram á esta senhora a taça das paixões. D. Paula esgotou-a inteira e emborcou-a depois para não mais beber. A saciedade trouxe-lhe a abstinencia, e com o tempo foi esta ultima phase que fez a opinião. Morreu-lhe o marido e foram vindo os annos. D. Paula era agora uma pessoa

austera e pia, cheia de prestigo e consideração.

A sobrinha é que lhe levou o pensamento ao passado. Foi a presença de uma situação analoga, de mistura com o nome e o sangue do mesmo homem, que lhe acordou algumas velhas lembranças. Não esqueçam que ellas estavam na Tijuca, que iam viver juntas algumas semanas, e que uma obedecia á outra; era tentar e desafiar a memoria.

— Mas nós devéras não voltamos á cidade tão cedo? perguntou Venancinha rindo, no outro dia de manhã.

— Já estás aborrecida?

— Não, não, isso nunca, mas pergunto...

D. Paula, rindo tambem, fez com o dedo um gesto negativo; depois, perguntou-lhe se tinha saudades cá de baixo. Venancinha respondeu que nenhumas; e para dar mais força á resposta, acompanhou-a de um descair dos cantos da bocca, a modo de indifferença e desdem. Era pôr demais na carta. D. Paula tinha o bom costume de não ler ás carreiras, como quem vai salvar o pae da forca, mas devagar, enfiando os olhos entre as syllabas e entre as lettras, para ver tudo, e achou que o gesto da sobrinha era excessivo.

— Elles amam-se! pensou ella.

A descoberta avivou o espirito do passado. D. Paula forcejou por sacudir fóra essas memorias importunas; ellas, porém, voltavam, ou de manso ou de assalto, como raparigas que eram, cantando, rindo, fazendo o diabo. D. Paula tornou aos seus bailes de outro tempo, ás suas eternas valsas que faziam pasmar a toda a gente, ás mazurkas, que ella mettia á cara da sobrinha como sendo a mais graciosa cousa do mundo, e aos theatros, e ás cartas, e vagamente, aos beijos; mas tudo isso — e esta é a situação — tudo isso era como as frias chronicas, esqueleto da historia, sem a alma da historia. Passava-se tudo na cabeça. D. Paula tentava emparelhar o coração. com o cerebro, a ver se sentia alguma cousa além da pura repetição mental, mas, por mais que evocasse as commoções extinctas, não lhe voltava nenhuma. Cousas truncadas!

Se ella conseguisse espiar para dentro do coração da sobrinha, póde ser que achasse alli a sua imagem, e então... Desde que esta ideia penetrou no espirito de D. Paula, complicou-lhe um pouco a obra de reparação e cura. Era sincera, tratava da alma da outra, queria vel-a restituida ao marido. Na constancia do peccado é que se pôde desejar que outros pequem tambem, para

descer de companhia ao purgatorio; mas aqui o peccado já não existia. D. Paula mostrava á sobrinha a superioridade do marido, as suas virtudes e assim tambem as paixões, que podiam dar um mau desfecho ao casamento, peior que tragico, o repudio.

Conrado na primeira visita que lhes fez, nove dias depois, confirmou a advertencia da tia; entrou frio e saiu frio. Venancinha ficou atterrada. Esperava que os nove dias de separação tivessem abrandado o marido, e, em verdade, assim era; mas elle mascarou-se á entrada e conteve-se para não capitular. E isto foi mais salutar que tudo o mais. O terror de perder o marido foi o principal elemento de restauração. O proprio desterro não pôde tanto.

Vai senão quando, dois dias depois daquella visita estando ambas ao portão da chacara, prestes a sair para o passeio do costume, viram vir um cavalleiro. Venancinha fixou a vista, deu um pequeno grito, e correu a esconder-se atraz do muro. D. Paula comprehendeu e ficou. Quiz ver o cavalleiro de mais perto; vui-o d'alli a dois ou tres minutos, um galhardo rapaz, elegante, com as suas finas botas lustrosas, muito bem posto no sellim; tinha a mesma cara do outro Vasco, era o

filho; o mesmo geito da cabeça, um pouco á direita, os mesmos hombros largos, os mesmos olhos redondos e profundos.

N'essa mesma noite, Venancinha contou-lhe tudo, depois da primeira palavra que ella lhe arrancou. Tinham-se visto nas corridas, uma vez, logo que elle chegou da Europa. Quinze dias depois, foi-lhe apresentado em um baile, e pareceu-lhe tão bem, com um ar tão pariziense que ella falou d'elle, na manhã seguinte, ao marido. Conrado franziu o sobr'olho, e foi este gesto que lhe deu uma ideia que até então não tinha. Começou a vel-o com prazer; d'ahi a pouco com certa anciedade. Elle falava-lhe respeitosamente, dizia-lhe cousas amigas, que ella era a mais bonita moça do Rio, e a mais elegante, que já em Paris ouvira elogial-a muito, por algumas senhoras da familia Alvarenga. Tinha graça em criticar os outros, e sabia dizer tambem umas palavras sentidas, como ninguem. Não falava de amor, mas perseguia-a com os olhos, e ella, por mais que afastasse os seus não podia afastal-os de todo. Começou a pensar nelle, amiudadamente, com interesse, e quando se encontravam, batia-lhe muito o coração; pode ser que elle lhe visse então, no rosto, a impressão que fazia.

D. Paula, inclinada para ella, ouvia essa narração, que ahi fica apenas resumida e coordenada. Tinha toda a vida nos olhos; a boca meia aberta, parecia beber as palavras da sobrinha, anciosamente, como um cordial. E pedia-lhe mais, que lhe contasse tudo, tudo. Venancinha creou confiança. O ar da tia era tão joven, a exhortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ella achou alli uma confidente e amiga, não obstante algumas phrases severas que lhe ouviu, mescladas ás outras, por um motivo de inconsciente hypocrisia. Não digo calculo; D. Paula enganava-se a si mesma. Podemos comparal-a um general invalido, que forceja por achar um pouco do antigo ardor na audiencia de outras campanhas.

— Já vês que teu marido tinha razão, dizia ella; foste imprudente, muito imprudente...

Venancinha achou que sim, mas jurou que estava tudo acabado.

— Receio que não. Chegaste a amal-o devéras?

— Titia...

— Tu ainda gostas d'elle!

— Juro que não. Não gosto; mas confesso... sim... confesso que gostei... Perdoe-me tudo; não

diga nada a Conrado; estou arrependida... Repito que a principio um pouco fascinada... Mas que quer a senhora?

— Elle declarou-te alguma cousa?

— Declarou; foi no theatro, uma noite, no theatro lyrico, á saida. Tinha costume de ir buscar-me ao camarote e conduzir-me até o carro; e foi á saida... duas palavras...

D. Paula não perguntou, por pudor, as proprias palavras do namorado, mas imaginou as circumstancias, o corredor, os pares que saíam, as luzes, a multidão, o rumor das vozes, e teve o poder de representar, com o quadro, um pouco das sensações d'ella; e pediu-lh'as com interesse, astutamente.

— Não sei o que senti, acudiu a moça, cuja commoção crescente ia desatando a lingua; não me lembro dos primeiros cinco minutos. Creio que fiquei séria; em todo o caso, não lhe disse nada. Pareceu-me que toda gente olhava para nós, que teriam ouvido, e quando alguem me comprimentava sorrindo, dava-me ideia de estar caçoando. Desci as escadas não sei como, entrei no carro sem saber o que fazia; ao apertar-lhe a mão, afrouxei bem os dedos. Juro-lhe que não queria ter ouvido nada. Conrado disse-me que

tinha somno, e encostou-se ao fundo do carro; foi melhor assim, porque eu não sei que diria, se tivessemos de ir conversando. Encostei-me tambem, mas por pouco tempo; não podia estar na mesma posição. Olhava para fóra atravez dos vidros, e via só o clarão dos lampeões, de quando em quando, e afinal nem isso mesmo; via o corredores do theatro, as escadas, as pessoas todas, e elle ao pé de mim, cochichando as palavras, duas palavras só, e não posso dizer o que pensei em todo esse tempo; tinha as ideias baralhadas, confusas, uma revolução em mim...

— Mas, em casa?

— Em casa, despindo-me, é que pude reflectir um pouco, mas muito pouco. Dormi tarde, e mal. De manhã, tinha a cabeça aturdida. Não posso dizer que estava alegre nem triste; lembro-me que pensava muito n'elle, e para arredal-o prometti a mim mesma revelar tudo ao Conrado; mas o pensamento voltava outra vez. De quando em quando, parecia-me escutar a voz d'elle, e estremecia. Cheguei a lembrar-me que, á despedida, lhe déra os dedos frouxos, e sentia, não sei como diga, uma especie de arrependimento, um medo de o ter offendido... e depois vinha o desejo

de o ver outra vez... Perdôe-me, titia; a senhora é que quer que lhe conte tudo.

A resposta de D. Paula foi apertar-lhe muito a mão e fazer um gesto de cabeça. Afinal achava alguma cousa de outro tempo, ao contacto d'aquellas sensações ingenuamente narradas. Tinha os olhos, ora meio cerrados, na somnolencia da recordação, — ora aguçados de curiosidade e calor, e ouvia tudo, dia por dia, encontro, por encontro, a propria scena do theatro, que a sobrinha a principio lhe occultara. E vinha tudo o mais, horas de ancia, de saudade, de medo, de esperança, desalentos, dissimulações, impetos, toda a agitação de uma creatura em taes circumstancias, nada dispensava a curiosidade insaciavel da tia. Não era um livro, não era sequer um capitulo de adulterio, mas um prologo, — interessante e violento.

Venancinha acabou. A tia não lhe disse nada, deixou-se estar mettida em si mesma; depois acordou, pegou-lhe na mão e puxou-a. Não lhe falou logo; fitou primeiro, e de perto, toda essa mocidade inquieta e palpitante, a boca fresca, os olhos ainda infinitos, e só voltou a si quando a sobrinha lhe pediu outra vez perdão. D. Paula disse-lhe tudo o que a ternura e a austeridade

da mãe lhe poderia dizer, falou-lhe de castidade, de amor ao marido, de respeito publico; foi tão eloquente que Venancinha não pôde conter-se, e chorou.

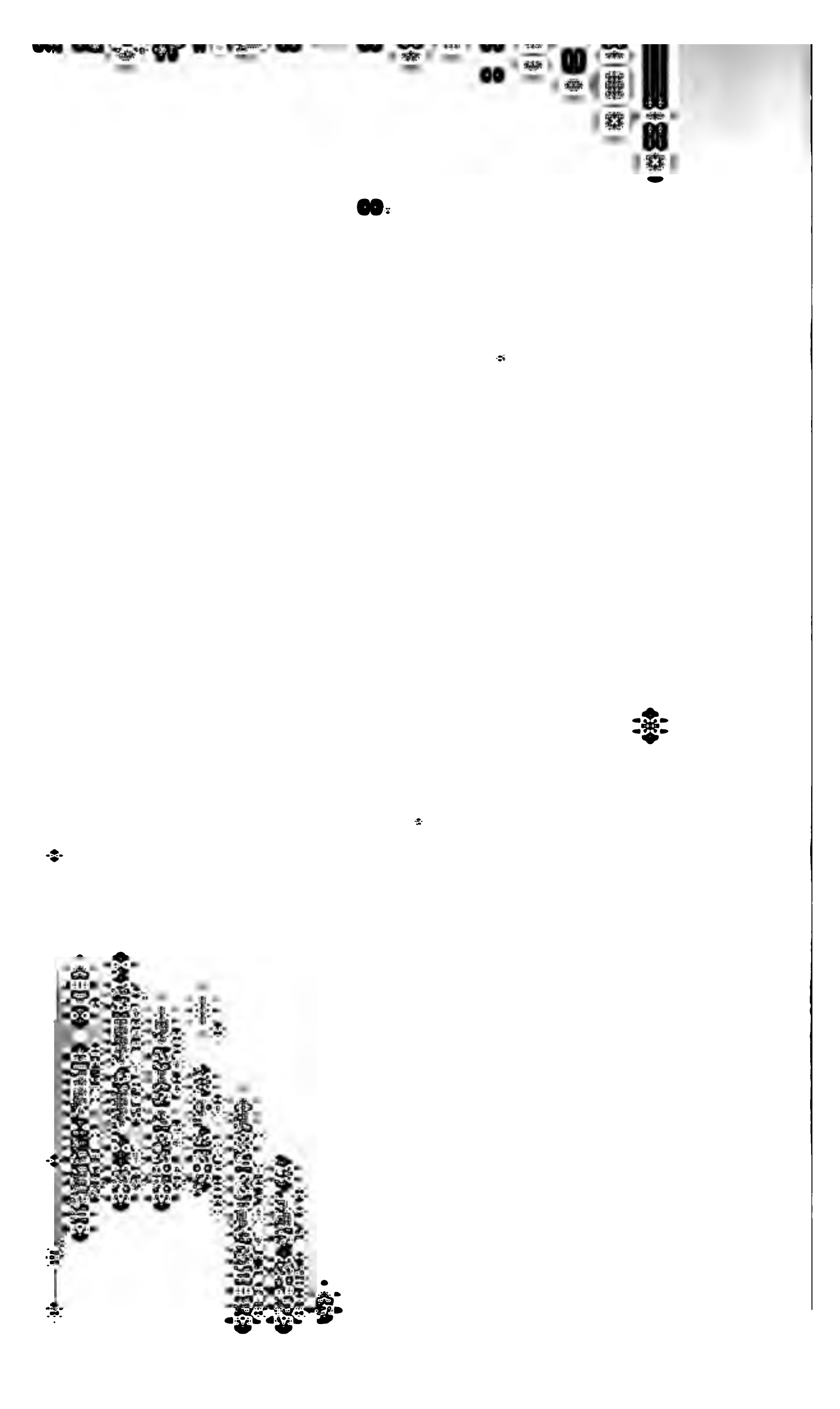
Veiu a chá, mas não ha chá possivel depois de certas confidencias. Venancinha recolheu-se logo, e, como a luz era agora maior, saiu da sala com os olhos baixos, para que o criado lhe não visse a commoção. D. Paula ficou diante da mesa e do criado. Gastou vinte minutos, ou pouco menos, em beber uma chicara de chá e roer um biscouto, e apenas ficou só, foi encostar-se á janella, que dava para chacara.

Ventava um pouco, as folhas moviam-se sussurrando, e, comquanto não fossem as mesmas do outro tempo, ainda assim perguntavam-lhe: « Paula, você lembra-se do outro tempo? » Que esta é a particularidade das folhas, as gerações que passam contam ás que chegam as cousas que viram, e é assim que todas sabem tudo e perguntam por tudo. Você lembra-se do outro tempo?

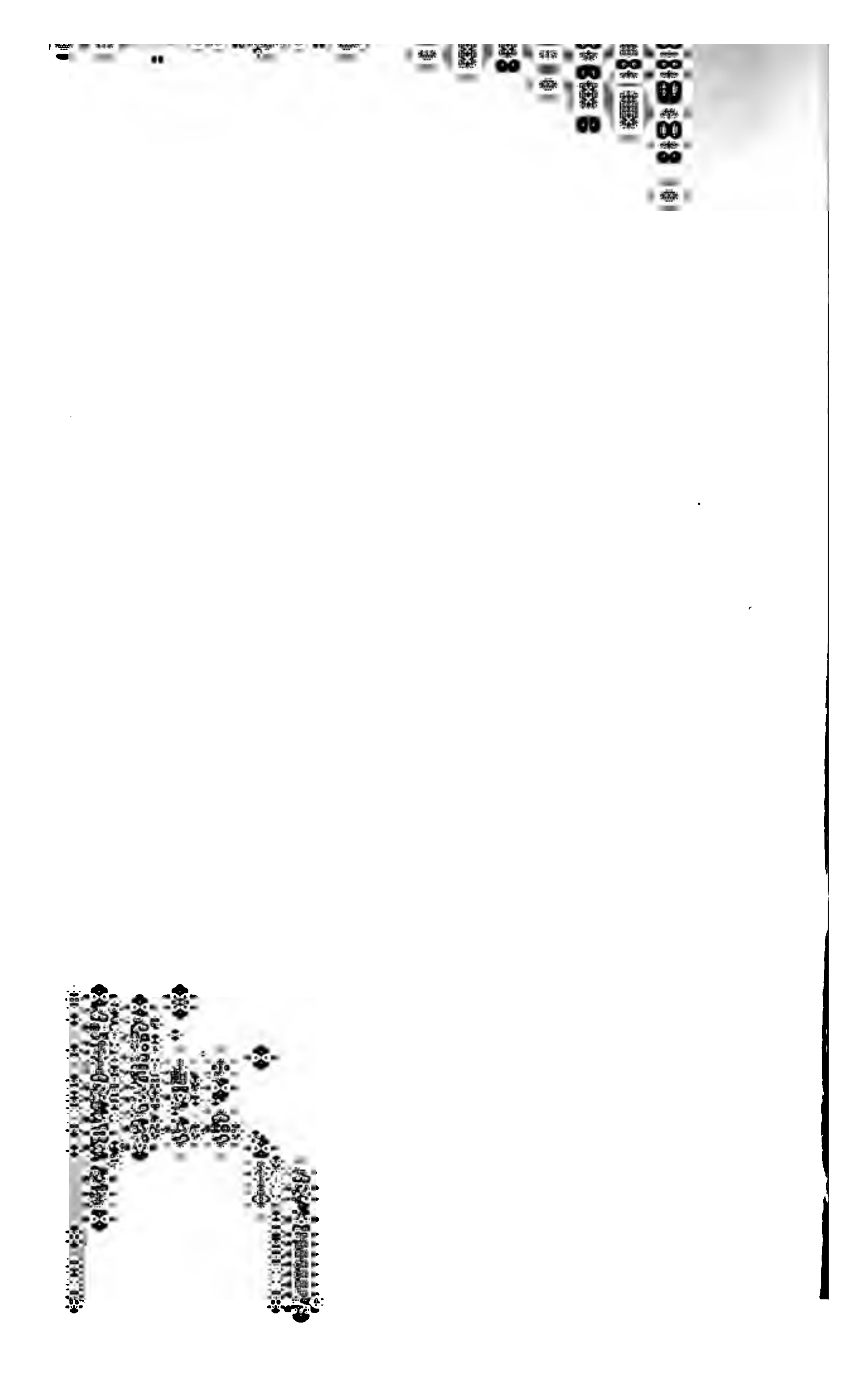
Lembrar, lembrava; mas aquella, sensação de ha pouco, reflexo apenas, tinha agora cessado. Em vão repetia as palavras da sobrinha, farejando o ar agreste da noite: era só na cabeça que

achava algum vestigio, reminiscencias, cousas truncadas. O coração empacára de novo; o sangue ia outra vez com a andadura do costume. Faltava-lhe o contacto moral da outra. E continuava apezar de tudo, diante da noite, que era egual ás outras noites de então, e nada tinha que se parecesse com as do tempo da Stoltz e do marquez de Paraná; mas continuava, e lá dentro as pretas espalhavam o somno contando anecdotas, e diziam, uma ou outra vez, impacientes:

— Sinhá velha hoje deita tarde como diabo!



Viver !





VIVER!

Fim dos tempos. Ahasverus, sentado em uma rocha, fita longamente o horisonte, onde passam duas aguias, cruzando-se. Medita, depois sonha. Vai declinando o dia.

Ahasverus. — Chego á clausula dos tempos; este é o limiar da eternidade. A terra está deserta; nenhum outro homem respira o ar da vida. Sou o ultimo; posso morrer. Morrer! deliciosa ideia! Seculos de seculos vivi, cançado, mortificado, andando sempre, mais eil-os que acabam e vou morrer com elles. Velha natureza, adeus! Céu azul, nuvens renascentes, rosas de um dia e de todos os dias, aguas perennes, terra inimiga,

que me não comeste os ossos, adeus! O errante não errará mais. Deus me perdoará, se quizer, mas a morte consola-me. Aquella montanha é aspera como a minha dor; aquellas aguias, que alli passam, devem ser famintas como o meu desespero. Morrereis tambem, aguias divinas?

PROMETHEO. — Certo que os homens acabaram; a terra está núa d'elles.

AHASVERUS. — Ouço ainda uma voz... Voz de homem? Céus implacaveis, não sou então o ultimo? Eil-o que se approxima... Quem és tu? Ha em teus grandes olhos alguma cousa parecida com a luz mysteriosa dos archanjos de Israel; não és homem...

PROMETHEO. — Não.

AHASVERUS. — Raça divina?

PROMETHEO. — Tu o disseste.

AHASVERUS. — Não te conheço; mas que importa que te não conheça? Não és homem; posso então morrer; pois sou o ultimo, e fecho a porta da vida.

PROMETHEO. — A vida, como a antiga Thebas, tem cem portas. Fechas uma, outras se abrirão. E's o ultimo da tua especie? Virá outra especie melhor, não feita do mesmo barro, mas da

mesma luz. Sim, homem derradeiro, toda a plebe dos espiritos perecerá para sempre; a flor d'elles é que voltará á terra para reger as cousas. Os tempos serão rectificados. O mal acabará; os ventos não espalharão mais, nem os germens da morte, nem o clamor dos opprimidos, mas tão sómente a cantiga do amor perenne e a benção da universal justiça...

Ahasverus. — Que importa á especie que vai morrer commigo toda essa delicia posthuma? Cre-me, tu que és immortal, para os ossos que apodrecem na terra as purpuras de Sidonia não valem nada. O que tu me contas é ainda melhor que o sonho de Campanella. Na cidade d'este havia delictos e enfermidades; a tua exclue todas as lesões moraes e physicas. O senhor te ouça! Mas deixa-me ir morrer.

Prometheo. — Vai, vai. Que pressa tens em acabar os teus dias?

Ahasverus. — A pressa de um homem que tem vivido milheiros de annos. Sim, milheiros de annos. Homens que apenas respiraram por dezenas d'elles, inventaram um sentimento de enfado, *tedium vitæ*, que elles nunca puderam conhecer, ao menos em toda a sua implacavel e vasta realidade, porque é preciso haver calcado,

como eu, todas as gerações e todas as ruinas, para experimentar esse profundo fastio da existencia.

Prometheo. — Milheiros de annos?

Ahasverus. — Meu nome é Ahasverus: vivia em Jerusalem, ao tempo em que iam crucificar Jesus-Christo. Quando elle passou pela minha porta, afrouxou ao peso do madeiro que levava aos hombros, e eu empurrei-o, bradando-lhe que não parasse, que não descançasse, que fosse andando até á collina, onde tinha de ser crucificado... Então uma voz annunciou-me do ceu que eu andaria sempre, continuamente, até o fim dos tempos. Tal é a minha culpa; não tive piedade para com aquelle que ia morrer. Não sei mesmo como isto foi. Os phariseus diziam que o filho de Maria vinha destruir a lei, e que era preciso matal-o; eu, pobre ignorante, quiz realçar o meu zelo e d'ahi a acção d'aquelle dia. Que de vezes vi isto mesmo, depois, atravessando os tempos e as cidades! Onde quer que o zelo penetrou n'uma alma subalterna, fez-se cruel ou ridiculo. Foi a minha culpa irremissivel.

Prometheo.— Grave culpa, em verdade, mas a pena foi benevola. Os outros homens leram da

vida um capitulo, tu leste o livro inteiro. Que sabe um capitulo de outro capitulo ? Nada ; mas o que os leu a todos, liga-os e conclue. Ha paginas melancolicas ? Ha outras joviaes e felizes. A'convulsão tragica precede a do riso, a vida brota da morte, cegonhas e andorinhas trocam de clima, sem jámais abandonal-o inteiramente; é assim que tudo se concerta e restitue. Tu viste isso, não dez vezes, não mil vezes, mas todas as vezes ; viste a magnificencia da terra curando a afflicção da alma, e a alegria da alma supprindo á desolação das cousas ; dança alternada da natureza, que dá a mão esquerda a Job e a direita a Sardanapalo.

Ahasverus. — Que sabes tu da minha vida ? Nada ; ignoras a vida humana.

Prometheo. — Ignoro a vida humana ? deixa-me rir ! Eia, homem perpetuo, explica-te. Conta-me tudo ; saiste de Jerusalem...

Ahasverus. — Saí de Jerusalem. Comecei a peregrinação dos tempos. Ia a toda a parte, qualquer que fosse a raça, o culto ou a lingua ; soes e neves, povos barbaros e cultos, ilhas, continentes onde quer que respirasse um homem, ahi respirei eu. Nunca mais trabalhei. Trablaho é refugio, e não tive esse refugio. Cada manhã achava com-

migo a moeda do dia... Vede; cá está a ultima. Ide, que já não sois precisa *(atira a moeda ao longe)*. Não trabalhava, andava apenas, sempre, sempre, sempre, um dia e outro dia, um anno e outro anno, e todos os annos, e todos os seculos. A eterna justiça soube o que fez: sommou a eternidade com a ociosidade. As gerações legavam-me umas ás outras. As linguas que morriam ficavam com o meu nome embutido na ossada. Com o volver dos tempos, esquecia-se tudo; os heróes dissipavam-se em mythos, na penumbra, ao longe; e a historia ia caindo aos pedaços, não lhe ficando mais que duas ou tres feições vagas e remotas. E eu via-as de um modo e de outro modo. Falaste em capitulo? Os que se foram, á nascença dos imperios, levaram a impressão da perpetuidade d'elles; os que expiraram quando elles decaíam, enterraram-se com a esperança da recomposição; mas sabes tu o que é ver as mesmas cousas, sem parar, a mesma alternativa de prosperidade e desolação, desolação e prosperidade, eternas exequias e eternas alleluias, auroras sobre auroras, occasos sobre occasos?

Prometheo. — Mas não padeceste, creio; é alguma cousa não padecer nada.

AHASVERUS. — Sim, mas vi padecer os outros homens, e, para o fim o expectaculo da alegria dava-me a mesma sensação que os discursos de um doudo. Fatalidades do sangue e da carne, conflictos sem fim, tudo vi passar a meus olhos, a ponto que a noite me fez perder o gosto ao dia, e acabo não distinguindo as flores das urzes. Tudo se me confunde na retina enfarada.

PROMETHEO. — Pessoalmente não te doeu nada; e eu que padeci por tempos innumeros o effeito da colera divina?

AHASVERUS. — Tu?

PROMETHEO. — Prometheo é o meu nome.

AHASVERUS. — Tu Prometheo?

PROMETHEO. — E qual foi o meu crime? Fiz de lodo e agua os primeiros homens, e depois compadecido, roubei para elles o fogo do céu. Tal foi o meu crime. Jupiter, que então regia o Olympo, comdemmou-me ao mais cruel supplicio. Anda, sobe commigo a este rochedo.

AHASVERUS. — Contas-me uma fabula. Conheço esse sonho hellenico.

PROMETHEO. — Velho incredulo! Anda ver as proprias correntes que me agrilhoaram; foi uma pena excessiva para nenhuma culpa; mas a di-

vindade orgulhosa e terrivel... Chegamos, olha, aqui estão ellas...

Ahasverus. — O tempo que tudo roe não as quiz então?

Prometheo. — Eram de mão divina; fabricou-as Vulcano. Dois emissarios do ceu vieram atar-me ao rochedo, e uma aguia, como aquella que lá corta o horisonte, comia-me o figado, sem consumil-o nunca. Durou isto tempos que não contei. Não, não podes imaginar este supplicio...

Ahasverus. — Não me illudes? Tu Prometheo? Não foi então um sonho da imaginação antiga?

Prometheo. — Olha bem para mim, palpa estas mãos. Vê se existo.

Ahasverus. — Moysés mentiu-me. Tu Prometheo, creador dos primeiros homens?

Prometheo. — Foi o meu crime.

Ahasverus. — Sim, foi o teu crime, artifice do inferno; foi o teu crime inexpiavel. Aqui devias ter ficado por todos os tempos, agrilhoado e devorado, tu, origem dos males que me affligiram. Careci de piedade, é certo; mas tu, que me trouxeste á existencia, divindade perversa, foste a causa original de tudo.

PROMETHEO. — A morte proxima obscurece-te a razão.

AHASVERUS. — Sim, és tu mesmo, tens a fronte olympica, forte e bello titão: és tu mesmo... São estas a cadeias? Não vejo o signal das tuas lagrimas.

PROMETHEO. — Chorei-as pela tua raça.

AHASVERUS. — Ella chorou muito mais por tua culpa.

PROMETHEO. — Ouve, ultimo homem, ultimo ingrato!

AHASVERUS. — Para que quero eu palavras tuas? Quero os teus gemidos, divindade perversa. Aqui estão as cadeias. Vê como as levanto nas mãos; ouve o tinir dos ferros... Quem te desagrilhoou outr'ora?

PROMETHEO. — Hercules.

AHASVERUS. — Hercules... Vê se elle te presta egual serviço, agora que vaes ser novamente agrilhoado.

PROMETHEO. — Deliras.

AHASVERUS. — O céu deu-te o primeiro castigo; agora a terra vai dar-te o segundo e derradeiro. Nem Hercules poderá mais romper estes ferro. Olha como os agito no ar, á maneira

de plumas; é que eu represento a força dos desesperos millenarios. Toda a humanidade está em mim. Antes de cair no abysmo, escreverei n'esta pedra o epitaphio de um mundo. Chamarei a aguia, e ella virá; dire-lhe hei que o derradeiro homem, ao partir da vida, deixa-lhe um regalo de deuses.

Prometheo. — Pobre ignorante, que rejeitas um throno! Não, não pódes mesmo rejeital-o.

Ahasverus. — E's tu agora que deliras. Eia, prostra-te, deixa-me ligar-te os braços. Assim, bem, não resistirás mais; arqueja para ahi. Agora as pernas...

Prometheo. — Acaba, acaba. São as paixões da terra que se voltam contra mim; mas eu, que não sou homem, não conheço a ingratidão. Não arrancarás uma lettra ao teu destino, elle se cumprirá inteiro. Tu mesmo serás o novo Hercules. Eu, que annunciei a gloria do outro, annuncio a tua; e não serás menos generoso que elle.

Ahasverus. — Deliras tu?

Prometheo. — A verdade ignota aos homens é o delirio de quem a annuncia. Anda, acaba.

AHASVERUS. — A gloria não paga nada, e extingue-se.

PROMETHEO. — Esta não se extinguirá. Acaba, acaba; ensina ao bico adunco da aguia como me ha de devorar a entranha; mas escuta... Não, não escutes nada; não pódes entender-me.

AHASVERUS. — Fala, fala.

PROMETHEO. — O mundo passageiro não póde entender o mundo eterno; mas tu serás o élo entre ambos.

AHASVERUS. — Dize tudo.

PROMETHEO. — Não digo nada; anda, aperta bem estes pulsos, para que eu não fuja, para que me aches aqui á tua volta. Que te diga tudo? Já te disse que uma raça nova povoará a terra, feita dos melhores espiritos da raça extincta; a multidão dos outros perecerá. Nobre familia, lucida e poderosa, será perfeita communhão do divino com o humano. Outros serão os tempos, mas entre elles e estes um élo é preciso, e esse élo és tu.

AHASVERUS. — Eu?

PROMETHEO. — Tu mesmo, tu, eleito, tu, rei. Sim, Ahasverus, tu serás rei. O errante pousará. O desprezado dos homens governará os homens.

Ahasverus.— Titão artificioso, illudes-me...! Rei, eu?

Prometheo. — Tu rei. Que outro seria? O mundo novo precisa de uma tradição do mundo velho, e ninguem póde falar de um a outro como tu. Assim não haverá interrupção entre as duas humanidades. O perfeito procederá do imperfeito, e a tua bocca dir-lhe-ha as suas origens. Contarás aos novos homens todo o bem e todo o mal antigo. Reviverás assim como a arvore a que cortaram as folhas seccas, e conserva tão sómente as viçosas; mas aqui o viço é eterno.

Ahasverus. — Visão luminosa! Eu mesmo?

Prometheo. — Tu mesmo.

Ahasverus. — Estes olhos... estas mãos... vida nova e melhor... Visão excelsa! Titão, é justo. Justa foi a pena; mas egualmente justa é a remissão gloriosa do meu peccado. Viverei eu? eu mesmo? Vida nova e melhor? Não, tu mofas de mim.

Prometheo. — Bem, deixa-me, voltarás um dia, quando este immenso ceu for aberto para que desçam os espiritos da vida nova. Aqui me acharás tranquillo. Vai.

Ahasverus. — Saudarei outra vez o sol?

PROMETHEO. — Esse mesmo que ora vai a cair. Sol amigo, olho dos tempos, nunca mais se fechará a tua palpebra. Fita-o, se pódes.

AHASVERUS. — Não posso.

PROMETHEO. — Podel-o-has depois quando as condições da vida houverem mudado. Então a tua retina fitará o sol sem perigo, porque no homem futuro ficará concentrado tudo o que ha melhor na natureza, energico ou subtil, scintillante ou puro.

AHASVERUS. — Jura que me não mentes.

PROMETHEO. — Verás se minto.

AHASVERUS. — Fala, fala, mais, conta-me tudo.

PROMETHEO. — A descripção da vida não vale a sensação da vida; tel-a-has prodigiosa. O seio de Abrahão das tuas velhas Escripturas não é senão esse mundo ulterior e perfeito. Lá verás David e os prophetas. Lá contarás á gente estupefacta, não só as grandes acções do mundo extincto, como tambem os males que ella não ha de conhecer, lesão ou velhice, dólo, egoismo, hypocrisia, a aborrecida vaidade, a inopinavel toleima e o resto. A alma terá, como a terra, uma tunica incorruptivel.



PROMETHEO. — Rei eleito de uma raça eleita.

AHASVERUS. — Não é demais para resgatar o profundo desprezo em que vivi. Onde uma vida cuspiu lama, outra vida porá uma aureola. Anda, fala mais... fala mais... (*Continuá sonhando. As duas aguias approximam-se*).

UMA AGUIA. — Ai, ai, ai d'este ultimo homem, está morrendo e ainda sonha com a vida.

A OUTRA. — Nem elle a odiou tanto, senão porque a amava muito.



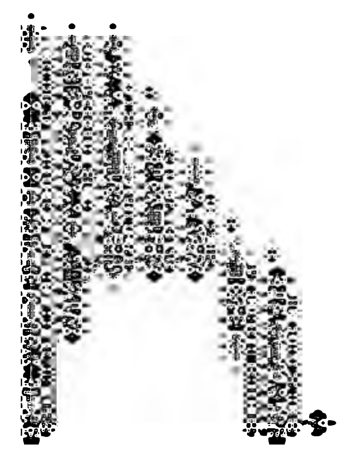


O conego

ou

Metaphysica do estylo







O CONEGO

OU

METAPHYSICA DO ESTYLO

« Vem do Libano, esposa minha, vem do Libano, vem... As mandragoras deram o seu cheiro. Temos ás nossas portas toda a casta de pombos... »

— « Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, que se encontrardes o meu amado, lhe façaes saber que estou enferma de amor... »

Era assim, com essa melodia do velho drama de Judá, que procuravam um ao outro na cabeça do conego Mathias um substantivo e um adjectivo... Não me interrompas, leitor precipitado; sei que não acreditas em nada do que vou dizer. Dil-o-hei, comtudo, a despeito da tua pouca fé, porque o dia da conversão publica ha de chegar.

N'esse dia, — cuido que por volta de 2222, — o paradoxo despirá as azas para vestir a japona de uma verdade commum. Então esta pagina merecerá, mais que favor, apotheose. Hão de traduzil-a em todas as linguas. As academias e institutos farão d'ella um pequeno livro, para uso dos seculos, papel de bronze, córte-dourado, letras de opala embutidas, e capa de prata fosca. Os governos decretarão que ella seja ensinada nos gymnasios e lyceus. As philosophias queimarão todas as doutrinas anteriores, ainda as mais definitivas, e abraçarão esta psychologia nova, unica verdadeira, e tudo estará acabado. Até lá passarei por tonto, como se vai ver.

Mathias, conego honorario e pregador effectivo, estava compondo um sermão quando começou o idyllio psychico. Tem quarenta annos de idade, e vive entre livros e livros para os lados da Gamboa. Vieram encommendar-lhe o sermão para certa festa proxima; elle que se regalava então com uma grande obra espiritual, chegada no ultimo paquete, recusou o encargo; mas instaram tanto, que aceitou.

— Vossa Reverendissima faz isto brincando, disse o principal dos festeiros.

Mathias sorriu manso e discreto, como devem

sorrir os ecclesiasticos e os diplomatas. Os festeiros despediram-se com grandes gestos de veneração, e foram annunciar a festa nos jornaes, com a declaração de que pregava ao Evangelho o conego Mathias « um dos ornamentos do clero brazileiro ». Este « ornamento do clero » tirou ao conego a vontade de almoçar, quando elle o leu agora de manhã; e só por estar ajustado, é que se metteu a escrever o sermão.

Começou de má vontade, mas no fim de alguns minutos já trabalhava com amor. A inspiração, com os olhos no céu, e a meditação, com os olhos no chão, ficam a um e outro lado do espaldar da cadeira, dizendo ao ouvido do conego mil cousas mysticas e graves. Mathias vai escrevendo, ora devagar, ora depressa. As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. Algumas trazem poucas emendas ou nenhumas. De repente, indo escrever um adjectivo, suspende-se; escreve outro e risca-o; mais outro, que não tem melhor fortuna. Aqui é o centro do idyllio. Subamos á cabeça do conego.

Upa! Cá estamos. Custou-te, não, leitor amigo? E' para que não acredites nas pessoas que vão ao Corcovado, e dizem que alli a impressão da altura é tal, que o homem fica sendo

cousa nenhuma. Opinião panica e falsa, falsa como Judas e outros diamantes. Não creias tu nisso, leitor amado. Nem Corcovados, nem Hymalayas valem muita cousa ao pé da tua cabeça, que os mede. Cá estamos. Olha bem que é a cabeça do conego. Temos á escolha um ou outro dos hemispherios cerebraes; mas vamos por este, que é onde nascem os substantivos. Os adjectivos nascem no da esquerda. Descoberta minha, que, ainda assim, não é a principal, mas a base d'ella, como se vai ver. Sim, meu senhor, os adjectivos nascem de um lado, e os substantivos de outro, e toda a sorte de vocabulos está assim dividida por motivo da differença sexual...

— Sexual?

Sim, minha senhora, sexual. As palavras tem sexo. Estou acabando a minha grande memoria psycho-lexico-logica, em que exponho e demonstro esta descoberta. Palavra tem sexo.

— Mas, então, amam-se umas ás outras?

Amam-se umas ás outras. E casam-se. O casamento d'ellas é o que chamamos estylo. Senhora minha, confesse que não entendeu nada.

— Confesso que não.

Pois entre aqui tambem na cabeça do conego. Estão justamente a suspirar d'este lado. Sabe

quem é que suspira? é o substantivo de ha pouco, o tal que o conego escreveu no papel, quando suspendeu a penna. Chama por certo adjectivo, que lhe não apparece: « Vem do Libano, vem... » E fala assim, pois está em cabeça de padre; se fosse de qualquer pessoa do seculo, a linguagem seria a de Romeu: « Julieta é o sol... ergue-te, lindo sol. » Mas em cerebro ecclesiastico, a linguagem é a das Escripturas. Ao cabo, que importam formulas? Namorados de Verona ou de Judá falam todos o mesmo idioma, como acontece com o thaler ou o dollar, o florim ou a libra, que é tudo o mesmo dinheiro.

Portanto, vamos lá por essas circumvoluções do cerebro ecclesiastico, atraz do substantivo que procura o adjectivo. Sylvio chama por Sylvia. Escutai; ao longe parece que suspira tambem alguma pessoa; é Sylvia que chama por Sylvio.

Ouvem-se agora e procuram-se. Caminho difficil e intrincado que é este de um cerebro tão cheio de cousas velhas e novas! Ha aqui um borborinho de ideias, que mal deixa ouvir os chamados de ambos; não percamos de vista o ardente Sylvio, que lá vai, que desce e sóbe, escorrega e salta; aqui, para não cair, agarra-se a umas raizes latinas, alli abordoa-se a um psalmo, acolá

dando,
de re-

lguma
lhe as
s, não
eterno
á pro-
fórmas
do Sol
tilenas
pede
o; pede

da; é o
ncosta-
quece o
poleiro,
do cos-
todo ao
o co-
a cum-
da ja-
azer os
a na-
egresso

d'aquelle galé do espirito. Elle proprio alegra-se, entorna os olhos por esse ar puro, deixa-os ir fartarem-se de verdura e fresquidão, ao som de um passarinho e de um piano; depois fala ao papagaio, chama o jardineiro, assoa-se, esfrega as mãos, encosta-se. Não lhe lembra mais nem Sylvio nem Sylvia.

Mas Sylvio e Sylvia á que se lembram de si. Emquanto o conego cuida em cousas extranhas, elles proseguem em busca um do outro, sem que elle saiba nem suspeite nada. Agora, porém, o caminho é escuro. Passamos da consciencia para a inconsciencia, onde se faz a elaboração confusa das ideias, onde as reminiscencias dormem ou cochilam. Aqui pullula a vida sem fórmas, os germens e os detrictos, os rudimentos e os sedimentos; é o desvão immenso do espirito. Aqui cairam elles, á procura um do outro, chamando e suspirando. Dê-me a leitora a mão, agarre-se o leitor a mim, e escorreguemos tambem.

Vasto mundo incognito. Sylvio e Sylvia rompem por entre embryões e ruinas. Grupos de ideias, deduzindo-se á maneira de syllogismos, perdem-se no tumulto de reminiscencias da infancia e do seminario. Outras ideias, gravidas de ideias, arrastam-se pesadamente, amparadas por

[illegible] alga-
[illegible] ão da
[illegible] as as
[illegible] as, li-
[illegible], que
[illegible] nego
[illegible] s pias
[illegible] estão
[illegible] tão as
[illegible] retas,
[illegible] ui um
[illegible] ousas
[illegible] ra ja-
[illegible] ura.

[illegible]

[illegible] negam
[illegible] e phi-
[illegible] e his-
[illegible] udo á
[illegible] mão
[illegible] ficou
[illegible] isso é
[illegible] vados
[illegible] través
[illegible] dos os

abysmos. Tambem os desgostos hão de vir. Pezares sombrios, que não ficaram no coração do conego, cá estão, á laia de manchas moraes, e ao pé d'elles o reflexo amarello ou roxo, ou o que quer que seja da dor alheia e universal. Tudo isso vão elles cortando, com a rapidez do amor e do desejo.

Cambaleias, leitor? Não é o mundo que desaba; é o conego que se sentou agora mesmo. Espaireceu á vontade, tornou á mesa do trabalho, e relê o que escreveu, para continuar; péga da penna, molha-a desce-a ao papel, a ver que adjectivo ha de annexar ao substantivo.

Justamente agora é que os dous cubiçosos estão mais perto um do outro. As vozes crescem, o enthusiasmo cresce, todo o *Cantico* passa pelos labios d'elles, tocados de febre. Phrases alegres, anecdotas de sacristia, caricaturas, facecias, disparates, aspectos esturdios, nada os retem, menos ainda os faz sorrir. Vão, vão, o espaço estreita-se. Ficai ahi, perfis meio-apagados de paspalhões que fizeram rir ao conego, e que elle inteiramente esqueceu; ficai, rusgas extinctas, velhas charadas, regras de voltarete, e vós tambem, cellulas de ideias novas, debuxos de concepções, pó que tens de ser pyramide, ficai, abal-

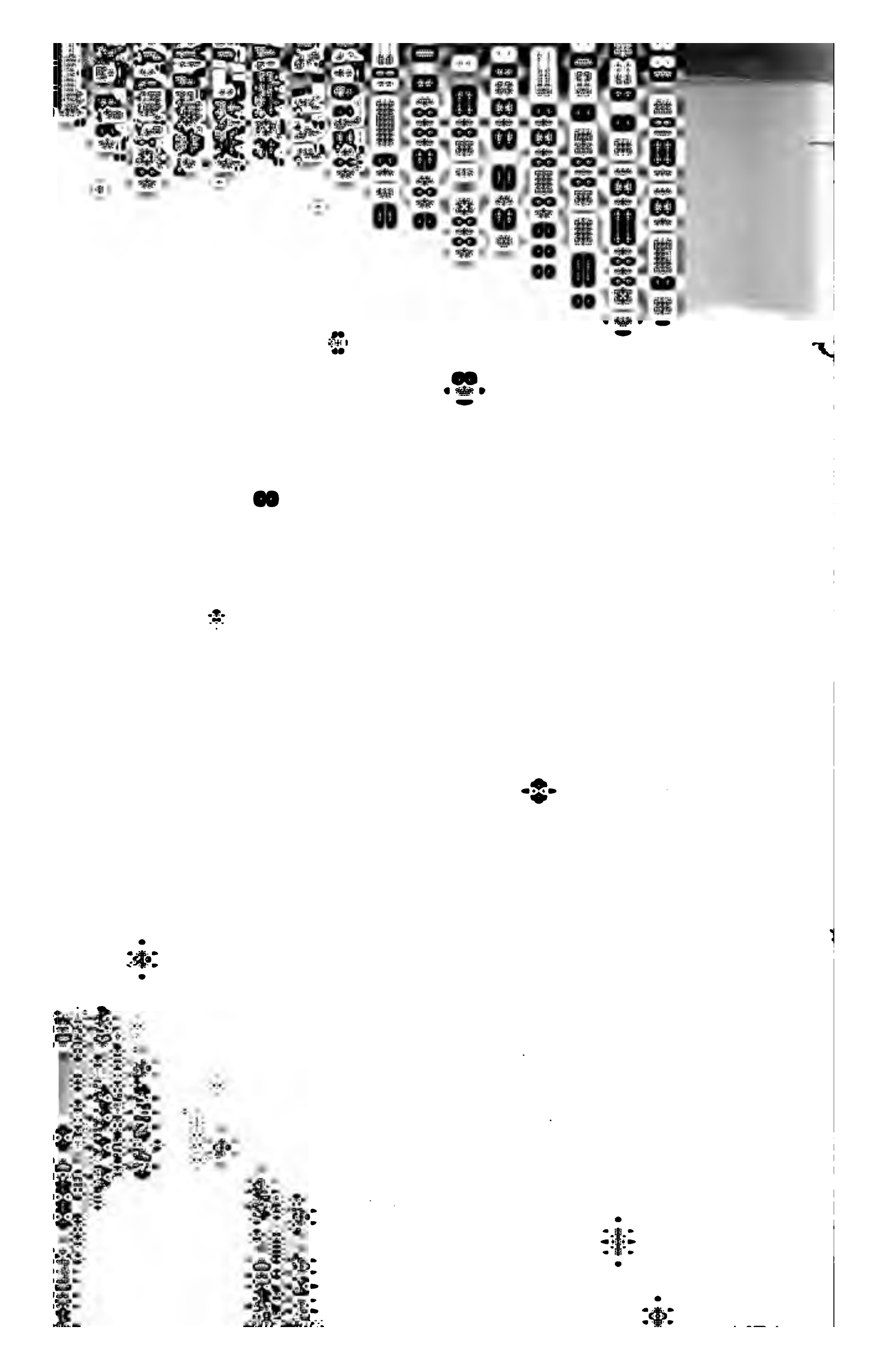
roai, esperai, desesperai, que elles não têm nada comvosco. Amam-se e procuram-se.

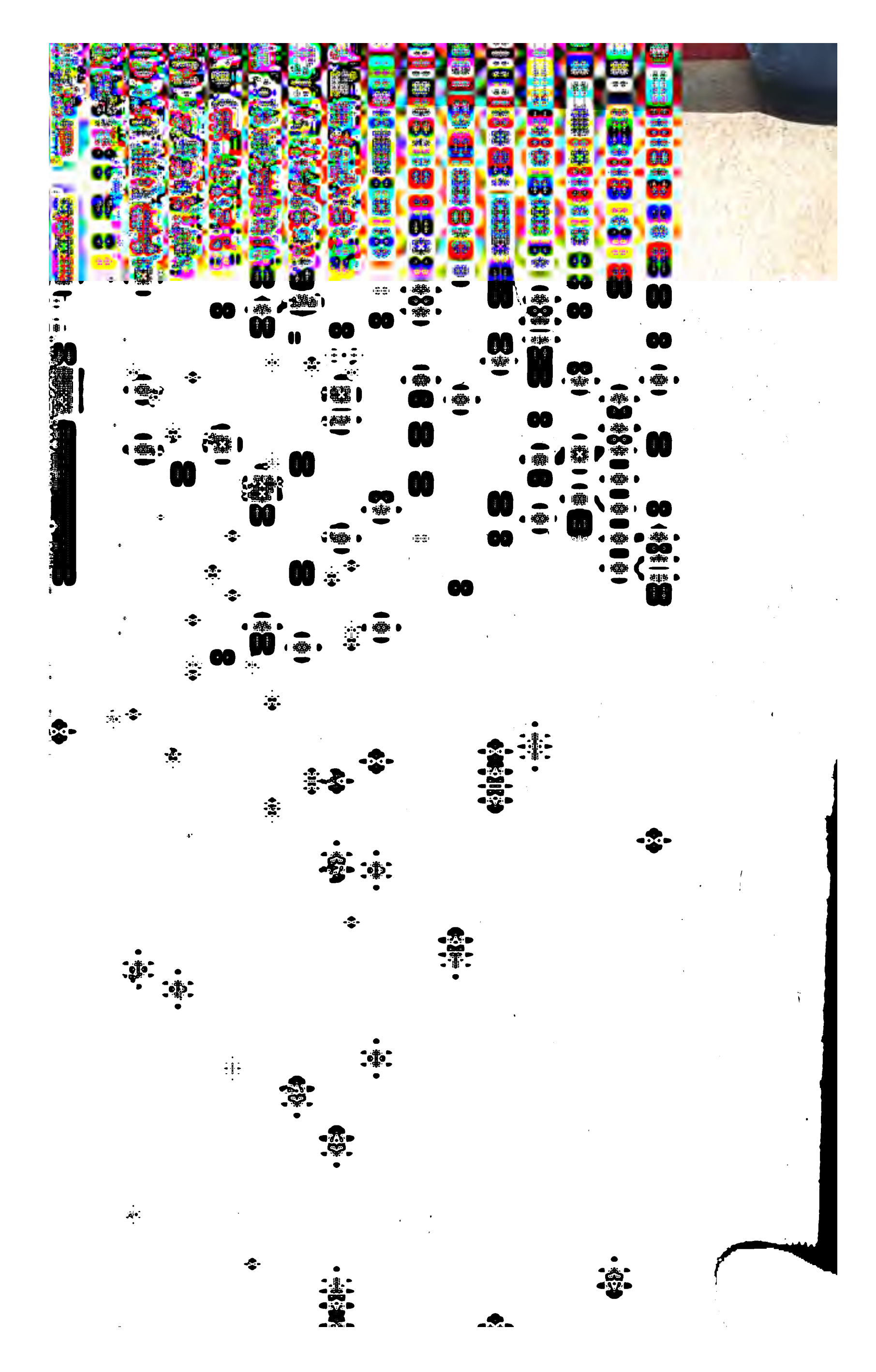
Procuram-se e acham-se. Emfim, Sylvio achou Sylvia. Viram-se, cairam nos braços um do outro, offegantes de canceira, mas remidos com a paga. Unem-se, entrelaçam os braços, e regressam palpitando da inconsciencia para a consciencia. « Quem é esta que sóbe do deserto, firmada sobre o seu amado? » pergunta Sylvio, como no *Cantico;* e ella com a mesma labia erudita, responde-lhe que « é o sello do seu coração », e que « o amor é tão valente como a propria morte ».

N'isto, o conego estremece. O rosto illumina-se-lhe. A penna cheia de commoção e respeito, completa o substantivo com o adjectivo. Sylvia caminhará agora ao pé de Sylvio, no sermão que o conego vai prégar um dia d'estes, e irão juntinhos ao prelo, se elle colligir os seus escriptos, o que não se sabe.

INDICE

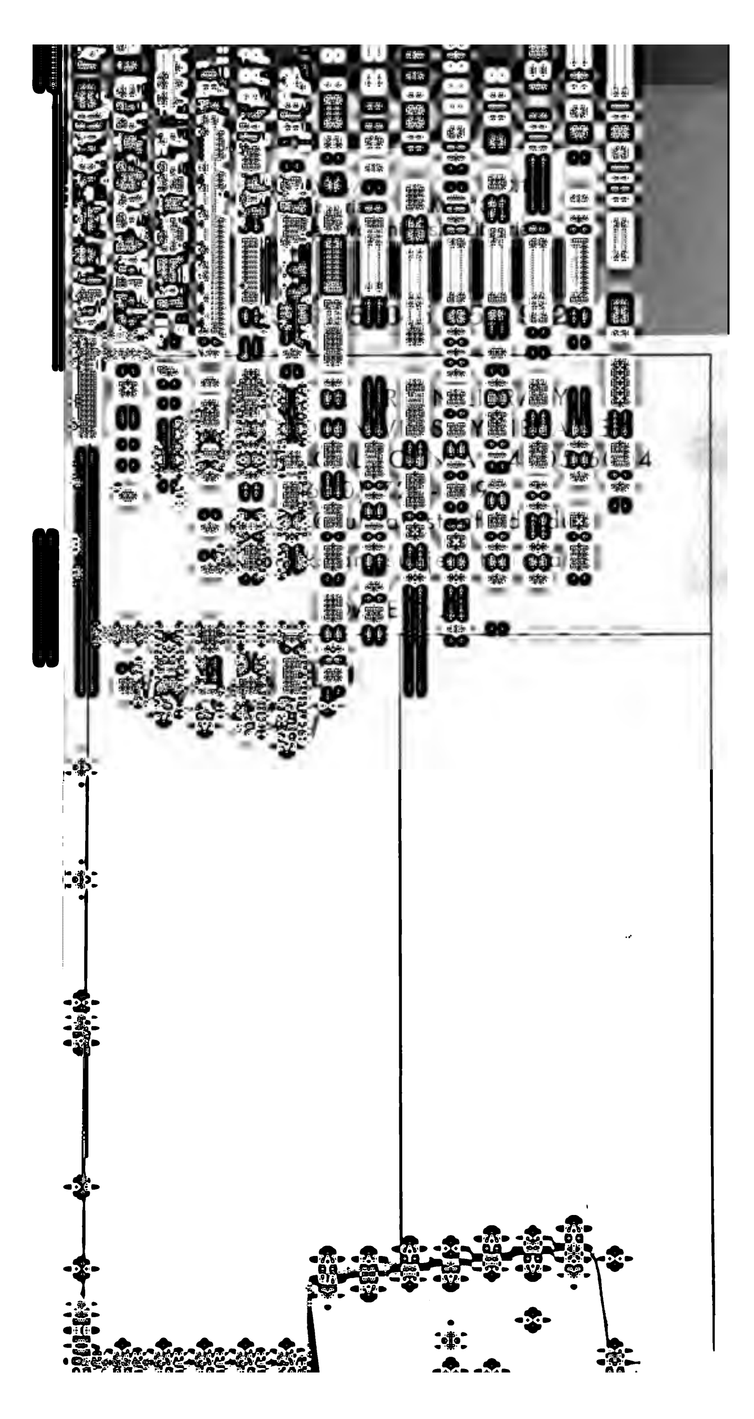
Paris — Typ. H. GARNIER





.Y

ed on




.Y
ed on